

EU,
que não amo
VOCÊ

*“Apenas um grão de areia
um grão a cada hora
que levado pelo vento
na mão não retorna”*

Luis Vendramel

Eu, que não amo você

Luis Vendramel

Revisão, diagramação e editoração 2018
2o. Edição

"Todo o inferno está contido nesta única palavra: solidão."

[Victor Hugo](#)

O farol - parte I

Avistei o farol, local de minha infância e juventude. Estranho foi ou eu é que fui o estranho. Em todo caso não sei dizer. Aproximei-me e constatei a desolação. Estava abandonado. Pela memória recordei os acontecimentos. Desprevenido já estava sorrindo. Realmente a felicidade está na simplicidade. Foi necessário crescer, casar e amadurecer e para só quando um homem feito e com família criada a estar a perceber das coisas simples. Ah! Fui pego pela nostalgia. Como eu era feliz naquele tempo e nem sabia. Não havia preocupação. Não tanta. Forcei a porta para obter uma melhor entrada e subi a escada. Havia muita areia nos degraus e uma deterioração excessiva no corrimão, a própria ferrugem, desgaste da maresia. Tomei cuidado e para nem me apoiar no ferro. Ofegante alcancei o topo. Nem preciso dizer que quando criança subia e descia aquilo dúzias de vezes e sem nem me cansar num mesmo dia. Bela vista! Havia esquecido. Valeu a pena. Acho que nunca, ali, fiquei tanto tempo em outro lugar a observar ao mundo.

Meu pai era um faroleiro e morávamos numa casa a beira mar. Por vezes ele se arriscava a pescar com o seu pequeno barco em dias de calma e me levava. O oceano azul, o céu azul e a estarmos a avistar a linha inconstante do horizonte lá longe e onde um se encontra com outro. Éramos dois, pai e filho e calados a passar ao dia. Não precisávamos das palavras e chegávamos a dispensá-las por horas. Daí, uma eventual quebra do silêncio e dele a me perguntar se eu estaria bem. Pelo imbróglio, por vezes eu somente balançava a cabeça num sinal positivo e a normalidade voltava. Éramos dois homens que se conheciam e tanto que se comunicavam apenas pelo olhar. Voltávamos a terra quando já ao pôr do sol. Quando tínhamos sorte papai me deixava carregar o peixe em meus braços e a entregar para mamãe limpá-lo. Ele sempre dizia que fui eu que havia pescado na linhada e depois piscava pra mim. Porém ambos sabíamos a verdade. Ou talvez, até a minha mãe quem sabe. Seria de um conluio inocente. Todavia o fato é que ninguém discordava do dito. Eu ficava orgulhoso e depois todos elogiavam o peixe disposto na bandeja na mesa do jantar. Mamãe cozinhava magnificamente e ainda até hoje chego a sentir o gosto daquela comida só pelo fato de recordar.

Caminhei pela areia e continuei a vagar pelo passado tendo a percorrer os lugares vividos por mim. Estava a pensar sobre as minhas lembranças mais antigas:

– Rafa! Aonde vai?

“*Molhar os pés.*”

Era só um pensamento, mas mamãe já sabia.

– Não vá fundo.

Eu a obedecia e a pular as ondinhas. Era um mundo vazio sem preocupação e amplo e de uma longa faixa de praia sem fim. Porém nem tudo era perfeito. Na temporada de verão perdíamos o privilégio da exclusividade, visto da praia encher de gente. Eram os veranistas. Num desses verões tive algo e que me foi mais marcante. Fecho os olhos e quase estou a novamente a pegar na mão da menina. Gabriela! Esse era o seu nome. Ela me deu um beijo na boca e saiu correndo e eu fiquei feito um bobão sentado na areia. Sim! Foi quase ali mesmo. Sai correndo e para ter certeza pela vegetação, mas dali poderia também não ser ou como ser mais adiante. Tudo estava tão diferente. A estação passou e Gabriela foi embora. Não voltou mais em nenhuma outra temporada. Demorei a perceber e mesmo ainda tendo a esperança que num dia quente e ensolarado qualquer ela pudesse aparecer. Claro que foi só ilusão e então eu me esqueci dela, mas não por completo. Foi apenas um modo de dizer, pois distraído volto sem querer a tê-la na minha frente. Jamais apaguei a sua imagem. Mas o tempo a tudo cura e ao vento a tudo leva. Tal como

esse punhado de areia que pego em minha mão e que ao abrir, ao que está se vai. Digo adeus. Seria impossível de conseguir e a ter em minha mão novamente e aos mesmos grãos. Foram únicos e tal como Gabriela, o meu amor juvenil.

Sou filho único e torna-se difícil principalmente quando se é criança e não há com quem brincar. Mas uma coisa compensava a outra, pois o vazio se dava somente nas férias do meio do ano, no inverno, onde tudo era mais triste e cinzento, pois ao restante do ano ou eu estava na escola ou quando no verão a curtir com os turistas, colegas passageiros de minha idade. Assim me acostumei pelo transitório dos rostos e das pessoas com que eu convivia em minha infância e adolescência que vinham e iam. Não era simples e ainda mais quando eu era pequeno, pois nunca pude contar com um amigo propriamente dito. Habituei-me a fazer amizades rápidas e despedidas fáceis. Namoros casuais e sem esperança de continuidade. A exceção foi mesmo Gabriela. Talvez porque foi algo além e eu a amei. Também acho que sempre há uma primeira vez nas coisas para lhe proporcionar o ensinamento e para depois que saiba evitar. Deve ter sido o caso. E depois, das inúmeras dificuldades, que eu tinha em me relacionar. Acreditava que em qualquer momento a garota com quem eu estava haveria de ir embora e a me deixar. Mas não falemos disso. Seria despropósito.

Voltemos para as coisas mais antigas e de quando eu pulava pequenas ondas, ou melhor, saltemos no tempo para as coisas menos antigas, mas que mesmo assim ainda estavam distantes. De um verão marcante para um inverno singular. Um de meus últimos no lugar em que cresci e apesar de nem saber naquele momento que seria um fim. Um de vários e dos vários ciclos que se tem numa vida. Um fim é o começo de outro ciclo. Estávamos num veranico e eu, sem nada pra fazer. A escola não era mais uma opção, visto que para os garotos crescidos o destino se dava para além da vila, na cidade maior e local propício para a continuidade natural dos estudos. Eu abdiquei devido ao óbvio: à distância. Não haveria como frequentar diariamente um lugar tão longe. Meus pais não concordaram, mas também nem muito havia ao que fazer. Justamente era o motivo do que eles decidiram depois sem minha participação ou conhecimento: abandonar ao farol. Mas isso se daria somente dali alguns meses. Nesse ínterim continuávamos distante demais das capitais. Longe e tanto que ao olhar para um lado havia apenas a areia e a praia e o mar e duas gaivotas. Do outro lado, idem, menos as duas gaivotas e mais o farol. Nada mais. O vazio é o vazio e por aquilo que em nossa mente não preenchemos. Para mim não era o vazio, mas algumas vezes, sim.

– Filho! Ao menos estude. Um homem sem conhecimento não é nada, mas tão somente alguém igual a um primata.

Papai tinha razão. Ele era o primeiro a ficar transtornado pela interrupção de meus estudos. Mas essa era a vida que tínhamos. E talvez por esse isolamento fosse o que me deu gosto pela leitura. Encomendei vários livros e horas eu passei imerso neles e longe dali em pensamento. Também tinha algumas poesias que escrevia. Fazia-me bem. Nas outras horas ajudava minha mãe e a meu pai com os afazeres e até a pescar e a realizar demais tarefas com o farol. Lembro um naufrágio e de que o farol salvou vidas. Uma noite agitada. Papai ficou orgulhoso daquilo. Seria a validade de seu trabalho. Também me lembro do homem que surgiu no inverno e quando ninguém aparecia. Da paisagem, o inesperado, e a casa de madeira fincada quase na areia da praia e que destoava do comum. Quase e até mesmo no verão a casa ficava abandonada. Por vezes alguém surgia e a lhe dar manutenção. Ouvi dizer que era de construção irregular e em desacordo com a prefeitura e que num dia haveriam de desmontá-la, mas isso nunca aconteceu. Não pelos órgãos públicos, mas o tempo a tudo modifica. O dono, esse nem se via, mas só aos hóspedes, os inquilinos casuais, que buscavam a mínima comodidade num lugar vazio. Claro que havia chuveiro, mobília e cama. Também uma instante com livros velhos que ninguém mexia. Numa vez teve-se um grupo de jovens e que realizaram uma festa e que eu participei. Não sei muito bem desse dia, ou melhor, noite, pois fiquei bêbado. Papai nem ficou sabendo, mas foi divertido. Outros vieram, mas não igual àquela turma e após longo período vazia esse homem surgiu. Era sem dúvida uma

novidade singular.

– Papai!

– Sim.

– Sabia da casa velha da praia?

– O que têm?

Nem desviou a atenção do veículo que estava a dar manutenção, um jipe modelo antigo.

– Chegou alguém lá.

– É?

– Sim.

– Vai ver é alguém para dar uma geral. Uma casa daquelas não pode ficar abandonada. Aposto que deve ter um monte de coisas pra se fazer. A maresia e a areia acaba com tudo. Se ninguém cuidar logo virá pó. Passa pra mim a chave de fenda.

– Mas não é isso. É de alguém que a alugou.

– Sério? Mas no inverno?

– É o que achei estranho.

– E como tem tanta certeza?

– Pelo jeito e pelo carro.

Levantou a cabeça e olhou ao filho.

– Andou bisbilhotando?

– Eu estava por lá andando.

– Sei. Agora o alicate.

– Como?

– O alicate. E se for o dono?

– Não acho que seja. Ele descarregou um monte de coisas e duas malas grandes. Parece que vai morar.

– Entendi.

– Não é estranho um homem sozinho numa casa grande daquela e a morar de frente ao mar em pleno inverno? Não há nada aqui. Ele poderia ter escolhido outro lugar melhor.

– Parece e pode ser, mas não temos nada a ver com isso. E já te aviso: não vá ficar por lá espionando.

– Claro que não.

– Te conheço. Aliás, fez o que lhe pedi?

– O que?

– Da cerca. Ela precisa de reparos.

– Havia esquecido.

– Eu sei e por isso estou te lembrando.

Realizei as minhas tarefas às pressas e segui rumo a casa, onde passei mais uma tarde inteira observando-a. Novamente a mesma condição, o mesmo silêncio e a ausência de qualquer movimento. Até as janelas permaneciam fechadas e que pelo vão nem sequer se via a nenhuma luz acesa. Cheguei perto e parei e inerte aguardei por algum barulho que nem nunca aconteceu. Acreditei que o homem dormia ou até, na pior das hipóteses, que havia morrido, mas um pensamento flutuante é algo que só confunde a mente. Então, deixei de imaginar. Invadi o quintal e olhei pelo vidro do carro e por algumas frestas da casa. Tudo morto. No varal havia duas roupas penduradas a secar. Tal como fui eu regresssei e sentei na

areia entre a casa e as ondas do mar. Um vento forte e gelado começou a soprar e dali, das nuvens negras que alcançaram o continente uma chuva se deu. Não obstante continuei a vigília e até ao escurecer e que ainda nada havia se alterado e a que nada de novo presenciei. Regressei para o meu lar molhado e tremendo de frio.

– Meu Deus! Por onde esteve?

– A andar.

– Mas nesse tempo meu filho? E por onde se é tudo igual?

Mãe é mãe. Meu pai levantou-se da cadeira aonde costumava pitar o seu cachimbo e a tomar o seu chimarrão.

– Não esteve na casa?

– Não, claro que não.

– Então por onde foi?

– Estava só a esmo e depois a chuva veio forte e fiquei entocado e esperando que ela passasse, mas não passou.

– Sei.

Ficou me olhando. Quem sabe aguardando alguma reação.

– Vá tomar um banho quente e depois comer. Sua mãe fez sopa. Eu vou sair. Tenho que ir ao farol. Preciso dar uma olhada lá nesse vento forte.

– Mas vá de capa, meu querido.

– Claro. Só cuide do seu filho, que ao que parece não consegue cuidar nem de si mesmo.

Passei a noite febril e delirando. E mesmo pelo pouco que dormi em que tive aquele sonho esquisito em que eu estava a perambular quando dei de encontro com o estranho homem. Eu corri dele assustado e pela faixa de areia sem fim, mas fui alcançado, mas não por ele e sim pelas figuras sinistras que desejavam o meu mal. Acordei no escuro e suando frio. De fora da casa a chuva continuava sem dar trégua.

Continuei imprudente. Não sei do motivo, que talvez fosse pela ausência de amigos ou ao que fazer. Ler livros, escrever coisas, alguns poemas e olhar ao mar também cansa. A questão é que fui novamente a casa e ela continuava silenciosa ao extremo. Fiquei um bom tempo na tocaia quando fui pego. Olhei ao acaso para um dos lados e lá longe estava o homem em pé e parado e a me observar. Ele nem se mexeu e eu também, pois estava surpreso e nem tive reação. Então ficamos parados assim e cada qual em pé e mantendo a mesma distância. Talvez devesse correr e sumir, mas o ato em si só seria a confirmação da culpa e de que eu estaria a fazer algo errado. Dessa forma e apesar da vontade de fugir, eu sustentei minha posição e a das minhas pernas. Foram longos minutos. Não sei precisar, talvez além de dez, porém me pareceu muito mais uma eternidade. O que ele estaria esperando? Saberia de mim ou quem eu seria? Então, do nada, ele deu as costas e seguiu andando calmamente pelo caminho contrário de minha posição. Eu continuei imóvel e parado ali e a olhar ao homem até ele desaparecer pela linha que traçou rente ao fim das ondas. Sentei na areia e esperei pela sua volta, mas ele não voltou. Ao menos até a minha desistência da espera, pois a noite não haveria de demorar. Também eu não estava com vontade de justificar novamente sobre o meu paradeiro junto aos meus pais pelas minhas andanças perdidas.

Estava ao alto, no farol e a limpar as suas lentes, tarefa inglória e que meu pai me ensinou nos mínimos detalhes e quando o próprio apareceu:

– E aí, como estamos?

– Bem.

– Precisa de ajuda.
– Não! Já estou terminando.
– Que bom! Acha que daria para a profissão?

– Nisso?

– Sim.

– Claro, com certeza.

– Não ganho muito pelo que a marinha me paga, mas sustento a nossa família.

– Sim, eu sei pai.

– Não desejo que seja isso, mas que encontre o seu caminho. Por isso tem que estudar e para ser alguém melhor do que eu. Do contrário, limpar lentes de um farol será uma das possibilidades que terá.

Larguei os apetrechos que tinha à mão.

– Ora pai, nem precisa justificar. E se eu tiver que ser o que o senhor é, para mim já será uma vitória.

– Sabemos que não precisa ser assim. Só que tem que se esforçar. Eu e sua mãe estamos pensando. Sei que sente pela falta de amigos de sua idade e de viver por cá onde nada existe. Não é algo desejável para uma vida.

– Pai! Por favor, eu jamais diminuiria o homem que me ensinou quase a tudo que sei das coisas. Não se culpe por nada que me falta, pois tenho tudo e mesmo aqui nesse lugar isolado. Quanto ao meu futuro eu saberei cuidar dele. Pois muito bem educado e ensinado.

– É que nós nos preocupamos contigo. Eu e sua mãe não nos importamos em viver aqui, mas contigo não é justo.

– Vocês são os melhores pais e isso me basta. Agora preciso terminar, pois depois tenho que ajudar a mãe. Ela me pediu algumas coisas. Já vou descer.

Papai ficou quieto e a me observar. Dali falou novamente:

– Consertei o jipe.

– Sêrio?

– Sim. E dei uma volta. Fui até a casa velha.

Fiquei pasmo e perdi a fala por segundos. Devo ter ficado branco.

– Bati na porta e o sujeito me atendeu.

Respirei fundo e fui melhorando aos poucos. Consegui perguntar:

– E aí?

– Ora, apresentei-me e ele me convidou a entrar.

– E o senhor entrou?

Voltei ao meu estado normal.

– Claro. Sabe que aquela casa precisa mesmo de um monte de reparos.

– Mas e o homem?

– Simpático. Disse-lhe onde eu morava com a minha família e sobre o farol. Também me ofereci sobre qualquer eventual necessidade de ajuda que pudesse precisar e que eu estaria à disposição.

– Só isso?

– Sim, acho que foi.

– Ele não disse mais nada? Não perguntou sobre quem seria a sua família?

– Não. Deveria? Ah! Ele disse que era jornalista.

Estava na dúvida se eu tinha sido mencionado. Algo como um rapaz a zanzar pelos arredores da velha casa ou a bisbilhotar, mas meu pai nem cogitou a mencionar nada disso. De um modo foi bom, pois eu não haveria de ser ignorado caso meu velho soubesse um mínimo.

– E ele, não falou o que faz aqui ou quanto tempo pretende ficar?

– Não. Nem perguntei. Seria indelicado, mas quase o convidei para num dia desses jantar conosco.

Porém também julguei que poderia ser chato. Mas eu o deixei a vontade. Quem sabe em outra oportunidade. Resumindo, eu o achei normal se é isso que quer saber.

– Entendi. E qual o nome dele?

– Pedro, foi o que ele me disse.

E ficou nisso.

Dias confusos de noites não dormidas. Manifestação do tédio. Nunca um inverno estava sendo tão longo e chato. Tinha saudades de viver, da vila, do verão e do sol, das pessoas e até do longo caminho que fazia diariamente até a escola e que me causava bolhas nos pés. Papai convidou-me para pescar e não aceitei, mas ele insistiu e então, eu fui. Porém o mar e o seu balanço não me trouxeram novidades. Fiquei pensativo e meu pai não me atrapalhou. Estava a pensar no homem da casa velha e dos motivos que me fizeram a não ir mais lá. Ao certo eu sabia disso e que estava atrelada a visita que meu pai fizera ao estranho por lá. Parecia... Ou na verdade era muito mais pelo que eu mantinha, daquela sensação que eu havia sido descoberto. Pedro certamente já saberia de mim. Mas não era bem isso o meu incômodo, mas sim dos motivos que fizeram com que eu chegasse até ali. Por que deveria eu estar encabulado? Deveria pensar e mais ainda numa outra pergunta: por que tratei de espionar esse homem? Eu estava convicto ou formulei a convicção de que algo me surpreenderia. Exato! Era a áurea de mistério de um homem solitário a vir morar por esse condado. Justamente isso é que eu não conseguia compreender. Então, qual o receio de eu ir lá e assim como o meu pai fez e de conversar diretamente com o estranho? Engraçado, estou por mim mesmo a responder. De um pensamento julgo que seria fácil. Também e certamente ele não haveria de revelar aquilo que esconde, pois um homem desses deve esconder muita coisa. A imaginação é fértil quando se está ocioso.

– Filho! E a linhada?

Fui tirado do meu mundo.

– Oi!

– Sua linha está puxando faz tempo. Não vai ver?

Nem havia notado. Puxei e veio um peixão. Nossa janta.

– Está melhorando e superando o mestre.

– Longe disso pai.

– Só precisa não ser tão distraído.

Esperei o momento e para ter a certeza de que ele não estaria. Por isso peguei emprestado o jipe de meu pai, que relutou em ceder.

– Que é isso filho! Você ainda é menor e nem habilitação têm.

– Nesse lugar? Só gostaria de andar um pouco além.

– Está bem, mas tem horário pra voltar.

Até me surpreendi. Era a primeira vez que ele cedia e a me dar o jipe que ele tanto gostava e em minhas mãos e sozinho. Ele até brincou:

– Não é para o encontro com nenhuma garota, né?

– Para isso só se eu decidir ir além de uns trezentos quilômetros.

– Eu sei filho. É brincadeira. Somente tome cuidado.

Não era uma diversão, mas sim um propósito. Segui em direção à casa velha e quando lá cheguei parei e desliguei o motor. Desci do veículo e fiquei a observar. Voltei ao jipe e segui adiante. Parei novamente e dali eu avistei as pegadas numa trilha. Seriam recentes e do mesmo dia, pois caso contrário à maré do dia anterior haveria de tê-las apagado. Só havia um caminho de ida e não encontrei nenhum de

volta. O homem estaria além. Mas quanto pode caminhar um homem solitário? O jipe me ajudou e adiante e muito do previsto e do que eu esperava avistei um ponto distante. Tive a certeza de ser ele e nem precisava me aproximar mais. Aliás, foi até bom, pois ele não deve ter me visto. Regressei e já calculando o tempo de volta dele para a casa velha e que seria muito. Que loucura! Foi o que imaginei, mas não hesitei. Tendo chegado à casa velha fiz o malefício de invadi-la. Era uma necessidade e além do meu controle. Dos motivos não conseguiria explicar. Cedi ao impulso. A porta nem estava fechada como esperado e foi fácil. Notei desde o principio um desleixo pelos ambientes e da guarda de suas coisas. Talvez por isso, que envergonhado, não tenha deixado meu pai passar além da sala. Mas também, qual o motivo de deixar? Dos quartos uma bagunça relativa e de um dos cômodos, aquele justamente que ficava de frente para o mar, constatei as inúmeras garrafas de vinho enfileiradas e vazias. O homem bebia e bem, mas vinho. Conclui que deveria ter trazido um estoque e de fato, eu o achei. Vinho francês e que parecia ser bom. Infelizmente não poderia prová-lo, pois disso seria a prova da denúncia condenatória de minha invasão. Ele tinha ainda várias garrafas a sua disposição e até muito mais que a comida que dispunha. Posso dizer, pois eu até cheguei a abrir a sua geladeira. Voltei ao quarto em que pareceu que ele escolheu como reduto predileto da casa. Dali, talvez aquilo que me surpreenderia. Era uma máquina de escrever e em cima da mesa estavam várias folhas datilografadas e outras tantas numa outra pilha em branco. O cara era um escritor. Evidente! Pois se meu pai disse que ele era um jornalista. Então minimizei e conclui um mundo num pensamento:

“Ah! Era só um livro!”

O homem estava necessitado e a vir para um mundo isolado pra escrever um livro. Uma conclusão simples. Dei uma gargalhada. Toda a minha concepção de mistério se dissolveu, pois atribui somente como sendo um excêntrico. Haveria de deixar finalmente o homem em paz para realizar a sua obra. Todavia num impulso apanhei a pilha do material escrito. E invertendo a ordem da pilha por sobre a mesa me dei de encontro com a primeira página. Nem existia título, mas apenas e o que conclui como sendo o primeiro capítulo. Não deveria, mas comecei a ler e daquilo que me prendeu e mais uma vez me mostrou estar errado sobre como não conceber as coisas precocemente. Sentei-me diante da mesa e tendo a vista da janela ao sul da praia e justamente pra avistar a sua volta. Mas tinha tempo ainda. Pedro haveria de demorar no retorno. Apanhei algumas folhas e comecei a leitura.

O livro: a paixão

Rabisquei traços indefinidos no caderno enquanto olhava o rosto de Sara. Ela mantinha-se compenetrada no professor que ministrava a aula. Eu, porém, não conseguia tirar a atenção dela. Semblante de anjo e de um ser perfeito. Sua postura continuava inflexível, ativa e simples ao mesmo tempo. Vestia roupa comum, mas que no seu corpo traduzia-se em sofisticação. Não se distraía com pormenores e brincadeiras dos colegas da classe. Ao que sabia era uma aluna aplicada. Minha fascinação começou no primeiro momento em que a vi. Como explicar uma coisa tão pessoal? Seria como gostar de uma música no primeiro ouvir, um prato diferente de um sabor novo ao experimentar, se deslumbrar ao chegar pela bela paisagem de um novo lugar. Gosto é gosto com coisas e lugares, mas com pessoas é paixão, amor ou desejo. Com Sara não sabia dizer o que era mais forte, mas sabia que com ela perto de mim minha transformação era notável. Saltos e fortes batidas no coração, mudança de postura e rosto corado. Primeiro encontro: vinha ela andando pelo corredor e eu sentado por cima do banco com dois amigos. Sara nem desviou o olhar e passou por mim como uma folha levada pela brisa ao vento. Um comentário maldoso de um dos meus colegas. Fiz cara séria e dei-lhe uma leve bronca. Acho que não fui compreendido. A verdade é que parecia que a menina já era minha namorada e eu estava a cuidar. Ocorreu apenas ao detalhe dela somente não saber.

Início do ano letivo. Meu terceiro ano na faculdade. Aquela garota que nem conhecia e que me fazia suspirar de repente estava na minha sala. Tive a surpresa total. Djair me cutucou e deu o seu tradicional sorriso de cafajeste. Ignorei. Alguns novos alunos surgiam todo ano, mas o grosso da turma era o mesmo. Sara foi uma das quatro pessoas a ingressar em nossa turma vinda de outro curso. Uma semana de aula e nem um simples “oi” havia lhe dado. Estava no limite do meu incômodo. Algo precisava ser feito. A verdade é que eu quase nada sabia dela. Tinha que mudar isso. O professor me interpelou:

– Senhor Pedro! A aula esta demasiada chata para ficar distraído com rabiscos ao caderno?

Fui surpreendido.

– Não! Claro que não, professor.

– Que bom! Vamos então prestar a atenção na aula ao invés de ficar olhando a linda jovem.

Devo ter ficado vermelho ao extremo, pois uma quentura me subiu pelo pescoço e atingiu o rosto. Não tive coragem de olhar para os lados e murchei na cadeira olhando para frente. Escutei algumas risadas e piadas. Entretanto, não estava preocupado com isso, mas no que Sara havia pensado. Abateu-me o desânimo e eu próprio retive a mim alguns nomes em xingamento: idiota, besta, bobo. A aula prosseguiu e o assunto foi esquecido, mas menos por mim. Por Sara? Não saberia dizer.

No intervalo ela permanecia na companhia de duas meninas, que eram meio afastadas do resto da turma. Eu ficava no lugar de sempre com os antigos amigos. Discutíamos coisas triviais: trote dos calouros, as novas meninas, as férias. Djair apareceu tomando um refrigerante.

– A Marta quer falar contigo. Se você não for lá ela vem aqui até você. Ela está no jardim. O que prefere?

– O que ela quer?

– Acho que o de sempre.

Djair deu uma piscada maliciosa. Era um dos poucos que sabia das minhas aventuras. Deixei aquele grupo de jovens homens e fui até a garota. Marta era o meu caso amoroso do último ano e na qual eu levava à surdina. Nas atuais circunstâncias haveria de querer que ela sumisse da minha vida.

– Oi!

- O que é que há?
- Como assim?
- Tá fugindo de mim?
- Não.
- Não acho. Você não foi muito presente comigo nas férias.
- Ora, estive viajando.
- Tá. E nessa semana? Nem um beijo ou um abraço.
- Nós nos desencontramos.
- É? Eu estava morrendo de saudades.

Marta me puxou para os lados das plantas e tacou-me um beijo e que realmente demonstrou a saudades que ela estava sentindo de mim. Soltei-a e por quase limpei a boca com o braço na sua frente. Olhei aos lados pensando em ter sido descoberto por Sara, mas foi somente imaginação.

- O que foi?
- Nada.
- Você está estranho.
- Impressão.
- Tenho excelente notícia.
- O que?
- Os meus pais vão viajar. Vão ficar três semanas fora e a empregada está no papo.

Deveria ficar contente, pois seriam três semanas de sexo e mordomia, mas ao contrário não estava. Ao homem o sabor da conquista. Marta já havia superado todos os meus desafios. Aliás, nem foi tão difícil. Experimentar e jogar fora e tal como comparado a uma laranja ao bagaço. Conversas e lorotas de que eu era um cara perfeito e ao menos para ela. Então do sexo realizado uma dúzia de vezes até o desinteresse. Na savana africana disso, um quadro natural do macho dominante em copular com o maior número de fêmeas ao seu alcance, aos homens uma constatação de que não estaríamos tão distantes dos animais na qual subjugamos.

- O que acha?
- Legal.
- Que bom que gostou. Posso lhe perguntar uma coisa?
- Claro.
- Será que nesse ano vamos namorar pra valer?
- Como assim?

– Não quero só sair por sair. Gostaria de levá-lo em casa e apresentar-lhe aos meus pais como meu namorado. Eu até falei de você para eles.

- Falou?
- Disse que estou gostando muito de um rapaz da faculdade.
- E o que eles disseram?
- Para eu ir com calma. E também, que gostariam em te conhecer.
- Acho que eles têm razão. É bom irmos com calma.
- Calma! Para transarmos não existia essa calma.

O sinal tocou e fui salvo da discussão que se avolumava.

- Tchau! Eu te procuro mais tarde.

Dei-lhe um beijo no rosto e sai. Encontrei Djair ainda no banco e sozinho.

- E aí?
- E ai, o quê?
- Se acertou com ela?
- Mais ou menos.

- Tenho uma coisa para te falar.
- Pois diga.
- Não vai brigar com ninguém.
- Claro que não.
- Só vou falar por saber que o seu lance com a Martinha está meio barco furado.
- Fala logo essa m*!

Caminhávamos na direção da sala de aula.

- O Mauro é apaixonado pela Marta.
- Tá brincando?

– No duro. Ele não disse propriamente, mas ele estava sacando vocês dois e pensou que tinham terminado. Ele seguiu você até o jardim e viu vocês se beijarem.

- E como você sabe?

– Eu fui com ele.

- Caramba! Explica melhor essa história.

– Quando eu falei que a Marta estava te chamando o Mauro escutou. Ele fez algumas perguntas para mim.

- Como o quê?

– Se vocês tinham terminado. Ele achava que sim.

- E você?

– Disse que não sabia. Ai ele falou que ia conferir. Eu fui junto e não sacando muito bem aquele interesse dele, mas quando a gente chegou lá e vocês estavam se beijando eu logo percebi que o cara é amarradão na Martinha.

- Por que?

– Ele saiu de lá às pressas quase que xingando. Tem coisa que não dá pra disfarçar.

Mauro que ama Marta e que ama Pedro e que ama Sara e que não ama ninguém. Foi essa a minha conclusão.

Postado em cima da minha carteira, o trabalho a ser apresentado na próxima aula. Tinha chegado mais cedo do que o normal e poucos alunos estavam na sala. Decidi ir ao banheiro lavar o rosto. Sai ao corredor. Ao acaso pensei em Sara. E se ela aparecesse nesse exato momento? Premonição! Inesperadamente ela surgiu. Do corredor não tinha como eu retroceder. Tentei me manter firme. Desde o comentário inoportuno era a primeira vez que nos cruzávamos ao corredor. Estávamos próximos. Cada vez mais. Falei um "oi" esdrúxulo e que nem sei se saiu da minha boca. Acho que ela respondeu ou a minha percepção estava demasiada falha, que um som qualquer soou falso aos meus ouvidos. De qualquer forma cada um seguiu o seu destino sem parar. Entrei no banheiro e lavei o rosto. Fiquei a pensar sobre a minha excessiva timidez para com Sara. Era como um bloqueio mental e na qual eu ficava sem ação e palavras. Mulher nenhuma jamais havia me deixado nesse estado de paralisia. Novamente fiquei a recriar minha falta de atitude. O amante vencido e derrotado. Era perturbador amar e sem ter a chance de se expor para outra pessoa o normal de saber. Sara se tornou muito mais para mim e quanto mais disso, exponencialmente as dificuldades pareciam aumentar para que eu me abrisse a apresentar os meus sentimentos. Estava a criar um Everest diante de uma pequena colina.

Apertei a campainha determinado com a ação e que estaria preste a tomar. O ensejo durou exatamente até a porta ser aberta. Valéria, a prima de Marta atendeu.

- Olá Pedro!

– Oi!

Falei desconsertado.

– Entre.

– E a Marta?

– Tá na cozinha.

Na sala estava o namorado de Valéria estirado ao sofá. Marquinhos levantou o braço em saudação.

Retribui. Fui à cozinha apressado. Recebi o cumprimento:

– Oi, meu amor!

Não tive tempo e recebi o beijo caliente em meus lábios.

– Pensei que a noite seria somente nossa.

– Desculpe querido. A prima sugeriu uma “festinha” em quatro. Ia te avisar, mas não deu tempo.

– Queria conversar contigo um assunto sério.

Marta saiu da cozinha sem ter prestado atenção em minhas palavras. Parei na sala de jantar escorando uma cadeira.

– Vem querido. Não se preocupe, pois a empregada eu dispensei.

Ela sentou na poltrona com aquele seu corpo provocante. Uma saia curta e uma blusa de alça de laço. Abaixava e seus seios ficavam quase a mostra. Coxas grossas e bronzeadas. Sandálias de salto e pés bem cuidados. Ele era uma tentação. O pecado imerso num corpo de mulher. Fui até ela.

– Temos lasanha quatro queijos ao forno e vinho tinto importado direto da adega de papai. De sobremesa...

Puxou-me e escutei um estalo ao meu rosto. Minha resistência cedeu ao lado carnal.

– O que pretende? – falei.

– Ter um jantar maravilhoso com excelentes companhias. A lasanha fui eu que fiz. Se você aprovar, casa comigo?

Fiz cara de sério.

– Deixa de ser durão Pedro – falou Valéria que escutou.

– Quem sabe daqui a uma década.

– Estraga prazer. Poderia mentir ao menos hoje.

– Não faz mal prima. O importante é que estamos evoluindo. Prima! Pode dar uma olhada no forno?

Valéria encaminhou-se para a cozinha. Marquinhos levantou e como se fosse proprietário da casa foi até o bar e serviu-se do uísque. Ofereceu-me copo igual.

– Não obrigado.

Uma antipatia se fazia em mim presente toda vez que aquele surfista fajuto me dirigia à palavra.

– Venha querido! Sente comigo.

Escorreguei na poltrona e apertei Martinha ao encosto. Ela levantou as pernas e caiu ao meu colo. Beije-a fortemente como nos filmes do cinema. Olhei o seu rosto de satisfação e em rápido instante me culpei por estar cedendo aos seus encantos demoníacos. Fomos interrompidos:

– Martinha, eu acho que tá bom. Não quer dar uma olhada?

– Tá.

Reparei então na mesa: pratos finos, talheres luminosos, taças de cristais e toalha branca com desenho trabalhado em renda. Tudo bem orquestrado. Marquinhos percebeu minha contemplação:

– Parece até que o presidente veio jantar.

Olhei-o e ignorei seu comentário.

– Hei garotos! Podem se sentar.

Obedecemos. Dali a pouco vieram às duas garotas trazendo o jantar em larga travessa de vidro.

– O que acha?

– A aparência é boa.

– Prima, o vinho!

Não era francês, mas alemão e que meus conhecimentos diriam ser de boa qualidade. Ao certo haveria outros vinhos melhores na adega do seu pai, mas julguei que pelo desconhecimento de Marta nessa área ela se deixou levar pelo formato glamoroso e charmoso da garrafa ao invés do conteúdo e pegou aquele que melhor embalagem tinha. Ela olhou para mim ao passar o vinho em minhas mãos como analisando se eu estaria impressionado.

– Abra-o para a gente.

– Claro.

Abri a garrafa e servi as taças, inclusive a do Marquinhos.

– Delicioso!

O surfista encenou um falso contentamento. Outro gole e voltaria ao uísque.

Fomos à lasanha. Um breve silêncio.

– Muito bom!

Outro comentário pegajoso do surfista.

– E você, querido, gostou?

– Sim. Está ótimo.

Realmente estava bom.

– Sabia que ia adorar.

– E por que?

– Seu prato preferido e feito com amor. É infalível.

– Marta, minha prima, está querendo fisgar o namorado pelo garfo?

– E por que não, prima?

– Como sabia que é um dos meus pratos preferidos? – perguntei.

– Nem se lembra?

– Não.

– Do restaurante que fomos quando começamos a sair. Lasanha na cumbuca se lembra?

– É verdade!

– Homem esquece tudo muito rápido.

– Eu não!

Marquinhos falou de boca cheia.

– Claro que você também – falou Valéria.

– Essa não!

– Quer ver?

– Quero.

Permaneci quieto escutando.

– Nosso primeiro encontro?

Nem parou para pensar e já respondeu:

– Num sábado, quatorze de novembro.

– Primeiro beijo?

– Nesse mesmo dia.

– Quando entrou em casa?

– Duas semanas depois. Vinte e oito.

Marta fez a dela:

– Quando rolou a primeira transa com a prima?

– Que é isso, Marta? – Valéria fez uma falsa cara de indignação.

– Deixa de besteira. Vocês já estão juntos há uns quatro anos. – respondeu Marquinhos.

– Essa é fácil. No carnaval do ano seguinte.

- Sem-vergonha prima! Você falou que não tinha rolado nada lá.
- É, mas rolou. Vamos cortar esse papo.
- Deixa disso, vá! É só brincadeira.
- Tá, mas com exceção de nossa transa, o resto você errou tudo.
- Como errei?
- Errando! Não foi nada disso e quer saber, no primeiro encontro nós nem nos beijamos.
- Como não?

Em um movimento brusco de argumentação, Marquinhos derrubou sua taça de vinho tinto na toalha.

Marta levantou-se de imediato soltando um palavrão:

- Puta m*, Marquito!
- Pô! Foi sem querer Martinha.
- É a toalha de mamãe. E se a mancha não sair?
- Deixa disso prima.

Valéria foi à cozinha e trouxe um pano. Limpou ao que pode. Bem pouco por sinal. O vermelho continuava.

- Não resolveu muito.
- Deixa de ser chata prima. Depois a gente vê isso.

Marta conformou-se. Havia terminado meu prato.

- Sobremesa?
- Vamos esperar os outros terminarem.
- Eu já terminei – respondeu Valéria.
- Eu ainda não – disse Marquinhos.

Senti o roçar de perna por debaixo da mesa. Marta Aproximou-se do meu ouvido e sussurrou:

- Sobremesa?

Respondi em voz baixa também:

- De que tipo?
- Da que você mais gosta.
- Por que não?
- Nos dão licença?

Marta falou, não esperando a resposta do outro casal.

- E a sobremesa?

O surfista perguntou em tom preocupado com seus anseios alimentares.

- Fala com sua namorada, que ela sabe onde tá na geladeira. E vê se não derruba mais nada na mesa.
- E vocês?

A única resposta que Marcos teve foi um cutucão de Valéria.

- Aonde vamos Marta?
- Ao quarto.

Marta subiu a escada na minha frente. Tive o quase impulso de arrancar seu vestido ali mesmo. Depois em um ataque enlouquecido, eu a pegaria ao colo e transaríamos selvagememente nos degraus. Ela continuava a andar. Ia passo a passo lentamente, rebolando e a me puxar pelo braço. Abriu a porta do quarto.

- É aqui.
- Esse não parece ser o seu quarto.
- É dos meus pais.
- Está louca?
- Totalmente.

Marta mordeu aos seus lábios me provocando e eu sucumbi afinal ao desejo. Agarrei-a ao colo e a

joguei na cama de casal. Pulei em seguida por cima dela já arrancando minhas roupas e a dela. Combinação nada saudável: Lasanha quatro queijos com posterior sexo de sobremesa. Possibilidade grande de indigestão.

Uma semana esperando o momento certo. Atinha-me aos detalhes e por isso foi tão difícil. A oportunidade surgiu. Estava convicto que desta vez daria resultado. Na distância eu não era percebido. Observava. Sara estava sozinha no banco folheando um livro. O sol atravessava parcialmente o bloqueio dos galhos da árvore e resplandeciam nela, em seu rosto e ao seu redor. Sara estava iluminada. O jardim estava quase vazio. Um canto de pássaro e um leve vento a soprar. Há alguns metros duas alunas conversavam reservadamente. Respirei fundo e me enchi de coragem e fui ao seu encontro. Algo tão simples, mas muito difícil pra mim. Não sabia o que dizer ao certo, mas ficaria contente somente com uma breve conversa e de eu não ter nenhuma gagueira. Falei o trivial:

– Oi!

Ela olhou-me surpresa.

– Oi!

– Sozinha?

Pergunta idiota. Resisti por algum gesto impróprio dedurar o meu nervosismo.

– Sim.

– Estudando?

Outra pergunta idiota. Desse jeito seria melhor sair correndo.

– Estava apenas revisando a matéria.

Precisava melhorar e falar algo inteligente.

– Gostou da mudança?

– Mudança?

– Sim. Vir estudar aqui.

– Ah! É, estou achando bom.

– E por que veio pra cá?

– Ficou difícil para nós. Meu pai é coronel do exército. Ele foi transferido e eu o acompanhei.

– Então não é daqui?

– Não.

– E de onde é?

– Do Rio.

– Não parece carioca.

– E não sou. Sou de Santa Catarina. Algumas vezes mudamos de estado. Essa é a terceira vez nos últimos tempos.

Minhas mãos suavam e estavam gélidas. Disfarçava ou ao menos tentava. Sara estava linda. Era realmente um anjo. Calma Pedro, muita calma. Não vá estragar tudo agora. Está indo bem.

– E antes, conhecia São Paulo?

– Uma vez. Fico meio confusa às vezes andando por aí. A cidade é muito grande.

– Se precisar de um guia, estou às ordens.

Sara esboçou um sorriso, mas não riu. Comentário sem graça o meu. Tentei recuperar a conversa e a ter o controle:

– E o Rio, é bacana?

– Sim. Adaptei-me bem por lá.

– Com o tempo vai acontecer o mesmo aqui com você.

– É, pode ser. O que sinto mais falta são os amigos, das pessoas próximas de que tinha lá e de meu

namorado.

Namorado! Nunca me ocorreu que ela poderia ter um. Quase entrei em pânico.

– Você namora?

– Sim. Ele ficou no Rio de Janeiro. Não queria que eu viesse. Na verdade eu também não queria deixá-lo, mas dentro das circunstâncias foi o melhor.

Ia perguntar detalhes, mas contive-me. Apesar de querer saber tudo eu achei que seria por demais intrometido em uma primeira conversa. Fomos interrompidos:

– Finalmente te achei.

Olhamos os dois juntos para Adriana, uma das garotas com que Sara havia se enturmado em nossa sala e que parecia ter feito uma boa amizade.

– Estava sozinha quando Pedro chegou.

Ela sabia meu nome? Evidente, se estudamos na mesma sala. Mas sabia...

– Oi Pedro! Já dando em cima da aluna nova?

Podia passar sem essa.

– Nada disso. Estamos só conversando.

– O Pedro está sendo legal – Sara endossou minhas palavras.

Adriana era uma menina de óculos de lentes grossas, cabelo encaracolado e um rosto cheio de espinhas. Se no decorrer destes dois anos troquei meia dúzia de frases com ela foi muito. Meu receio é que ela deveria saber sobre a minha fama de mulherengo e assim falar para Sara. Isso me preocupou.

– Estava só brincando. Vamos lá à biblioteca?

– Claro. Vamos sim. Não quer ir com a gente Pedro?

– Não. Vou comer alguma coisa.

– Então depois a gente se vê.

– Sim. Tchau!

Fiquei contente e triste ao mesmo tempo. Contento por ter finalmente ter quebrado o gelo. E triste pela descoberta de um namorado. Entretanto atinha-me como certo de que o tempo me traria Sara para o meu lado. Precisava somente fazer as coisas certas. E afinal, o tal namorado estava longe e em outro estado. Uma convicção apossou-se de mim, que remetia de que a felicidade só poderia existir se eu tivesse aquela mulher. Eu a amava e de todo o meu coração e apesar de ter conversado com ela apenas essa uma única vez. Deixei o jardim e entrei no corredor com um sorriso bobo no rosto e de uma falsa alegria e pelo tão pouco que eu havia conseguido. Fiquei pensando nisso e muito mais de que Sara havia dito o meu nome.

Fugia de Marta como o rato do gato. Era difícil já que estudávamos no mesmo lugar. Naquele ano sua sala ficava um pouco mais longe da minha e para o meu contentamento nossos horários livres eram diferentes. Abandonei momentaneamente a ideia de terminarmos, mas, entretanto, não queria uma aproximação assídua. Então, ficava naqueles encontros furtivos. Minha preocupação era Sara e sobre o que ela acharia de mim com outra garota. Perderia a chance de conquistá-la. Tinha que passar a imagem do bom moço. Por isso evitava ser visto beijando e namorando.

Desde a conversa do jardim eu não tive semelhante oportunidade de ficar a sós com Sara. Durante a semana ocorreram apenas simples cumprimentos em sala de aula e nas imediações da faculdade. O pior não era isso, mas o meu sentimento crescente de paixão. Parecia uma fixação e que beirava o descontrole. Tinha o pensamento nela nas mais diferentes horas do dia. Comecei a sonhar com ela e sonhos constantes. Estava ficando doente. Eu comia menos e desinteressava-me por outras coisas, como até na natação que comecei a faltar. Não importava, pois não competia mais. Todo poeta que escreve sobre o amor não correspondido tem a razão sobre a dor imensa que se têm. São fagulhas que vão

corroendo ao poucos o seu coração e que depois proliferam pelo corpo. Fagulhas ferventes e sem tempo de acabarem. O sofrimento maior era compartilhar a sua presença todos os dias. Tão perto de mim e tão longe. Se antes estava ficando doente eu deveria caminhar para a loucura se as coisas não mudassem. O engraçado era a minha facilidade e desenvoltura com qualquer garota e tanto que conseguia conquistar várias, menos com Sara, menos com essa mulher. Com ela acontecia o bloqueio quase motivador de um infarto. Acho que o amor, a relevância da importância, fez com que ela me afetasse. E eu a amava como nunca.

Na cantina da faculdade encontrei Adriana tomando um café. No passado não pararia ali, mas agora...

– Olá Adriana!

Tentei ser simpático. Ela mastigava um salgado e por isso fez um gesto de cabeça.

– Café da manhã?

– Sim. Não comi nada em casa.

– E a expectativa para esse ano? Acha que vai ser difícil?

– Parece que sim. Começou puxado.

– É verdade.

– Um monte de coisa já para fazer logo de cara. E aquele livro para ler? Muito pouco tempo. Foi pura sacanagem.

– Também achei, aliás, todo mundo achou, mas vai falar isso para o professor Moacir.

– Ele é difícil de tratar.

– Ao certo não vamos ter moleza.

– Vamos ter que passar alguns sábados estudando.

– Muitas poucas vezes eu fiz isso.

– Pois é. Aliás, vamos reunir uma turminha para discutir o trabalho do Evaristo.

– Mas é individual.

– É, mas se for discutido em grupo é melhor.

– Talvez.

– Não quer ir? É no sábado em minha casa.

– Acho que não vai dar. Quem vai?

– O Jurandir, a Sara e talvez a Beth.

– Pensando bem, talvez seja uma boa. Pode contar comigo.

– Legal! Vamos pra sala?

– Sim.

A sorte às vezes esta do nosso lado. O que chamamos de coincidência talvez fosse dito melhor como destino e eu haveria de seguir o meu indo na casa de Adriana no sábado. Iria estudar e compartilhar ao lado e na presença de Sara.

Era um amplo apartamento. A mãe de Adriana abriu a porta. Atrás dela veio a própria a se desculpar por não ter sido ela. Apresentou tardiamente a mãe, uma senhora simpática. Fomos ao quarto transformado em escritório. Estavam sentadas em volta à mesa de estudo Beth e Sara. Era um começo maravilhoso.

– O Jurandir não vai vir. Ele teve um imprevisto.

– Como?

Não havia prestado a atenção. Adriana repetiu:

– O Jurandir não vem.

– Que pena!

Cumprimentei Beth e Sara e me sentei diante da mesa.

– Aceita um suco, Pedro?

– Aceito. Obrigado!

Concentramo-nos no trabalho. Discussões em que eu não estava interessado, mas que interpretava bem o meu envolvimento. Um leve toque ao braço de Sara. Sensação ao contato direto com a sua pele. A eletricidade de um choque que senti. O pensamento em fuga. Eu fugitivo indo ao encontro de coisas do que nós poderíamos fazer juntos. Seriam viagens infundáveis e maravilhosas e momentos esplêndidos e de inúmeras e infinitas situações. Breve devaneio ao qual alcancei o céu. Sonhando acordado voltou para a Terra e a ter a pergunta daqueles lábios, doces lábios que me seduziam para beijá-los. Respondi de maneira mecânica e sem dar importância. Gostaria de dizer sobre outras coisas. Permaneci interagindo naquela reunião de assunto tedioso. O tempo foi escasso e o meu prazer acabou.

– Já é tarde. É melhor irmos.

Beth estava encerrando o encontro de vez.

– Eu também. Tenho que pegar o ônibus – falou Sara.

Fui ligeiro:

– Eu te dou uma carona.

– Deixa disso Pedro. Você mora do outro lado e eu moro quase perto dela. Pode vir comigo no meu carro Sara. Eu te deixo em casa.

Não tive como argumentar. Antes o Jurandir tivesse vindo e não a Beth e a estragar meu prazer. Deixei o apartamento de Adriana e o meu destino com Sara permanecia incerto.

Ao restringirmos nosso universo, travancados por visões míopes, encalhamos em situações que achamos como irrefutáveis de abandoná-las e partimos para ações desesperadas a fim de conseguirmos o almejado. Batemos na primeira porta que nos proporciona uma solução mágica qualquer. Mortal engano. A longa vida ou curta, dependendo da subjetividade de conceito, mostrará em sua sapiência os erros da imaturidade. Pena que tardiamente.

O endereço era aquele mesmo. Não havia dúvida. Tinha a placa pequena e de tinta descascada, mas dava para ver a sua propaganda limitada. Do outro lado da rua encostei meu corpo na parede e fiquei matando o tempo, mas não por estar indeciso. Seria sim por me sentir receoso do que encontraria no interior daquela casa. Fomentava em minha mente o clichê do gênero. O pior é que eu era um incrédulo, quase um ateu. Minha espiritualidade era rasa. Estava preste a trair a mim mesmo, mas o desespero nos leva a atitudes desesperadas. E nada como um dia atrás do outro pra desvendar nossos percalços. Atravessei a rua e toquei a campainha. Fui atendido por aquele a quem procurava e que me daria à solução mágica para a felicidade.

– Sim?

– Sou o Pedro. Marquei hora com o senhor.

– Claro. Entre. É o amigo da Neide?

– Sim.

Neide era a empregada de minha casa. Quase vinte anos nos servindo. Dava-me muito bem com ela e na falta de partilhar assuntos íntimos com meus pais eventualmente era com ela com quem eu me abria.

– Ela falou muito bem de você. Um jovem bonito e inteligente.

– Ela exagera às vezes.

– Pode se sentar ali na mesa. Eu já venho.

Fiz o seu desejo. Acalmando-me dei uma reparada na sala que era escura. A janela impedia a luz com sua cortina de cor puxada ao vermelho, espessa e grossa. Sofá e poltrona simples, assemelhando-se as daquelas liquidações baratas de lojas populares. Televisão antiga. A marca nem mais existia. Estante

com retrato e objetos africanos e alguns nordestinos. Imagem de um santo e outro de um preto velho na parede. O homem voltou.

– Uma água?

– Não, obrigado.

– A Neide falou um pouco de ti.

– É.

– Sobre o seu interesse por uma moça.

– Sim.

Fiquei um pouco encabulado, mas como negar se afinal estava ali para isso.

– Ela te disse o preço?

– Sim. É pra eu pagar agora?

– Tanto faz filho.

Paguei a quantia devida da consulta. Coloquei o dinheiro ao canto da mesa e que o homem nem mexeu. De um saco de um pano um tanto gasto ele tirou o baralho que pareceu ser antigo e amarelado. Abaixou a cabeça e fechou os olhos. Deu a entender que estava em oração. Mantive-me em silêncio. Terminou a prece. Embaralhou as cartas e colocou o monte em minha frente.

– Corte.

Cortei. Sacou a carta. Uma cena colorida qualquer com três pessoas e com rostos em perfis foi virada a mesa. Minha interpretação ficou sendo dúbia ao quanto de benéfico existia ali para mim. Todavia, queria acreditar que estava indo bem. Repetiu mais duas vezes a operação. Procurei o rosto do meu anfitrião no sentido de que deixasse escapar alguma revelação em sua fisionomia, entretanto, via tão somente um rosto marcado pela vida, impassível de expressar-se e que não iria trair ao seu dono. Impossível antever algo em sua face. Não estava, mas como não ficar ansioso diante daquela cena toda. Tentava imaginar perante as figuras se aquilo era bom ou ruim para mim. Ia perguntar, mas não foi preciso.

– Você é um garoto iluminado. Tem uma força poderosa dentro de ti, que faz com que as coisas aconteçam. Terá um futuro brilhante se souber aproveitar. Os santos te beneficiam.

Não estava interessado naquelas previsões genéricas, mas não queria interrompê-lo. Ele sabia o meu motivo de eu estar ali e caberia eu esperar. Continuamos nas cartas. Alguns outros comentários que ignorei ou tratei sem importância. Saber escutar é uma virtude e eu infelizmente acho que nunca a tive. Finalmente deu-se algo sobre Sara:

– Existe uma forte estima de você para com ela. Você pensa muito nessa menina e gosta muito dela.

– E dela quanto a mim?

– Não vejo nenhum sentimento mais forte.

– Como assim? Nada?

– Ela está ligada com outro. Somente no momento não estão próximos.

– Seria o namorado dela do Rio?

– O destino está a juntá-los.

De uma súbita expectativa veio à decepção.

– E vai ser assim? Não há nada que se possa fazer?

O homem levantou a cabeça e olhou para o meu rosto desapontado e desiludido.

– Filho, enquanto o homem não plantar a árvore não é possível que se diga que terá o fruto. O destino está escrito, mas é passível de mudança.

– Sei.

– Digo-lhe também, que tens uma jovem bem perto de ti que te gosta e te deseja muito.

– É a Marta, a menina com quem saio. Essa eu já sei.

O homem silenciou por instante. Voltou a falar:

– Não é essa que está pensando. Tem outra e que passa despercebida por ti.

– Não faço nem idéia. Desejo saber apenas de Sara. Então, ela não me ama?

– Disso somente ela poderá te responder. Quanto a mim, eu te respondo ao que vejo. E o seu caminho não está no dela e nem o dela está no seu.

Deixei a casa anestesiado. Antes não tivesse ido. Era como se tivesse perdido parte de minhas esperanças e meus sonhos. Há de se saber que quem não sonha o sentido da vida não existe. Justamente. Projetei circunstâncias de um futuro sombrio sem ter Sara ao meu lado. Nunca uma notícia havia sido tão cruel para comigo. Porém me apaguei ao mínimo, naquilo que ele mesmo falou: o destino está escrito, mas é passível de mudança. Então conclui de ainda haver esperança.

Subi ao pedestal. Permaneci imóvel e cabisbaixo olhando o reflexo do sol matinal na água clorada. Corpo ereto e compenetrado. O clube estava vazio. Um ou duas ou três mulheres viciadas em peles bronzeadas na arquibancada e a expor seus corpos ao forte sol e que nem olhavam para mim. Dali a pouco chegaria à gurizada. Acabaria o sossego. Era sempre assim no verão e por isso o de chegar cedo. Aproveitava e sozinho a manhã livre da faculdade. Raridade. Estava defronte a piscina que havia abandonado. Momentos de glória, sacrifício e perseverança. Meu pai sempre dizia que o sucesso com luta se torna mais prazeroso. Seria uma afirmação válida para tudo? O velho estava lá orgulhoso quando recebi a medalha de ouro. Vencia aos cem metros livre. Competição com excelentes nadadores. Poderia ter seguido esse caminho, mas me enjoei da coisa. Meu técnico tentou reverter, mas não conseguiu. Dizia que eu era bom naquilo, mas não dei ouvido. Achava que se eu era bom nadando poderia ser bom em qualquer outro esporte ou no trabalho ou profissão, etc. Presunção? Talvez. Fui descobrir por conta própria. Aprender a vida com erros próprios é mais difícil. Dura verdade que quase sempre seguimos. Continuava imóvel ao pedestal. Se eu era bom, realmente bom em tudo, deveria ser verdade que para Sara eu também seria. A piscina olímpica continuava na minha frente e eu imóvel. Era a prova que precisava ganhar para realizar o meu melhor. Mergulhei deslizando sob a água e ao subir iniciei fortes braçadas. Estava competindo. Podia ouvir os gritos da arquibancada repleta de torcida. Isso! Mais forte! Ninguém me tiraria à vitória. Bati e dei a virada. Boa! Cinquenta metros finais. Concentração. Respiração pausada, ela é importantíssima. Meu técnico acompanhava-me pela borda. Sentia que estava na frente e ninguém me alcançaria. Cheguei! Estava convicto que não só tinha vencido como realizara o meu melhor tempo. Os dois braços levantados em comemoração e despertei. Tudo continuava vazio e menos das três mulheres distantes que continuavam a tomar sol. A prova não tivera sequer um espectador. Eu havia ganhado e isso não importava a ninguém, exceto para mim. Apoiei-me na borda e para recobrar o fôlego. O mundo não havia mudado e continuava tudo igual. Apesar de agora conseguir conversar com Sara, nada aconteceu. Restava-me tão somente de me declarar e a dizer-lhe sobre os meus sentimentos, mas aí é que estava o perigo. E se ela dissesse “não”? E se ela me rejeitasse? Ao fim, a morte, pois já nem mais teria a luz pra continuar vivendo.

O prenúncio do vidente se confirmou. Djair puxou-me para uma conversa de ouvido:

– Tem uma menina da sala que gosta de você.

– É! E quem seria?

– A Adriana.

– Tá brincando?

– Não mesmo.

– E como sabe?

– Nem precisa muito. É só olhar pra ela quando vocês estão juntos. Aliás, vocês ficaram bem amigos

nos últimos tempos. O que houve?

– Deixa de ser curioso. Não é bem assim.

– Então como que é?

– Simplesmente conversamos de vez em quando. Não é natural se estudamos juntos?

– Seria, mas do jeito que te conheço. Com você é diferente.

– E por que?

– Mulheres... Deve ter alguma no meio disso tudo. É a própria?

– Deixa disso!

– Não precisa ficar bravo, só to falando.

– Está é xeretando e de ficar falando. Não disse nada até agora. Que papo furado é esse de Adriana?

Da onde você tirou?

– Vou falar, mas não vai ficar comentando por ai. O Jurandir me cantou a bola, mas me pediu para não comentar contigo.

– E o que?

– A Adriana é amigona dele e daí um dia deu com a língua nos dentes. Ela gosta de você desde o primeiro ano.

– E por que ela vem se revelar só agora?

– Ora, é agora que você está dando brecha pra ela. Eu soube que até no apartamento dela você foi.

Ela devia ter medo de chegar em você antes.

– Será mesmo?

– Pode apostar.

– Caramba Djair! Você sabe que eu estou enrolado com a Marta.

– Sei, mas o que você quer que eu faça? Estou apenas te contando o que vieram me falar. Não deveria?

– Claro que sim. Desculpe.

– Não devia me meter, mas olhando bem pra ela, a menina não é tão ruim. Tirando os óculos de garrafa e tendo uma roupinha melhor e moderninha e fora as espinhas...

– Deixa disso. Não tenho nenhum interesse nela.

– Bom! O toque está dado.

– Agradeço.

Encostei-me na cadeira e a cabeça na parede ao fundo da sala. Desviei o olhar para a perpendicular e passei a analisar Adriana, que sentava quase na primeira fileira. Realmente, ela tinha certo atrativo se olhada mais minuciosamente. Era alta e seu corpo não era como aos das modelos, mas não creio que precisasse de ajustes. Não era gorda e também muito menos magra, mas seria meramente uma questão de gosto. A impressão que me dava é que os óculos escondiam a sua pessoa. Aquelas lentes grossas. Podia ganhar muito se não os usasse. Sua simpatia era o ponto forte. Pensei sobre o motivo de ter negligenciado a sua amizade até então e não encontrei nenhuma resposta plausível. Determinadas pessoas têm o dom de tornarem-se invisíveis. Talvez essa seja a maior qualidade da Adriana: a de tentar ser ninguém e passar despercebida.

O vidente me veio à cabeça. Como saberia? Poderia ter dito aquilo e eu continuaria a desconfiar quem seria, ou melhor, ficaria até em dúvida quanto à veracidade do que ele havia dito, mas nem uma semana havia passado e vem à confirmação de sua revelação e de que outra menina gostava de mim. Está bem! Poderia tratar aquilo como sendo uma coincidência, mas também poderia não ser. Se assim fosse ele deveria estar certo sobre as outras coisas, sobre Sara, sobre ela não gostar de mim. Conexões, lembranças de todas as suas palavras. Isso era importante. A árvore. Isso! Nada está escrito até ter realmente acontecido. Para que todo aquele pensamento afinal? Estava valorizando demais as palavras de um estranho. Ao lado de Adriana estava Sara e sentada. Esforçava-me em acreditar que ela ainda

continuava ao meu alcance. Não deveria esmorecer. Dependia de mim. Ao acaso, Adriana virou para trás e flagrou-me compenetrado olhando para as duas. Sorriu e eu fiz o mesmo. Sara nem percebeu.

Contei o dinheiro no quarto antes de sair. Era a quantia devida. Não deveria fazer aquilo, mas pela verdade ou pela mentira não custaria tentar. Se desse certo, um tanto melhor e caso contrário, o pior era ter gasto inutilmente o meu dinheiro. Meus pais não estavam em casa e assim não haveria de me preocupar. Fui atrás de Neide. Ela estava na cozinha preparando o jantar.

– Oi Neide!

– É você Pedrinho?

Fiquei rodeando-a e belisquei algumas castanhas que ela iria misturar em uma de suas receitas. Neide franziu a testa, mas desta vez não deu bronca em mim. Tinha que falar e soltei de uma vez:

– Eu tenho comigo o dinheiro.

– O dinheiro?

– Sim. Do trabalho.

– Vai querer fazer então?

– Sim.

– Está certo. Preciso do nome da menina.

– No papel, junto com as notas. Aqui está.

Empurrei na mesa o envelope.

– O nome inteiro?

– Sim.

– Completo?

– Sim Neide.

Com ela não tinha jeito. Tinha aquela mania de ficar repetindo as coisas. Ela enxugou as mãos no avental e apanhou o dinheiro.

– Não se preocupe que vai dar tudo certo. Pai Ari nunca deixou um filho na mão. Eu estou com ele há mais de dez anos. O que ele fala, ele cumpre. Ele vai trazer essa moça pra junto de ti.

– Sei e conto com isso.

Queria cortar aquele assunto e voltar para o meu quarto, mas acho que deveria fazer uma média com a empregada e escutar um pouco sobre o investimento que eu estava fazendo.

– E é garantido?

– Pois não? Claro, ou como acha que eu salvei o Antonio Carlos que tava quase morrendo? Você lembra, não?

– Sim.

Recordei a angustia de uma mãe com a doença grave do filho. Fazia tempo do acontecido.

– Hoje vai ver como ele está. Forte que nem um touro. Quem o salvou? Os médicos? Nada disso Pedrinho, foi o pai Ari. Sem ele e a mãezona aqui para agir rápido o meu filho tinha ido pra cucuia. Meu pai de santo o salvou.

Fiquei quieto escutando.

– Há de se ter fé, que o resto acontece Pedro.

Não tinha fé e o que tinha já havia dado. Deveria ser o bastante para dar certo. Como traduzir o incrédulo homem branco civilizado, que ao chegar numa tribo de índios adocece e deixa a esperança de sua salvação nas mãos do feiticeiro, o pajé? O desespero a tudo leva do homem e inclusive ao próprio homem.

Alguém havia sugerido e foi aceito de bom grado pela maioria da classe. Fiquei na espreita vendo se Sara iria. Ao que tudo indicava a resposta seria afirmativa. Entusiasmei-me. Seria a minha chance, bastava não fazer besteira. Teria que me ater aos detalhes e por isso fui um dos primeiros a chegar. A pizzaria estava vazia, mas as mesas já estavam enfileiradas para receber nossa turma. Deveria agradecer a professora Nancy por proporcionar o evento. Era o seu aniversário e a notícia vazou. Mas como ela era muito bem vista e querida por todos os alunos, bolaram um *meeting* em sua comemoração. Na verdade a sua data tinha sido na véspera, mas como teria dito Nancy, que com a família não dá para competir, então, para nós coube o dia seguinte.

Estávamos eu e Djair no hall tomando uma batida de amendoim.

– Você está com cara que vai aprontar alguma.

– Não sei do que está falando – respondi.

– É que não sei essa cisma de chegar tão cedo.

– Não é nada.

– E a Marta como anda?

– Bem.

– Bem coisa nenhuma. Vi outro dia a discussão que você teve com ela no corredor.

– Quando?

– Nessa semana.

– Alguém mais viu?

– Acho que não. Todos estavam nas salas. Eu que estava errado cabulando aula. Ah! E vocês também. Por que você fica todo grilado com essa relação?

– Não fico grilado.

– Então como você definiria esse seu namoro.

– Pra começar não é namoro. Estamos apenas nos curtindo.

– Marta pensa assim também?

– Não estou com vontade de falar dela. Porcaria Djair! Parece que você esta querendo acabar comigo hoje?

– Pô! Longe disso. Estou só comentando.

As primeiras pessoas começaram a chegar.

– Vamos sentar Pedro, ali com a Aline e a Mônica?

– Vai você.

– Vai dispensar as duas gostosonas da classe hoje?

– Já disse, vai você.

– Tá bom. Depois não vai se arrepender. Estou sentindo que hoje vai rolar com elas. Se elas beberem só um pouquinho eu vou arriscar.

– Que seja.

– Você está estranho mesmo.

Fiquei sozinho em pé. Outra batida e amendoim. Finalmente chegou quem eu esperava: Sara. No mesmo embalo vinham Adriana, Jurandir e a Beth. Fui cumprimentá-los. Algumas palavras de lado a lado e escutei exatamente aquilo que gostaria de ouvir:

– Vem sentar com a gente Pedro.

Aceitei ao convite de Adriana e nos sentamos numa das extremidades da mesa. Estrategicamente posicionei-me ao lado de Sara. Na frente Adriana e mais ao canto Jurandir e a Beth.

As pessoas vinham chegando e dali a pouco a longa mesa estava tomada. Faltava tão somente a aniversariante. E como que proposital Nancy chegou por último e monopolizou a atenção. Todos levantaram e a saudaram com palmas e alguns vivas. O professor Martins que estava a acompanhando ficou ofuscado atrás dela. Sentaram ao centro ambos. Alguns pedidos de discurso, que Nancy cedeu.

Falou algumas palavras em agradecimento. Ao término daquele momento os pedidos ao garçom foram saindo e a centralização da atenção foi desfeita, passando a cada parte da mesa tendo o seu grupo de conversa.

Ao contrário dos demais que tomavam cerveja ou suco, eu pedi uma garrafa de vinho. Perguntei se alguém me acompanharia. Primeiro a Sara. Ela rejeitou, mas Adriana aceitou. Beth com sua antipatia natural tinha que falar alguma coisa:

- Não vou rachar vinho nenhum contigo.
- Não se preocupe. Vou pagar a parte, mas fique sabendo que nem é muito caro.
- Deve ser uma porcaria.
- Engano seu. É argentino e de excelente qualidade.
- Difícil de acreditar.

Contive-me. Mudei a conversa.

- Acho que é a primeira vez que à classe se reuni assim por inteira.
- É verdade – concordou Jurandir.
- Deveríamos fazer isso mais vezes.
- Não sei por que se é tudo falso. Depois ficam brigando na sala de aula.
- Qual o motivo de você ter vindo então?
- Às vezes tem-se que fazer um social de fachada.

Realmente, Beth estava insuportável. Não era minha culpa se metade da turma não gostava dela e vice-versa. Jurandir deu novo rumo ao papo:

- Acho que é uma boa oportunidade de Sara se entrosar com os demais.
- Acho que é bom – falou a própria.

A pizza, o vinho, os sucos e as cervejas iam sendo consumidos, mas os diálogos continuavam mornos daquele lado da mesa. A melhora veio em seguida. Dois copos e notei certa desenvoltura rara em Adriana. Seu rosto ficou vermelho e suas falas continham sempre uma risada ao fim. Sara puxou-me:

- A Adriana não está bem. É melhor ela parar de beber.
- Claro. Vou controlá-la. E você?
- Eu estou no suco.

Rostos quase colados. Podia sentir o seu perfume. Podia agarrá-la e beijá-la. Tinha que lhe falar daquilo. Olhei para Beth que conversava a parte com Jurandir. Não sei como ele a agüentava. A mulher parecia uma víbora e deveria estar falando mal de alguém. O bom é que ela estava entretida e não me atrapalhava. Adriana na frente participava de um papo sonso com as meninas ao lado. Ela continuava a rir a toa e a beber ainda mais. Poderia realmente ser preocupante. Todavia eu me esqueceria sobre a minha obrigação de cuidar dela. Meu interesse estava em outro lugar. Toquei no assunto:

- E o seu namorado?

Acredito que comecei ruim, mas não tinha como desviar, pois precisava saber.

- Continuamos longe um do outro. Acho que terminamos e nem sabemos.
- Entendo. Ele te escreve?
- De vez em quando.
- Se sente mal falando disso?
- É, acho que um pouco.
- Não quer me contar?
- Não tem problema. Eu posso sim. O Nando é artista.
- Artista?
- Ele pinta e desenha. Eu o conheci na praia.
- E o Nando teria um nome completo?
- Desculpe. Eu o chamo de Nando, mas seu nome é Fernando.

Detestava aquilo. Escutar sobre o meu concorrente e vendo os olhos de Sara brilhar quando ao se referir a ele. Que coisa mais ridícula. Mesmo assim deixei-a continuar.

– Como estava dizendo, eu conheci na praia. Ele vendia correntes, colares e apetrechos similares. Ganha a vida desse jeito e com o pouco a sobrar ter a pagar o curso de pintura que fazia de noite.

– E a família dele?

– É do sul. Ele é gaúcho. No Rio mora com dois amigos rachando as despesas.

Um vagabundo de praia, eu sentenciei.

– Meu pai é muito conservador. Levei-o em casa e papai ficou sabendo detalhes dele. Ele não gostou. Antes, eu temerosa, escondia-os. Bastou naquela tarde de domingo e o meu namoro foi proibido. Só que já estava sério demais o nosso relacionamento. Nando queria casar comigo. Tivemos brigas em casa e entre eu e papai. Pensei até em fugir, mas não o fiz.

Como competir com aquilo? Aquela narrativa me enfraquecia, pois eu parecia ser um intruso na vida de outra pessoa. Mas me esforcei e a fiz continuar.

– Qual o motivo que fez com que seu pai a proibisse?

– Não é óbvio? Meu pai é um militar e como haveria de aceitar ter na família um genro que não é o seu ideal de pessoa?

– Entendi.

– Meu pai não fala, mas eu sei que esse foi o principal motivo da transferência dele do quartel do Rio para São Paulo. Ele tentou e ainda tenta nos afastar. Sabe Pedro.

– Diga.

– Você é a primeira pessoa daqui que conto sobre mim e sobre ele. Me faz bem.

Sara parecia aliviada ao compartilhar aquela história comigo.

– Posso agora tomar só um pouquinho do vinho?

– Claro.

Brindamos reservadamente. Fomos interrompidos. Era Adriana:

– Pedro! Pedro! Eu te amo. Sabia disso?

– Verdade?

– Tive receio de falar, mas hoje não terei.

– Sério?

Fiz cara de desentendido.

– Ela não está bem, Pedro – Sara avisou aquilo que eu já sabia.

– Eu estou sim.

Adriana parecia convicta.

– Deixe-me dizer.

– Não é melhor conversar com ele num outro dia?

Sara tentava fazer o seu melhor.

– Vou falar. Eu preciso dizer isso para o Pedro.

Quase aconteceu. Adriana travou a boca e evitou o pior. Outra ânsia surgiu em seguida. E se segurou mais uma vez. Eu estava vendo ao vexame prestes a acontecer.

– Adriana, é melhor você ir ao banheiro.

– Estou indo.

Quase nem conseguiu dizer aquilo. Saiu da mesa com a mão na boca.

– Eu vou lá com ela – prontificou-se Sara na ajuda.

Fui deixado sozinho com o meu vinho. Dali a pouco o garçom trouxe o bolo e as atenções foram novamente centralizadas. Daniela, uma das alunas, fez-se de porta voz e com suas palavras representou a turma. Entregou para Nancy o volumoso presente envolto de papel prateado. “Vaquinha” dos alunos. A professora se fez surpreendida e abraçou emocionada nossa representante. Presente aberto, parabéns

cantado, vela apagada e bolo compartilhado.

Vi e acho que somente eu quando Beth saiu à francesa. Já vai tarde, sentenciei em pensamento. Degustava meu pedaço de bolo quando finalmente Sara voltou à mesa amparando Adriana ao braço.

– Demoraram. Ela está melhor?

– Agora sim. Está só com um pouco de vergonha.

– Fale para ela não se preocupar. Pouca gente percebeu.

– Vou falar.

– Perdeu os parabéns.

– É verdade.

– Quer bolo?

– Não, obrigada. Cadê a Beth?

– Foi embora.

– Ela ficou de me dar uma carona.

– Não se preocupe. Eu a levo.

Bastou à professora Nancy dar-se por encerrado a noite e ir embora, que muita gente a seguiu. Sara quis fazer o mesmo. Não tive como lhe negar apesar de querer a noite inteira para nós. Olhei para Adriana que parecia agora amuada.

– E ela? – perguntei para Sara.

– O Jurandir ia levá-la, mas não seria melhor a gente fazê-lo?

– E por que?

– Chegar a casa nesse estado com um homem a levando.

– Tem razão. Nós a deixamos e depois eu te levo. Vou avisar o Jurandir.

– Está bem.

Despedimo-nos dos demais. Alguns iam permanecer por mais um pouco ou talvez além. Na mesa reduzida sobraram Djair, Aline e Mônica, mais o Beto e quem haveria de dizer o professor Martins. Meu amigo tinha razão, as meninas estavam infernais e cada qual iria reivindicar o seu troféu. Pena que um iria sobrar. Do desejo professor e alunos estavam a se igualar. Quem venceria? No dia seguinte saberíamos das fofocas e quem ficou com quem.

No carro, o primeiro trajeto foi em quase total silêncio. Quando chegado ao prédio de Adriana Sara fez a gentileza de acompanhar a amiga até a porta de seu apartamento. Fiquei embaixo esperando. Dali a pouco ela retornou.

– E então?

– Tudo bem. Ela foi para o quarto e ninguém notou nada. Preciso lhe falar.

– Pois diga.

– Acho que ela gosta de você.

Novamente essa história.

– Não acho. Ela só bebeu um pouco e falou coisas sem nexos. Não sabia o que estava dizendo.

– Não acho que seja.

– É sim.

– Ela me falou com todas as letras no elevador, que gosta de você. Começou a perguntar se tinha feito muita besteira e o que você tinha achado.

– Escute Sara, na segunda eu falo com ela. Ela tinha bebido e se excedeu.

Levei Sara para a sua casa e no caminho tive de sua ajuda:

– Você tem que virar a direita e depois à esquerda. Daí segue reto.

– Obrigado, mas mais ou menos eu acho que sei o caminho.

Estava pensando sobre me declarar e fazer o mesmo que Adriana tinha feito, mas desisti. Não achei que seria o momento apropriado. Entretanto alguma deixa poderia ser.

- Achei bacana pela gente. Acho que temos certo entrosamento.
- Também achei.
- Podemos marcar para sairmos um dia desses?
- Talvez.
- Pois deixemos pra marcar.
- Está bem.

Deixei-a em casa e como prêmio eu recebi um beijo no rosto. Não estava ainda nas nuvens, mas com certeza do chão eu havia saído.

- Preciso lhe falar.

Estava evitando aquela conversa.

- Na pizzaria me comportei errado.
- Um pouco, mas isso acontece.
- Queria pedir desculpas.
- Não precisa, mas se é só isso está dito o recado.
- Não! Sobre o que eu falei também.
- Nem lembro o que você disse. Não precisa se desculpar de novo.
- Não é isso.

Adriana respirou fundo e veio o inevitável:

- Eu gosto de você. Pronto, disse!
- Eu também gosto de você.
- Não é isso, mas pra namorar... Droga! Está difícil.
- Namorar?

Respirou fundo novamente e continuou:

– Eu sei que parece estranho e uma garota pedir você em namoro, mas depois de sexta eu acho que já que eu teria que esclarecer as coisas e de falar sobre isso também teria que ser. Olhe! Eu estou super nervosa. Por favor, me ajude. Senão acho que vou ter um treco.

Como dizer não sem magoar as pessoas. Fosse outro alguém teria dito numa boa e sem remorso e sem sentimento. Não me importaria com as conseqüências: choro, desalento, suicídio. Ver Adriana na minha frente com rosto de pedinte era terrível. O que não se faz por amor? O fato é que ela conseguiu despertar certo interesse, porém na lista de pretendentes e mulheres a conquistar ela figuraria numa quarta ou quinta posição. Talvez se não tivesse Sara pudéssemos ter uma chance. A convivência transforma as pessoas e os sentidos se modificam. Não enxergamos o que temos e depois é tarde demais. Gostaria de realmente dar-lhe uma oportunidade visto que passei a gostar dela, mas estava obcecado por Sara. Então, restava apenas remediar. Naquele momento a minha preocupação passou a ser como dizer um "não"? Um "não" é um "não", seja dito com muitas palavras ou com poucas. Escolhi a forma abreviada:

- Adriana, eu gosto de você, mas como amiga. Não vai dar para ficarmos juntos.
- E se tentássemos ao menos...
- Sinto muito. Peço que não insista. Não há qualquer chance entre a gente.

Não houve choro, mas sim uma tristeza e tanto minha como dela. Logicamente por motivos diferentes. Mas tristeza é tristeza e só.

Após três tentativas finalmente Sara concordou. Estávamos saindo. Fomos ao teatro. Sugestão dela. Dizia Sara que no Rio as opções não eram tantas como as de São Paulo e desperdiçá-las seria um

lamento. Descobria uma mulher bem mais inteligente do que supunha. Estar apaixonado é só ver as qualidades. Ao certo a frase é correta, porém nunca seria tão certa quanto para com ela.

Como companhia Sara demonstrou ser de uma alegria contagiante e bem diferente do seu jeito normal da faculdade. Saímos dando risada do teatro. Havia ganhado a sua confiança e ela não mais me tratava como sendo um estranho. O ponto positivo é que ninguém dos dois tocou no assunto do namorado dela do Rio. Um tanto melhor. Convidei-a para um café na seqüência. Sara aceitou.

– Sabe que é a primeira vez que estou saindo na noite de São Paulo.

– Ora, fomos somente ao teatro e nem é o fim. Haverá de existir muitas outras vezes.

Ela nada respondeu e serviu-se de um gole do seu café.

– Você não namora?

Tentei ver se a pergunta era maliciosa. Bobeira minha. Claro que não era. Sara era a inocência e pura.

– Não – respondi.

– E por que?

– Não achei a pessoa certa até hoje.

La fazer o gesto um tanto quanto copiado de pegar a sua mão, mas seus braços estavam longe. Concentrei-me para não me precipitar. As atitudes tinham que ser naturais. O melhor era deixar fluir ou podia por tudo a perder.

– E a Adriana?

– Não estou saindo com ela e sim com você.

– Eu namoro.

– Num outro dia disse-me que não mais.

– É, acho que acabou mesmo.

Mudei logo o assunto:

– E a peça, gostou?

– Sim. Foi maravilhosa. São muito bons atores.

– Posso confessar uma coisa?

– Claro.

– É a primeira vez que eu vou ao teatro.

– Sério?

– Sim.

– Devia ir mais vezes.

– Agora com você eu acho que é possível.

– Acho o teatro bem melhor do que o cinema. É o contato vivo do espetáculo com o público. Ver o ator e suas emoções à sua frente e a expressão ou o magnetismo. Compare você Pedro pelo motivo de ir assistir aula na faculdade. Se ela fosse filmada poderia assistir na sua casa pela televisão a mesma aula. Seria a mesma coisa?

– São meios distintos.

– Isso! Em um existe a interação, no outro não. Filmes são como pacotes fechados e não se pode interferir. Uma peça sendo apresentada há da possibilidade dos atores poderem mudar suas interpretações pelo comportamento do público. Alguns dormem nas salas de cinema. Já viu o mesmo acontecer no teatro?

– Acho que é mais difícil.

Sara falava de um jeito que transmitia vida. A conversa pouco importava. O que interessava era o seu jeito de se expressar, de cativar. Poderia ficar horas ali a escutando e depois nem saber do assunto. Sara transmitia vida e quando empolgada seus olhos brilhavam.

Terminamos aquele prolongar de programa prazeroso e a levei para casa. Ficamos ainda no carro

conversando um pouco. Deveria agarrá-la e roubar-lhe um beijo, mas outra vez fui um cavalheiro. Não estava acostumado com essas atitudes de bom moço. Algo nela me fazia com que eu a tratasse de uma maneira diferente das outras. E eu seguia o roteiro. Despedimo-nos com beijo suave no rosto.

- Quem é Sara?
- Uma menina da minha classe. Isso não vem ao caso.
- Como não! É por isso que quer terminar comigo?
- Não tem nada a ver.
- Então vai negar que esta saindo com ela?
- Não te devo satisfação da minha vida.
- É verdade mesmo, seu filho da p*?
- Pare com isso Marta. Quer escândalo?
- É o que você merecia.
- Deixa disso. Nosso caso nunca foi sério.
- Você, que nem se dá conta o quanto de cafajeste é.
- Pare de falar bobeira.
- Então vou gritar: "*Todo mundo! Me escutem. Esse é o Pedro e é o maior cafajeste do mundo!*"

Todos da cantina olharam.

- Está contente agora?
- Não.
- E o que quer mais?
- Que não me olhe, que não me cumprimente, que não diga que um dia me conheceu para ninguém.

Esqueça-me e esqueça sobre ao que vivemos.

Recebi um tapa no rosto. Retribui na mesma moeda.

- Vai bater em mulher agora?
- Deixa de ser infantil.
- Não me toque! Quer que eu grite de novo?
- Só ia passar a mão no seu ombro.
- Para que? Depois do golpe quer me dar o consolo?

As lágrimas não tinham mais como serem evitadas. No rosto de Marta elas escorriam e eram transparentes quanto ao seu recado: raiva e ódio.

- Não.
- Tenho pena de você.

Deixei-a falar e ela continuou:

– Isso! Muita pena mesmo. Seu destino é o pó do chão. Nunca será feliz nessa vida, pois agora conheço o seu caráter mesquinho. Pode enganar muita gente, mas a mim você não engana mais. Pobre dessa menina e ao quanto de amargura terá a descarregar nela. Só tem uma coisa que você pode fazer de bom: é deixá-la livre. Tenho certeza que essa tal de Sara teria um destino melhor do que a se juntar com você. Aliás, aposto que a roubou de alguém.

- Ela não tem namorado.
- Será?
- O que sabe disso?

– Adeus meu bem. Não me tratará mais como lixo e nem vou mendigar o amor de ninguém. A fila anda. Mas vou rezar para ela se livrar o quanto antes de você. Serei o seu vodu.

- Por que tanto ódio?
- Exatamente! O que eu não tive de amor, que se transforme em ódio. Meu amor era grande por ti,

mas que ao contrário é o que lhe desejo e na mesma intensidade. Não se brinca com os sentimentos alheios. Foi isso o que você fez comigo.

Estava transpirando em excesso. Fui ao banheiro e lavei-me. Parei e olhei minha imagem no espelho. Alcançar o interior de si é muito difícil. As palavras de Marta permaneciam na minha cabeça. Seria verdade de ser eu aquele que ela descreveu? Eu era tão ruim assim que não enxergava a mim mesmo? Destino! Ela havia falado. Que palavra perseguidora. Incomodava-me era fazer as pessoas chorarem e ficarem tristes. Primeiro foi Adriana e agora Marta e tudo num espaço perto do tempo. Haveria de mudar. Eu tinha que mudar. Não desejava ser isso. Ficaria com Sara. Ela me faria ser uma pessoa melhor. Namoraria e casaríamos. Sara seria a mulher para uma vida toda. Com ela eu seria outra pessoa e melhor. Exatamente. Seríamos felizes e esses pequenos percalços da minha vida cairiam ao esquecimento. Erros banais que qualquer um faz próprios da juventude. Isso! O pensamento ao futuro glorioso e ao lado de Sara, o meu grande amor. Foi algo reconfortante em imaginar.

Puxei-a para o meu lado e ela não teve como escapar do meu beijo. Não houve resistência e ele durou o tempo que deveria durar. Soltei-a aos poucos e penetrei no fundo de seus olhos ou tentei. Sara ficou encabulada.

– Tudo bem?

– Sim, Pedro.

– Nunca um beijo foi tão esperado.

– Por que fala desse jeito?

– Pois é a verdade.

– Não tenho certeza sobre a gente. Pensei que éramos apenas amigos.

– Não diga isso.

– É o que sinto. O que Adriana vai achar?

– Não importa?

– Como não? Ela é minha amiga. Está parecendo que eu estou a traindo.

– Não estamos escondidos.

– Eu sei, mas não acho certo.

– Não devemos achar que temos culpa. Eu conversei com ela e fui sincero. Ninguém manda no coração. Ela vai entender.

– Vai entender o que Pedro?

– Da gente e a ficarmos juntos.

– E vamos ficar juntos?

– Sim. Quero namorar contigo.

– Não sei se é isso que eu quero.

– Vamos tentar e a gente vê depois.

Fui beijá-la novamente, mas Sara desviou o rosto.

– Vou para a sala.

Não esperou palavra alguma minha e se foi. Fiquei sozinho no meio do caminho.

Paciência e perseverança. O quanto de se querer algo é exatamente o quanto se busca. Lembrei-me de minha infância. Havia ganhado o autorama, entretanto, até consegui-lo foram inúmeras as condições impostas: passar de ano, fazer a lição de casa e comportado ir à missa aos domingos. Acho que tiveram outras, mas não me recordo. Fiz o sacrifício ou a obrigação, dependendo o ponto de vista. Queria muito aquilo. No natal uma enorme caixa estava colocada ao lado da árvore enfeitada. Deram a caixa e rasguei

o papel. Era o autorama. Surgiu aquela pressa em montá-lo para brincar. Foi assim no primeiro mês de nos tornarmos inseparáveis. Porém quando se é filho único qual a graça de se ter um brinquedo e que envolva a competição quando não se têm amigos? No segundo mês estava desmontando os carros. Montava e desmontava e até que um quebrou. No terceiro mês a caixa, as pistas, os controles e os dois carros quebrados foram enterrados no fundo de um dos guarda-roupas. Fui redescobri-lo em uma faxina quando adolescente e depois quando com barba na cara. Joguei-o no lixo.

Apertei a campainha e Sara veio me receber. Dei-lhe um beijo suave aos lábios.

– Oi!

– Entra.

Estava no que defini como sendo o último obstáculo. Depois disso nada me impediria. Paciência e perseverança. Foi assim que cheguei até ali.

Entrei na sala. O senhor de estatura mediana e cabelos ralos estava em pé e com as duas mãos para detrás das costas me esperava. Antecipei-me e estendi o braço.

– Prazer senhor Orlando.

– Prazer.

Cumprimentou-me sério e formal.

– Vamos sentar.

– Obrigado.

Pareceu-me mais uma ordem do que um convite.

– Minha filha, é melhor você ir ver como está indo o almoço.

– Claro papai.

O coronel não tinha pressa em falar. Puxou um charuto da caixa sobre a mesa de centro e o isqueiro de seu bolso. Acendeu-o. Acho que nem passou na cabeça dele em me oferecer. Duas pitadas e duas baforadas. O cheiro forte veio rapidamente nas minhas narinas. Permaneci sentado sem apoiar minhas costas no encosto do sofá.

– O que acha dela?

– Uma mulher fabulosa.

Fui sincero. Outra pitada.

– Ela tem me falado muito de você.

– Espero que coisas boas.

Elevou uma das sobancelhas como me censurando por tê-lo interrompido.

– Estudam juntos?

– Sim.

– Um mês que estão namorando?

– Sim.

Era a inquisição.

– Por que somente agora decidiu vir na minha casa?

Sara abriu a porta da cozinha e veio na sala.

– O almoço está pronto. Vamos almoçar?

Olhei para ela e para o coronel. Ele levantou-se e foi assentar-se na mesa.

– Vamos Pedro? Não é todo dia que cozinho. Tem que aproveitar. Não é papai?

– Claro, filha.

– Não quer que eu a ajude a trazer as coisas? – perguntei.

– Não precisa.

Dali a pouco estávamos os três almoçando.

– Quer mais uma?

– Não obrigado.

Recusei a bisteca de porco. O coronel retomou o interrogatório:

– Diga-me Pedro e depois de se formar?

– Pretendo continuar estudando.

– Não vai trabalhar?

– E o estudo também não é uma forma de trabalho?

– Não no meu modo de ver.

– Mas evidente que vou buscar trabalho também.

– E no que seria?

– No jornal. Meu pai tem um amigo lá que me deseja assim que concluir o curso. Já está combinado.

– Parabéns rapaz!

– Obrigado. Só que é no sul, e, Porto Alegre. Como deve saber meu pai é de lá.

– E o que irá fazer lá nesse jornal?

– Vamos ver quando chegar o momento. Tenho várias idéias na cabeça e eles lá devem ter as deles.

Vamos chegar num consenso. Ultimamente fico pensando mais no que Sara pretende fazer.

Sara deu a sua opinião:

– Temos ainda algum tempo para pensar, Pedro. Não gosto de fazer nada apressada.

– Mas é desde já que se faz o futuro.

– Se for assim gostaria de escrever sobre teatro e artes.

– Então pretende casar com minha filha?

– Papai! Lá são coisas de se perguntar?

– É somente uma pergunta e necessária pra saber sobre as intenções desse rapaz. E se ele pretende te levar para outro estado o mínimo é que estejam casados.

– O senhor está exagerando ao tentar saber de coisas que estão ainda sendo conversadas. Não temos nada definido e ainda estamos nos conhecendo.

Tentei amenizar a tensão:

– Pode deixar Sara. Seu pai esta somente querendo saber das minhas intenções. É natural e mais do que normal. Pois eu lhe digo senhor Orlando. Não só quero me casar como ter filhos e constituir uma família de bem. Tenho a convicção que estou do lado da mulher da minha vida. A ela desejo o máximo de felicidade e pode estar certo o senhor, que do que depender de mim eu farei sempre de tudo para que ela se sinta feliz. Porém ainda nós nem conversamos sobre isso e tudo se dará no devido tempo.

Sara parecia irritada.

– Está satisfeito coronel Da Mata pela intromissão em minha vida? Vou pegar a sobremesa. Com licença.

Deu-se a pausa, mas que dali a pouco o próprio coronel interrompeu:

– Sabe Pedro, eu vou lhe dizer. Se existe um fato positivo de você estar com a minha filha é dela ter esquecido aquele traste de rapaz do Rio de Janeiro. De resto eu lhe digo com toda minha sinceridade, que não gostei de você. Entretanto, não vou impedi-los de ficarem juntos. Se chegarem a se casarem terão a minha benção e só. Conheço as pessoas só com um olhar e antevejo o triste fim que levará a ter com minha filha.

– Agradeço sua honestidade.

– Não me agradeça por nada.

– Causei assim tão má impressão?

– Sabe sobre a minha condição no exército.

– Ao certo.

– Pois tenho o faro ao trato de saber de cada subordinado, pois do contrário não seria um bom oficial. Assim, só ao vê-lo já sinto o seu cheiro. Portanto, se não o vetei, dê-se por contente.

– Compreendo.

Sara retornou trazendo a sobremesa e para me salvar.

– Espero que a conversa tenha melhorado.

O coronel se antecipou:

– Evidente filha.

– Sabe papai, gostaria que mamãe estivesse presente.

– Mas ela está. É só você prestar atenção.

Sara ficou emotiva. Então, eu vi a cena do pai consolando a filha em um meio abraço sem graça. Também percebi da dificuldade para se chegar nisso. Não foi natural. De minha impressão, parecia haver um muro entre eles. Poderia estar enganado visto que era a primeira vez que os via juntos. Como por intuição parei o olhar sem querer na estante e em um retrato um tanto antigo de uma mulher. Sara me havia falado da viuvez precoce do seu pai, mas não que ela era tão parecida com a mãe. Fiquei hipnotizado por aquele retrato e mais ainda ao comparar daquela foto com Sara. O coronel foi pego desprevenido pelo meu olhar neles dois ainda abraçados. Ele forçou o sorriso e no momento em que Sara lhe deu um beijo ao rosto.

– Isso gente! Vamos sorrir um pouco.

Eu concordei. Mas ainda permaneci pensativo por algum tempo. Seria possível alguém amar tanto a ponto de viver em abstinência e sem procurar mais nenhuma mulher por um único amor vivido? Sara havia me dito que depois da morte de sua mãe seu pai jamais teve ninguém. Aquilo me impressionou bastante.

O futebol de domingo com os amigos era sagrado. Ainda suado me sentei na roda com os meus camaradas. As garrafas de cervejas vazias enfileiravam-se na mesa e ainda vinham outras. Djair era o único dali que estudava comigo. Uma vez chamei-o para jogar bola e ele gostou. Entrosou-se com a turma. O bom era sempre o depois do jogo. Estava enchendo meu copo e não havia pegado ainda a conversa.

– Esse aqui é o maior!

Um tapa de elogio veio nas minhas costas.

– Estão falando de mim?

– E não?

– Pois que falem na minha frente.

– Mas é claro!

Djair tomou a frente. Estava bêbado e gesticulando.

– Come todas.

– Não é bem assim.

Soltei a frase induzindo a uma falsa modéstia.

– Tinha gente lá no terceiro ano desesperado por mulher e esse cara já havia pegado três. Agora confessa, que até a Adriana não escapou?

– Não vou falar disso.

Uma vaia e vários guardanapos de papéis amassados voaram em mim.

– Que é isso Pedro! Você não é de esconder o jogo que eu sei – falou o Carioca.

– Comeu ou não comeu a Adriana? – Djair não desistia.

– É verdade.

– Tá vendo. E foi quando você ainda estava saindo com a Marta.

– Foi.

– Viu! O cara saia com duas ao mesmo tempo.

– É você nunca fez isso?

– Caramba Pedro, nem uma garota quase eu consigo. O que dizer de duas ao mesmo tempo? Todos deram risadas. Comecei a gostar da conversa e de me gabar.

– Mas a Marta era uma vagabunda.

– Mulher da zona conta também, meu chapa – era Dentinho com seu jeito de malandro.

– Ela não era puta não, Dentinho.

– E a Sara?

– Que é isso! Da minha noiva e futura esposa não vale ficar falando. Com ela o papo é diferente.

Pela minha indignação Djair pareceu sossegar no canto. Veio a pergunta do Veterano:

– Presumo que vai acabar a farra quando casar?

– Certamente – respondi.

Então veio a voz contraditória. Era novamente Djair em estado puro e sem noção:

– Nada disso! O casamento será fachada. Aí que haverá de começar a putaria.

Djair caiu na gargalhada. Não foram minhas palavras, mas se eu pensasse honestamente, naquele momento poderia ter sido. Eu não retuquei, pois afinal e mesmo envolvendo Sara indiretamente, manter aquele status de "pegador" me fazia bem. Era como receber o troféu e de eu ser o melhor de todos. Da fama conquistada de vez em quando meu nome era associado com alguma garota que eu nem nunca nem conversei, mas nem por isso eu desmentia e principalmente com a turma do futebol. Eu apenas sorria maliciosamente e pronto. Dali a alguns anos tudo isso acabou. Depois não voltaria a ver nenhum daqueles amigos dos encontros futebolísticos dominicais. Eles todos foram sumindo e um por um da minha vida. Foi assim tão rapidamente, que quando percebi, o tempo se encarregou de me levar para outro patamar.

O farol - parte II

Estava em meu quarto e sozinho. Não conseguia parar de pensar no livro. Seria ao que li e que realmente havia me deixado curioso. Desejava saber sobre a continuidade da história. Talvez fosse até bem mais que isso. Fiquei a imaginar coisas. Azar o meu que tive que sair às pressas. Também podia ter ocorrido o pior e eu ser pego no fragrante. Seria acusado de invasão de domicílio e preso. O que eu diria ao meu pai? Entretanto confesso: a minha vontade era de continuar lá e mesmo tendo o risco. Quem sabe se eu levasse os manuscritos, tirasse cópia e depois devolvesse? Teria que ser uma ação muito bem planejada. Ou mesmo quem sabe de roubar os manuscritos. Isso! Eu poderia fazê-lo e mesmo que depois ele me acusasse. Bastaria apenas eu negar. Mas pensando bem, isso não ajudaria nada. Ficaria a ler uma história não terminada. Quantas páginas mais será que ele haveria de escrever? Hum... Quem sabe devesse fazer o simples e pedir ao homem para que ele me deixasse apenas ler o seu livro e pronto? Seria muito menos complicado. Também poderia até ajudá-lo e gentilmente dar um parecer em sua obra. Apresentaria-me como sendo um leitor voraz e apesar de minha pouca idade. Então, ele me perguntaria sobre os livros que eu já havia lido e eu lhe responderia: *"Moby Dick; Vinte Mil Léguas Submarinas; O Escaravelho do Diabo... Ah! Como assim? Algo mais adulto."* Então eu o surpreenderia: *"O Encontro Marcado de Fernando Sabino. O personagem principal também era um jornalista. Gosto também de Carlos Drummond de Andrade. A poesia engrandece o espírito. Talvez por isso gostemos tanto de música que é a poesia em sons."* Então, o homem não entendendo nada de nada, bateria a porta na minha cara numa atitude de descrédito e a me desqualificar de vez como a pessoa certa a analisar o seu livro. Realmente, ninguém confiaria em um estranho e ainda mais sendo um moleque, como ser a primeira pessoa a ler um livro inédito de alguém. Não daria certo. Restava-me então esperar a próxima oportunidade para invadir novamente a casa velha e usurpar as palavras de seu livro em leitura. Mas para que isso? Interessante questionamento. Todavia eu não tinha a resposta. Estava diante do autor e de sua obra e que estava sendo feita em tempo real. Era muito peculiar e interessante, ou no mínimo incomum para comigo. Quantos escritores se podem conhecer na vida? Então, aos pensamentos esvoaçantes vieram outras perguntas. Seria uma autobiografia? E esse Pedro... Poderia ser alguém famoso? Digo, apesar de eu nunca ter ouvido falar em nenhum Pedro famoso jornalista. Mas e Sara? Realmente essa moça existiu? Nunca havia pensado dessa forma tão direta por ler um livro. Refiro-me da possibilidade de contato e acesso direto com o autor. Como daquele livro da Capitu e que me deram pra ler na escola e que nem gostei. Se eu tivesse da possibilidade de encontrar Machado de Assis, eu acho que poderia dar-lhe umas dicas ou mesmo interferir para que ele mudasse o final do livro. Imagine um livro inteiro só pra se saber se o sujeito é ou não corno e ainda por cima, ao final, deixar o leitor na dúvida.

Dormi tarde da noite e pensativo sobre ao fato da veracidade dos escritos e muito mais de curiosidade pela continuidade da história. Precisava descobrir o nome completo do estranho homem chamado Pedro e para descobrir se ao que está escrito seria ficção ou realidade.

Aos dias seguintes pareceu que a disposição do meu amigo havia mudado. O jornalista esqueceu o mundo e se entocou na casa velha. Nem abriu as janelas e muito menos se deu ao trabalho de acender alguma luz. De tanto silêncio, eu até me preocupei e mais uma vez realizei ao indevido: a invasão. Aliás, tornou-se comum e estava me habituando a isso. Era como se eu fosse um morador ou o dono dali. Nem

mais pensava a respeito, apenas tentava ser precavido. Olhei pelas janelas e onde seria possível enxergar ao mínimo. Percebi o movimento. Ufa! Pedro estava vivo. Dei a volta na casa e fui conferir o gerador, que apesar da aparência sucata ainda funcionava. Então seria aquilo mesmo, o jornalista abandonou a luz propositalmente.

Sentei do lado de fora da casa e encostado na parede e embaixo de uma das janelas. Justamente aquela do quarto em que ele escrevia. Cheguei até a cochilar e quando depois despertei assustado. Felizmente não era nada. Tinha apenas sido um sobressalto. Porém algo havia mudado. O jornalista escrevia. Exatamente. Eu podia escutar aos barulhos das batidas rápidas das teclas da máquina de escrever. Era um frenesi incessante de uma loucura sem pausa. Uma velocidade onde não havia tempo nem para respirar e aquilo continuou e sem descanso além. Uma folha tirada logo dava lugar a outra, nova e branca. Eu podia até vê-lo no imaginário através da parede e em sua compenetração no texto e elaboração das frases, dos parágrafos que colocava no papel e que eu estava mais do que doido para ler. Foram horas e horas seguidas e até quase escurecer e ao término do dia, pois dali, eu acho que Pedro não haveria de enxergar mais de nada. A máquina de escrever finalmente parou. Aproveitei o recesso e sai à surdina.

– Por onde andou ontem de tarde que lhe procurei?

– Estava a andar pela praia.

– Sei. Só não entendo da implicância.

– Mas do que pai?

– Vai acabar arrumando confusão. Se quiser vou contigo e conversamos com o homem.

– Não sei do que o senhor está falando.

– Ora bolas, meu filho. Posso ser das antigas, mas não sou bobo. Qual é a questão com esse sujeito?

Não havia mais como negar, mas não precisava contar tudo.

– É que eu não o compreendo e depois ele sai a andar por aí e de tão distante que parece que vai,

que nem sei se é capaz de voltar.

– Andou o seguindo?

– Um pouco, mas ele não me notou.

– Sei. Não invadiu a casa?

– Nossa pai! Claro que não.

– E nem pensou em fazê-lo?

– Ao certo que não. De maneira alguma.

– Pois se acha que o sujeito é tão estranho e se nem o conhecemos, quem haverá de dizer, quem sabe,

se ele tem uma arma.

– Será? Isso nem me passou pela cabeça.

– Pois é bom pensar nas coisas.

– Mas quem é ele afinal?

– Você não sabe?

– Não.

– Pois é, você não foi o único que andou xeretando. Eu fui na vila e procurei o Vanderley.

– Quem pai?

– O Vandeco! Ele é o caseiro que faz consertos na casa velha. Ele conhece o proprietário e sabe das

coisas. Perguntei sobre o inquilino e ele me disse quem era.

– Sêrio?

– Sim. Trata-se de alguém importante e que é chefe de um dos principais jornais da capital. Você não

reparou na placa do carro?

– Claro que sim.

– Então, desvendamos o mistério. O nome dele é Pedro de Paula Maia. Está satisfeito?

– Mas pai, o que ele faz nesse fim de mundo e sozinho? E ainda mais sendo ele quem é e conforme o senhor descobriu. Deve ser um homem muito rico e para ficar numa cabana caindo aos pedaços. Não faz muito sentido. Agora que o negócio fica esquisito de vez.

– Eu não fui tanto além, mas seja qual for o motivo e que ele deva ter, peço a você que o deixe em paz. Acho que se ele veio para essas bandas à intenção foi justamente essa. Pare de perturbá-lo e de se preocupar com isso. Entendeu?

– Sim, claro pai. Tem razão.

– Acho bom.

A paciência é uma virtude e tive o meu aprendizado. Um binóculo antigo de meu pai foi útil. Afinal foi uma grande idéia e não traria suspeita. Esperei bastante e sob o sol forte daquele dia. Pedro finalmente deu as caras ao ar de fora. Ele estava barbado e desleixado. Vestia uma camiseta simples e um calção jeans. Parecia bem disposto ao menos. Seguiu adiante pela areia até a praia e dali passou a se alongar. Algo o incomodava e tanto que levantou ao braço e ficou apalpando. Talvez fosse uma ferida, que pela distância não foi possível determinar. Parou e permaneceu estático. Ficou vários minutos assim contemplando o mar. Ele voltou para casa e eu desanimei. Não estava com sorte, mas quando já me lamentava ele surgiu novamente e de boné e uma sacola no ombro. Fiquei esperançoso e contente. Dali, ele iniciou a sua peregrinação. Sorri feliz. Esperei ele se afastar. Quando seguro, sai correndo em direção a casa. E lá estava eu novamente a invadir ao alheio. Não fui afoito. Pelo tempo que achei que dispunha, julguei interessante saber um pouco mais do homem através das suas coisas e uma concepção, eu tive logo de cara. Tudo estava revirado, bagunçado e desde a cozinha. Diria que bem diferente da última vez que eu o havia visitado. O lixo estava entocado e cheirava e as moscas se aglomeravam. A pilha de garrafas vazias de vinhos havia aumentado. Fui verificar o seu estoque e tanto de comida, que agora estava tudo mais escasso. Julguei que Pedro deveria ir às compras ou estar próximo de ir embora. Será que havia terminado o livro? Pelo pensamento corri até o quarto. Na escrivaninha, local do seu ofício de “férias”, constatei como sendo a parte mais organizada da casa. O monte das folhas escritas havia aumentado. Fiquei mais feliz. Ao lado, na precária estante, notei algo que me havia passado despercebido da outra vez, a quantidade enorme de remédios. Fui verificar mais de perto e fiquei surpreso. Havia de tudo nessa farmácia improvisada e até medicamentos faixa preta. Apanhei alguns a mão e percebi o pior: alguns comprimidos misturavam-se com outros e aos outros com os demais, daí não ser mais possível saber qual remédio seria cada qual. Uma loucura e ainda mais presumindo que estariam sendo consumidos. Devolvi as caixas mais ou menos ao jeito inicial. Duvidei dele, do Pedro e de que seria impossível saber ao que deveria tomar.

Fui aos escritos e quando já estava a me assentar para iniciar a leitura, motivo auge de minha invasão, tive a interrupção pelas fortes batidas na porta. Meu susto foi tão grande que soltei algumas folhas ao chão. Pensei no pior e de que havia sido descoberto afinal, mas daí alguns segundos bastaram para eu raciocinar sobre o improvável e de que Pedro não haveria de bater na própria porta de onde estaria a morar. Na seqüência veio o grito:

– Oi de casa!

Busquei a janela para identificar a pessoa. Fiquei aliviado. Eram apenas turistas. Fui até a porta da frente e que dava a varanda e abri a porta sem mais receio.

– Estão perdidos?

Eram dois casais num único carro e com pranchas de surf na capota.

– Não. Tranquilo. É que não calculamos a rota e nossa água acabou. Precisamos encher os galões e

se não se incomodar. Poder ser da torneira.

– Vão pra onde?

– Pro sul. Vamos acampar de noite.

– Pretendem ficar muito tempo?

– Uns dois dias ou dependendo das ondas, três.

– É que ouvi no rádio sobre uma frente fria e que vai ser brava. Deve estar pra chegar.

– É isso! Mudança de tempo, mudança nas ondas.

Olhei para as garotas. Uma delas sorriu pra mim. Pareciam jovens descompromissados e um pouco mais velhos do que eu. Porém deviam ter dinheiro, pois o carro que estavam era lindo e novo e com tração quatro rodas. Devia valer uma nota.

– E aí?

– E aí o quê?

– A água, camarada.

– Claro. Nos fundos.

Os rapazes seguiram para o fundo da casa e eu fiquei sozinho com as gurias.

– E vocês, são da capital?

– Somos.

– E como se chamam?

– Eu sou a Vera e essa é a Bia.

– Prazer. Ficam zanzando mesmo no inverno?

– Seguimos os rapazes. Eles são loucos pelo surf. Nós acompanhamos. Mora sozinho?

Fui pego sem querer na invasão, mas eles não sabiam. Então tratei de agir naturalmente e não demonstrar medo.

– Sim.

– Mas desculpe... É que você é tão jovem.

– Obrigado! Meu tio aparece de vez em quando por aqui.

Inventar coisas para pessoas que você nunca mais irá ver era fácil para mim.

– Mas o que você faz pra viver isolado do mundo?

Nessa eu nem sabia o que responder, mas um dos rapazes logo voltou e me salvou.

– Bia, faz um favor e vai lá ao carro e pega mais um galão. Pode ser aquele que ficou faltando. É melhor garantir o estoque.

O rapaz olhou para mim esperando alguma compreensão. Como não dei, veio à pergunta:

– Mora sozinho?

Existem perguntas que são repetitivas. Logo acenei da varanda em despedida ao grupo de aventureiros. Acho que seria uma boa pedida se eu pedisse para acompanhá-los. Haveria de ter ao menos com quem falar, mas evidente que não seria bacana. Quem sabe se tivesse uma garota sobrando. Dei as costas e estava a voltar, quase, pois os olhei novamente com o *off-road* e a seguir pela praia. Ora bolas! Ele haveriam de encontrar Pedro adiante. Fiquei preocupado. E se eles parassem para conversar com ele? Que idiota eu fui que nem havia pensado nessa possibilidade. Pelo bem ou pelo mal eu decidi abortar a missão do dia e voltar ao farol. Porém antes pensei e de como poderia fazer e sem despertar suspeitas e para conseguir um modo para uma leitura aos escritos de uma maneira mais fácil. Tinha tudo ali em minhas mãos. Parecia um desperdício deixá-los. Por pouco não os levei comigo. Mas daí lembrei ao dito pelo meu pai. Fui embora sem ler mais nenhuma página.

Do impróprio, falei aos meus pais uma mentira e de que iria acampar com uns amigos surfistas da última temporada e que estavam nas imediações.

- Por que eles não passaram aqui?
- Eu os vi na praia mais ao sul. Irei encontrá-los adiante.
- Nossa! E eles não podem passar para pegá-lo?

Minha mãe estava preocupada.

- É que nem pensei nisso e já combinei com eles.
- Vai a pé?
- Sim, mas sem problemas. Quando andar pra mim foi algo impossível?

Meu pai me olhou com aquela cara e torci para que ele não se oferecesse a me levar de carro. E daí ele soltou aquilo de sua conclusão e que veio a calhar:

- Já entendi filho. Não quer ser visto com os seus pais.

Uma afirmação errônea, mas que bem que serviu.

- É que...
- Tem garotas?
- Sim. A Vera e a Bia.

Minha mãe novamente:

- Você as conhece?
- Claro que sim mãe. Acha que vou sair assim com qualquer uma?
- Eles têm barraca?
- Exato.
- Sabe que vai esfriar? Está na previsão e a frente fria chega hoje de noite.
- Sim. Mas não se preocupe. Vou estar de boa e quentinho na barraca e com boa companhia.

Tive que levar o violão para que eles não desconfiassem. Não era a primeira vez que dormia ao relento ou na praia, pois essa prática acontecia algumas vezes no verão e na temporada com a galera que eu me enturmava. Geralmente isso acontecia quando havia algum luau. O violão era a minha porta de entrada na socialização e para ser bem recebido. Todos sempre gostavam. Acontece que agora era inverno e não havia turma alguma. Dos motivos que me fizeram a realizar essa empreitada insana, seria algo de uma fixação que eu passei a ter nesse jornalista e que nem saberia explicar da razão. Talvez fosse pelo livro ou pela áurea de mistério que avolumei daquilo de um homem comum. Uma curiosidade tamanha que eu precisava saber e de tudo daquilo que Pedro estaria fazendo e planejando. Tem coisas que não se explicam.

Chegando lá me posicionei entrincheirado e escondido num banco de areia. Era um fim de tarde e eu logo mantive a observação ao longe de binóculo. Foram horas e até a noite. Porém estava monótono. Nada acontecia. Pela situação pensei em abortar a missão, mas quando estava a confabular comigo mesmo sobre isso, o jornalista apareceu vindo da casa e seguiu até a praia e começou aquilo. De início nem entendi, mas dali a pouco ficou claro o que estaria a fazer e que seria uma grande e imensa fogueira. Pareceu-me algo desproposital e sem sentido, ainda mais pela condição climática e do vento frio que estava a chegar. Exatamente! Era a própria insanidade. Não acreditei que Pedro era louco, mas sim que talvez estivesse ficando. Quem sabe eu junto com ele. De qualquer formar continuei a observar a esquisita ação e quase tive o impulso de levantar e me mostrar, pois visto do local que o jornalista escolheu para fazer a fogueira ser impróprio devido estar suscetível de a maré alta alcançá-lo. Todavia mantive o bom senso e me retrai. Na distância busquei o melhor ponto para a observação e atrás da relva e de algumas pedras. Escavei ainda um pequeno buraco e para me proteger ainda mais do vento que sabia que não haveria de tardar a ficar mais forte. Vesti o casaco e por cima a capa de chuva, pois chover seria uma possibilidade quase certa. Assim estava pronto o meu bivaque. Restava agora apenas acompanhar a cena das ações inesperadas do meu amigo. Tirei do bolso alguns biscoitos. Não pretendia ficar de barriga vazia na longa vigília. Justamente, ao que presumi que Pedro haveria de ir longe com aquilo. Nesse ínterim, pensamentos vieram e pensamentos se foram. E Pedro continuava naquela movimentação

incessante de ir até a casa e voltar trazendo coisas para perto da fogueira. A mudança de temperatura já estava a ser sentida. Só que Pedro parecia não se importar. De sua roupa vestia uma calça jeans e uma blusa de moletom. Ao seu lado ao que me intrigava, eram das caixas de papelão que iam se amontoando. O vento começou a soprar mais forte e passou a ser mais gelado. Dava para escutar o seu zunido. Pelo incômodo, eu ajeitei melhor a toca. Do cachecol enrolei em meu rosto e a deixar somente aos olhos livres. Agradei pela ausência de chuva até ali. Lá embaixo, ao lado da fogueira, que ia ganhando proporções gigantescas, Pedro tomava algo direto do gargalo de uma garrafa. Provavelmente mais uma de vinho. Quando terminou jogou a garrafa ao longe. Dali, ele se ateu em concentração as caixas e ao lento ritual. Das coisas que nas caixas existiam, ele foi pegando item a item e a tendo em mãos e para depois jogá-las ao fogo. Pelo binóculo, identifiquei o álbum de fotos. Sim! Parecia ser isso mesmo. Então eu percebi. Pedro estava se despedindo da sua vida. Justamente, era o que havia naquelas caixas, suas coisas pessoais. Também não sei precisamente, pois estava longe e estava escuro, mas cheguei crer que Pedro em dado momento estava chorando.

O ritual foi longo, sem pressa e cerimonioso. Passei a invejá-lo, pois o frio aumentou e diferente dele eu nem poderia em sonhar em fazer um fogueiro. Mesmo agasalhado eu comecei a tremer. Um vento cortante soprou aos meus ouvidos e que das rajadas se acentuaram. O fogo da fogueira ficou grande e inconstante pela tempestade que se fazia em prenúncio. Encolhi-me na toca do bivaque e a declinar da minha vigia. Passei a abaixar a cabeça constantemente e com mais freqüência, e para apenas dar algumas espiadas. Tentava evitar que o vento me pagasse de frente. Então, uma sonolência me abateu e mais forte ainda após uma rápida e última espiada. Pedro continuava lá, resistente e forte perante aos elementos da natureza. Adormeci ou cochilei e quando acordei na madrugada e ao olhar para baixo, Pedro não estava mais lá. Nem quase também a fogueira. Levantei-me de minha toca a enfrentar o frio e senti a garoa. Percorri cauteloso com os meus olhos o escuro da noite atrás de Pedro. Nenhum sinal. Também, não vi luz alguma na casa. Decidi agir. Estava bem equipado e saquei a lanterna. Procurei ainda por Pedro, mas esse realmente eu não achei. Fui até a fogueira ou ao que dela sobrou. Aproveitei um graveto e remexi o braseiro e as cinzas. Encontrei e consegui salvar algumas coisas: uma medalha de um primeiro lugar de uma competição, um pedaço de pano, um caderno e algumas poucas fotos. Das fotos, me detive em uma que estava queimada na ponta e em melhor estado. Mesmo no escuro, mas com a ajuda da luz da lanterna, pude identificar o retrato do casal abraçado. Era uma linda e alegre mulher. Pedro estava abraçado com ela. Seria Sara? Guardei o retrato no bolso, assim como a medalha. Vasculhei por algo mais, mas nada além restava sem danos. Deixei a fogueira e fui determinado atrás do jornalista. Estava preocupado com ele. A primeira opção seria a casa, porém e mesmo antes de alcançá-la, sem querer eu o achei jogado no banco de trás do carro. Estava desmaiado ou a dormir, pois no que verifiquei Pedro ainda respirava. Não achei que corresse perigo ou também que eu pudesse fazer algo para ajudá-lo. Se o homem queimou sua vida na fogueira, julgo justo que dela aprecie as cinzas e sozinho. Por isso dei-lhe a privacidade.

A missão havia terminado e era hora de voltar ao meu lar. Seria uma longa caminhada e a presenciar o nascer chuvoso e frio de um novo dia. Justamente o que eu temia. A chuva começou a apertar. Chuva e frio foi o que me acompanhou ao meu longo trajeto até a minha casa.

Demorou mais três dias para obter uma nova chance de acesso aos manuscritos. Porém antes tive a surpresa. O estado da casa havia piorado ainda mais. A bebida também havia acabado tal como a comida, que somente restava farelos. Não sei onde Pedro pensava em chegar desse jeito. Já estava a me preocupar por demais e a ponto de quase pedir ajuda. Todavia ainda relevei. Eu o tinha visto sair e fora o jeito de estar quase se arrastando, ele me pareceu bem. Nem fazia idéia de sua motivação a andar perdido pela praia desolada. Então, vislumbrei as folhas e os manuscritos sobre a mesa. Foi o suficiente para me tirar do meu mundo e entrar no mundo dele. Reinicie a leitura do livro e de onde eu havia

parado.

O livro: o casamento

O barulho vindo da sala me incomodava. Outra gargalhada. Aquelas parasitas! Uma semana e não iam embora. Fechei o livro e coloquei o casaco. Sai do quarto disposto a dar uma volta. Surgi na sala. Sara me olhou cordialmente:

- Aceita um café querido?
- Não, obrigado.
- Vai sair?
- Sim.
- Para onde nessas horas da noite?
- Vou procurar o Julio. Preciso esclarecer algumas coisas da tese.
- Está bem. Não demore.

Olhei as parasitas: Malú e Nancy. Senti repúdio. Não disseram nada. Ao certo notaram meu mau-humor. Fechei a porta e deixei aquela trupe de vagabundas cariocas.

A noite estava com aquela chata chuva de garoa fina incessante. No carro passei o pano por dentro do pára-brisa para tirar o embaçado. Cruzei um farol no vermelho. Minha raiva saia nos detalhes dos gestos e num palavrão proferido ao acaso por uma coisa besta qualquer. Da portaria chamei pelo Julio. Ele logo desceu.

- Olá malandro! Você nessas horas?
- Vamos tomar alguma coisa.
- Não foi um pedido, mas sim uma ordem.
- Estava me recolhendo.
- Não dei ouvidos e o fiz entrar no carro.
- Aonde vamos?
- No Garcia, lá fica aberto até tarde.

Breve silêncio. Dali a pouco a pergunta:

- O que aconteceu?
- São as vagabundas.
- Vagabundas?
- Por não trabalharem também não tem hora para dormir. Pensam que todos são iguais a elas.
- Do que está falando?
- Das amigas da Sara.
- Ah! Está falando das cariocas deliciosas?

– Sim, essas filhas das p*. Chegaram do teatro ainda a pouco e naquela algazarra. Como posso me concentrar na minha tese de mestrado desse jeito?

- Fala para a sua esposa.
- Já não falei?
- E o que ela diz?
- Disse-me que eu sou um estressado antissocial. Ela me recrimina por não acompanhá-la quando está com seus amigos, mas eu não os suporto. Nenhum deles.
- Talvez seja um pouco de verdade.
- Você também está a favor dela?
- Eu malandro? Claro que não, mas só acho que não tem um único amigo dela que você dá corda.

– Tenho culpa se são todos uns imprestáveis.

Tinha a felicidade de contar com um amigo como Julio, gênio intelectual do jornal. Sabia falar sobre tudo, desde filosofia, política, economia ou esporte. Gostava de ouvir sobre suas viagens arqueológicas. Era um fanático pela Roma antiga. Somente na Itália foi cinco vezes e ainda achava insuficiente. Sujeito atípico, desses de causar estranheza no primeiro contato. A longa barba cultivada de anos e que remetia de aparência ao tempo do império brasileiro, cabelos compridos e quase sempre despenteados, óculos quadrados e a altura elevada para um corpo esquelético. Não era a toa que morava sozinho e não tivesse nenhuma namorada. Quem haveria de se dar bem com ele? Acho que somente eu mesmo. Chegamos ao bar e sentamos numa das mesas. Pedi meu conhaque tradicional e Julio uma pinga pura.

– Só acho que você podia ser um pouco mais maleável.

– Não me faça rir. Você fala isso, pois não é contigo.

– Por isso que eu sou solteiro. Prezo minha liberdade.

– Mas não tem ninguém pra transar.

– Como não? Quando quero vou ao inferninho. Dizem que é caro, mas eu acho que é a transa mais barata que existe. Escolho quem eu quero, não dou satisfação e nem preciso ver uma cara amassada ao meu lado no dia seguinte quando acordo. Nem tenho que sustentar ou dar presentes. Nem me aborrecer com nada ou dividir a televisão. Percebe?

– Simplificação que eu acho até que eu devo reavaliar as coisas como vivo.

– É apenas uma opção de vida.

– Então veja eu. Agora minha casa ficou sendo um antro de gentinha. Aposto que quem pagou a saída de hoje para toda essa gente foi à boba da Sara, pois eles são uns falidos. Ninguém tem dinheiro. Sugam tudo dos outros.

– Mas não tem um rapaz também?

– Lógico que têm. É um ator de teatro, desse tipo fajuto. É o Vélez, mas esse graças a Deus tem outro lugar para ficar e que não na minha casa. Só faltava essa. Está completo o circo.

– Então o problema é o nível social?

– Não começa com suas opiniões morais.

– E o que quer de mim?

– Toma essa desgraçada da sua cerveja e me deixa falar. Nem interrompa.

Dei o grito:

– Hei Garcia! Vê mais um conhaque.

A partir da segunda dose me sentia mais calmo.

– De onde ela conhece toda essa gente?

– Ela fez teatro antes da faculdade e escondido do pai. Pois o seu Orlando jamais iria concordar com essa palhaçada. Ela cultivou algumas amizades desse tempo. Todos elementos suspeitos. Sabem como é essa gente? Eles aproveitam. Dá a mão e eles querem o braço. Se pensam que vão montar em mim eles estão muito enganados. Que voltem para o Rio nessa semana. Caso contrário eu os expulso.

– Sabe Pedro... Casamento é tolerância e flexibilidade. E atrelada a respeito. Se falta algo disso e mesmo tendo amor, desmorona.

– Não me venha com essa.

– Ok! Vamos mudar de assunto. E a tese, como anda?

– Tenho ainda muito trabalho, mas está indo bem. Vou dar conta.

– Vai conseguir conciliar com o jornal? Você sabe, sua responsabilidade aumentou por lá. E uma fofoca pra te alegrar: você está com a cotação em alta.

– Para tudo dá se um jeito. Tenho tudo no controle. Já falei com seu Assis. Ele vai me apoiar. E dessa de estar em alta, eu não espero menos.

– Já previa, né? Que bom pra você. Logo vai ser o poderoso chefão.

– Sem ironias.

Ficamos além do previsto e pela madrugada que havia surgido. Cheguei a casa em silêncio. Na luz baixa da sala Sara me esperava sozinha.

– Demorou.

– Talvez um pouco.

– Bebeu?

– Vai ficar me controlando?

– Fiz somente uma pergunta.

– Pois digo que sim. Algum problema?

– Não seja estúpido. Vou dormir no outro quarto hoje. Pode ficar com o nosso para você.

– Por que isso?

– Tenho que explicar ao óbvio?

Sara costumava ser mais inteligente do que eu. Franzi a testa pronto para uma discussão, mas demasiado cansado não respondi a pergunta e fui dormir sozinho.

Cocei o supercílio esquerdo enquanto observava Larissa afastando-se de minha mesa. Aquilo me excitou ao contemplar o seu corpo perfeito.

– Que tal Pedrão? É muita carne para o churrasco!

– Que é isso! Sou casado.

– Mas não tá morto. E olhar não tira pedaço.

– Não estava olhando.

– Me engana, compadre! Bom almoço pra vocês. Se é que vai ficar só nisso.

– Deixa de ser maldoso. Claro que sim, Casemiro. Somos amigos.

– Se fosse comigo é que não ia ficar mesmo.

– E a sua esposa?

– Ela não precisaria ficar sabendo. E além do mais, tem coisa que não se deixa passar na vida. Pelo que te conheço, eu acho que você não vai deixar em brancas nuvens.

– Não vai acontecer nada.

– Tá aí uma aposta para eu ganhar.

Fui retrucar, mas Casemiro se virou e retomou ao trabalho. Ele tinha razão. Impossível ficar passivo. A mulher exalava sexo. Seus olhos, sua boca, seus ombros nus e seu decote. Tudo alimentava a minha fértil imaginação.

– Você está bem?

– Sim Larissa.

Ela parecia ter esperado aquela oportunidade. Seria assim, tão meticulosa? Mulher quando busca algo e encarna com alguma coisa é capaz das piores armações. Olhei seu semblante de menina e duvidei das suas intenções maléficas.

– Não está boa a salada?

– Claro.

– Parece disperso, Pedro.

– É impressão.

Estagiária nova no setor. Obvio que chamaria a atenção de todos os marmanjos. Julio com aquele seu jeito desengonçado conseguiu de primeira à amizade com a garota. Mundo injusto! Já estou quase a ingressar aos trinta e ela, ainda uma flor recém-aberta. Essa gente ficava de fuxicos e risadinhas pelos cantos do departamento. Não pegava bem. Acho que era um sentimento somente meu aquele, o de ter ciúmes. Quem sabe seria simples inveja ou preconceito, mas não tirava da cabeça que era eu que deveria

estar em seu lugar. Ela quase nem me cumprimentava, mas logo tratei de mudar isso. Quem diria o tímido do Julio dando uma de galã?

Larissa era bonita, mas nem tanto. O que chamava a atenção eram o seu corpo avantajado e sua sensualidade natural, os seus atributos. Ela estava a me contar uma história em que eu nem prestava atenção:

– E então, fugimos correndo e o cara do armazém atrás da gente. Ele nem chegou perto. O que achou? Ela tocou suavemente com sua mão no meu braço, forçando-me respondê-la.

– Uma história maluca.

– É, depois relembro, sabe que eu também achei.

Larissa tomou um gole mais do seu suco usando os dois canudos do copo. Seus olhos não desviaram dos meus. Resistir era um exercício inútil. Lembro-me de quando Julio convidou-a para almoçar conosco. Depois daquele dia, umas três semanas, a menina se habituou à minha companhia nas refeições. Em algum momento aconteceria aquilo e eu sabia ou torcia: Julio ausente.

– Pedro!

– Sim.

– É só para você é que eu conto essas histórias bobas.

– Não são bobas.

– São sim. Vai ver que estamos ficando íntimos.

– E o Julio?

– O Julio é um amigão. Ele é engraçado e me diverte. Você não. É bem mais novo que ele.

– Só?

– Não. É bonito e inteligente. Um homem interessante.

Foi uma surpresa para comigo. Algo inesperado e de uma audácia. Fiz o obvio:

– Eu sou casado.

– É uma pena, mas nada é perfeito.

Estava naquele estado a contemplar a superfície do lago, na qual o sol refletia os seus raios brilhantes. Vendo-se de longe é bonito. Hipnotizado eu ficava na beirada, inerte e sem condições de retroagir. Não havia mergulhado, ainda, mas esse seria o caminho natural a seguir se continuasse nesse flerte fatal. Será que a beleza iria embora ao penetrar eu em sua água? Havia é claro, o perigo eminente de se afogar. Talvez fosse demasiado tarde para perceber. Somente depois de consumado é que percebemos nossas infelizes desventuras.

– Tenho que voltar.

– Tão cedo?

– Sim. Há bastante trabalho me aguardando.

– Que pena. Vamos repetir almoços assim. Somente nós dois.

– Com certeza.

Casemiro tinha razão. Era impossível estar perto sem cobiçar. Era impossível estar mais perto e não tentar tocar.

Entrei em casa cansado. Larguei minha pasta pelo caminho e fui para a cozinha. Tarde da noite, madrugada chegando. Busquei minha janta no fogão. Sara surgiu.

– Devia ter me chamado.

– Não queria incomodá-la.

– Não é incômodo, querido. Cochilei no sofá com a televisão ligada. Estava te esperando chegar.

– Que bom!

– Temos nos falado tão pouco nesses últimos dias.

- É, mas tenho estado muito ocupado.
- Eu sei.
- O trabalho, o mestrado e as aulas...
- E como tem se saído na universidade?
- Bem.
- Bem! Só isso?
- Dar aulas não tem nada de extraordinário.

A comida não tinha sido esquentada o suficiente, mas dei-me por satisfeito. A fome era grande. Abri o refrigerante. Sara estava em pé me observando.

- Sabe querido, tenho pensado em umas coisas.
- Como o quê?
- Em trabalhar.
- Está brincando? Já falamos disso um milhão de vezes.
- Eu sei, mas não consigo ficar sem fazer nada. Fico entediada o dia inteiro. Tenho que me mexer.
- Meu Amor, já disse que é apenas uma fase. Será transitório. Assim que acabar o mestrado nossa vida volta ao normal. E não vou carregar tantas aulas a dar. Veremos-nos mais e voltaremos a ter uma vida social melhor e também pra gente se curtir. Logo haveremos de fazer aquela viagem maravilhosa. Mas agora não é o momento. Temos que fazer algum sacrifício para conseguirmos evoluir. Ao acaso lhe falta algo?

– Claro que não. Você sabe que ganha bem e dispomos de uma vida confortável, mas não quero ser uma inútil.

- E nem é e nunca será.

Abandonei metade de meu prato e fui atrás dela e a abracei. Falei ao seu ouvido:

- Assim que terminarmos essa fase, eu prometo que vamos viajar e curtir um pouco mais a gente. Sara se afastou de mim. Acho que mais para no sentido de olhar diretamente aos meus olhos.

- Fui fazer um teste.

- O que?

- Na peça.

- Do que está falando?

- O renomado diretor Jack René está na cidade e selecionando o elenco. Vélez me indicou.

- Ah! Eu sabia. Então é isso? Está sendo influenciada pela corja.

- Não fale deles assim. São meus amigos.

- E como devo falar?

- Com respeito.

- O que vai ser?

- Não sei. Tenho que aguardar o resultado por uns dias, mas é promissor. Ele me disse isso ao sair.

- Então, que bom! Conseguiu participar ao marido de seu ato escondido. Quanta confiança, hein? Ok!

Eu entendi e estou ciente. Você gostaria de testar o seu potencial. É isso, não? Parabéns! Já fez e eu não vou brigar por isso. Mas agora vamos esquecer essa maluquice.

Sara ficou parada me olhando.

- Eu quero fazer.

- É brincadeira?

– Não, não é. Eu sempre desejei ser atriz e nunca escondi de você. Antes meu pai me proibia e agora é você. Não vou aceitar ninguém mais ninguém a estar a me podar. Se eu passar no teste eu vou aceitar.

- Não! Não vai. Eu não vou permitir.

- O palco é o meu destino. Quer você goste ou não.

Sara me deixou. Saiu correndo para o quarto e chorando. Voltei para a mesa, mas nem mais tinha

fome. Numa atitude violenta, arremessei o prato ao chão. Acho que Sara se assustou, pois escutei bater a porta e depois o virar da chave. Naquela noite, eu dormi no quarto de hóspede outra vez.

– Querida!

– Sim.

– Podemos conversar?

– Evidente.

Sara nunca havia atuado. Quer dizer, não como profissional. E isso me dava esperança de ser algo impulsivo e que poderia passar. Claro que eu em nada concordava com a sua decisão. Todavia deveria ser mais inteligente. Pensei ao contrário e de ao invés de brigar, tentar tratar de ajudá-la e a perceber o erro. Talvez fosse mais fácil de convencê-la do que pelo veto ou ao uso da força. E se ainda falhasse eu tinha uma carta na manga. Seria de antecipar ao nosso planejamento e a de ter logo nosso filho. Um bebê a tiraria desse mundo impróprio de vadios e lhe daria um novo alento e bem mais uma ocupação para excluir dessas idéias malucas e contrarias de uma família honesta. Tive que ser cauteloso:

– Confirmou-se, não?

– Sim, eu fui aprovada.

Dei-lhe alguns segundos de suspense.

– Estive pensando e para não dizer que sou radical, eu acho que podemos tentar.

– Não entendi.

– Vamos ver no que dá essa sua peça.

– Sério?

– Claro. Vou apoiá-la.

Ela pulou e me abraçou e beijou-me. É tão fácil agradar as mulheres, que basta concordar ao que querem.

– Agora me fale sobre a peça e principalmente o seu papel.

– É um papel secundário, mas de grande relevância. Serão cinco atores atuando e eu serei a camponesa que chega a cidade.

– Não terá nenhuma cena de beijo?

– Não, claro que não. Quer dizer, não comigo. É um drama. Serei a filha do casal.

Sara se empolgou e eu, fiz-me de interessado. Disse-lhe que gostaria de acompanhá-la de perto dentro das possibilidades e apesar de minha vida agitada.

– Que bom! Mas o que lhe impulsionou nessa súbita mudança de pensamento?

– A possibilidade real e eventual de lhe perder. Nem imagino disso acontecer.

Foi ao bastante para ganhar mais beijos e uma noite maravilhosa entre os lençóis com a minha esposa.

Julio era bem mais velho do que eu, mas eu gostava de pensar que éramos colegas de um mesmo tempo, como da escola ou da faculdade. Ele me ensinava muita coisa e eu aprendia rápido, menos como ascender aos cargos na empresa, pois quanto a isso não há como ensinar. Também, nesse tópico, julgo que eu nem precisava. O rumor de uma promoção estava mais forte do que nunca. Seria uma chance em mil e eu deveria aproveitar. Especulei com ele sobre aos comentários, pois ele era muito bem informado das coisas da diretoria.

– Sim, o Jorge Medeiros está queimado e não vai durar. Seu nome está bem cotado, mas...

– Mas o quê?

– O Bernardo Boaventura deve ser o cara.

- E quem é esse?
- Pensei que soubesse.
- Mas não sei.
- É o sobrinho do Manfredo e ir contra gente da família, não tem jeito.
- É covardia! Isso é injusto de pegar um cara de fora.
- Eu sei.
- Então não há nada o que fazer?
- É... Bem por aí, ao menos...
- O que?

- Aquele patrocinador para o jornal.
- Mas isso faz anos que eles estão buscando e não conseguiram.
- Exato e sabe por quê?
- Não! Não sei.

– Eles não aceitam o vínculo com o deputado Paulo Landim. Argumentam sobre a perda da liberdade de expressão, ao da própria imprensa.

- Besteira!
- Exatamente.
- Mas o que quer dizer?

Julio olhou aos lados e para revelar o segredo de estado.

– O deputado não precisa ingressar pelas vias diretas. Ele tem cacife suficiente para ser sócio majoritário, mas sem fazer parte do corpo diretório da revista.

– Aonde quer chegar?

– A revista que fará parceria com o jornal e fortalecendo uma linha de frente opinativa. Seria perfeito para Paulo Landim formar sua base política rumo ao planalto central.

– Não estou captando.

– Eu conheço o Praça, o assessor do deputado. Você vai se encontrar com ele e propor a parceria desde que ele vincule a marca, os patrocinadores da revista com a sua reportagem no caderno especial. Com o dinheiro entrando o cargo será seu. Só tem que mencionar a sua disposição futura em colaborar com o deputado em suas pretensões políticas.

– Quer que eu me venda?

– Não! Quero que você faça política, pois política familiar é o que Bernardo Boaventura está fazendo. Cada um joga com as armas que têm.

– Mas por que está a me ajudar e a direcionar o pato?

– Depois você me dá o caderno especial pra mim. É só o que desejo.

– Tratamos como moedas de trocas?

– De maneira alguma Pedro. Somos apenas homens tratando de nossos interesses conforme o mundo em que vivemos. E também gosto de sua companhia.

– Assim será.

Não estava disposto a perder tão fácil. Achei que valeria tentar. Afinal, tudo é política.

Na cadeira do teatro estava quase a cochilar. Dei duas piscadas enquanto Sara tomava broncas seguidas do diretor. Era o ensaio da peça. Um cochicho entre eles e alguém veio na minha direção.

– É o esposo da Sara?

– Sim, sou eu. Vim ver o ensaio. Posso?

– Exatamente por isso que vim lhe falar. Ela está nervosa e a sua presença não está contribuindo.

Dei um sorriso falso.

– Vai ver que é porque ela não tem jeito pra coisa.

O sujeito nada respondeu.

– Não seria melhor dar uma volta?

– Estou esperando a minha esposa para jantarmos depois.

– Retorne às seis.

– Está me expulsando?

– De maneira alguma. Apenas fazendo um pedido de maneira elegante e para que sua esposa consiga se concentrar e realize a contento o seu trabalho.

– Está bem. Mas não gostei.

Deixei o teatro contrariado. Por mim, mandaria todos a m*. Bom! Deixei por estar. Sara me mandou um beijo de longe e eu retribuí. Ela poderia deixar aquela palhaçada toda e vir comigo. Não era ainda o momento. Todavia eu fiquei contente, visto que se ela nem agüenta um ensaio, quanto mais dizer de uma apresentação com público. Seria somente uma questão de tempo.

No mercado e num café quase que escondido, eu me encontrei com o sujeito chamado Praça. Logo de início ele não me pareceu ser um homem fácil.

– É você?

– Depende de quem está imaginando.

Acho que ele não gostou da resposta e cuspiu grosseiramente ao fim de seu café.

– O do Diário?

– Sou eu mesmo.

Estendi a mão.

– Meu nome é Pedro.

Ele ignorou, mas não deixei por menos.

– Fica difícil começarmos uma relação com hostilidade.

– Senta e deixa de besteira.

Obedeci e nem sei do motivo.

– Não somos amigos e se alguém estiver nos vigiando, terá tudo, menos uma foto do assessor parlamentar do deputado Paulo com um jornalista do mais influente jornal da capital do sul. O inimigo está em toda parte. Entendeu agora?

– Perfeitamente. Peço minhas desculpas.

– Ok. Tratemos da questão. Será fiel? É só isso que importa.

– Como?

– Uma pergunta simples.

– Mas ao quê?

– Ao partido, bolas!

– Não sei do que fala.

– Então eu me vou.

O homem nem fez menção de argumentar e já estava indo quando eu o impedi:

– Hei! Espere. Só preciso entender. Por vezes sou meio lento.

– Está bem.

Voltou a sentar.

– É simples. Vamos apoiá-lo e te colocamos aonde deseja, mas em troca e quando precisarmos terá que ser a nosso favor. Manfredo e os outros, os da família Boaventura nem podem suspeitar. Eles são contra o partido. Maragaios f.d.p.! Ficou claro?

– Sim.

- Dinheiro não será problema. Terá os seus patrocinadores. Não me procure. Nunca mais seremos vistos juntos. Se necessário, virá outro em meu lugar. Temos um acordo?
- Estendi a mão para selar ao tratado, mas logo fui repreendido.
- Idiota! Não faça isso. Só confirme com um sim ou com um não.
- Então tem o meu "sim".
- Era o mínimo pra não me fazer vir aqui e perder tempo.

Estava em casa e numa das raras vezes relaxado. Uma garrafa de vinho foi uma companhia ideal. Do banho me vesti tão somente com um hobby. Fui até a varanda de meu apartamento e da ampla vista, quase ao topo do céu, a ter a cidade em contemplação. Sara veio ao meu encontro e apalpou aos meus braços.

- Está gelado.
- Talvez um pouco.
- Como foram os seus dias?
- Tensos. Não posso errar. Tenho que ser preciso. Pode dar certo e eu a estar quase no comando do jornal.
- Sério?
- Sim. Você gosta da idéia?
- É incrível! Nunca duvidei de sua capacidade.
- Atrás de um grande homem há uma grande mulher.

Beijei-a.

- E a peça?
- Está difícil. É bem mais puxado e diferente do que esperava. Eles são e exigem muito profissionalismo.

Quase lhe falei pra desistir, mas ainda não. Ao contrário, eu dei uma de amigo:

- Talvez esteja em adaptação.
- Tomará que esteja certo, pois se não eu penso em desistir.

Foi uma frase sublime, mas resisti em demonstrar meu contentamento. Do prelúdio, o término daquela garrafa e que pelo álcool me elevou ao desejo e dali, apanhei minha esposa ao colo e a levei a cama. Do ensejo, tivemos a noite perfeita.

Estava exaurido. Nunca havia trabalhado tanto e tão tarde da noite, mas seria por um motivo justo. Era um momento crucial e que não poderia de ter erro. Lapidava minha matéria e aos pormenores e mais uma vez. Seria a busca da perfeição e não aceitaria menos. Tinha gente doida torcendo pelo meu insucesso. Do futuro não sabia, mas diria que estava bem encaminhado e se acaso não conseguisse, não haveria de ser por falta de esforço ou de ausência de articulação. No final daquele dia, Julio passou por mim antes de ir embora e deu uma piscada suspeita e que poderia ser um simples “até logo” ou mesmo a confirmação da trama de nossas conversas escusas. Não sei o que estava se dando, mas eu sentia algo no ar e não estava errado. No dia seguinte haveria de saber da tentativa de Bernardo Boaventura de tirar o caderno especial de mim imediatamente. Julio impediu e nem sei como e também ele nunca haveria de dizer. Uma suspeita seria de ele ser maçom. O fato é que ele ficou sabendo antecipadamente e interveio na alta cúpula. Ao que já estava planejado, ele mudou. O decidido é que eu haveria de perder sim o caderno, mas somente ao término da minha série. Mas daí já seria tarde, pois já teria vencido. Ganhei o tempo e a oportunidade necessária e tudo do "depois", daí não importaria mais. Devo isso ao Julio, meu grande amigo na ocasião.

Naquele momento da noite, dei a pausa e para tomar um café da garrafa térmica. Seria algo para

relaxar e aliviar as tensões. A redação estava vazia, mas isso era o que eu pensava. Bateram a minha porta que estava aberta.

– Larissa! O que faz aqui?

– Trabalhando, assim como você, eu acredito.

– Mas tarde da noite?

– Sim, mas já estou indo. O doutor Olívio Mendes necessitava de uma ajuda. E eu lhe dei. Vi uma luz acessa no fim do corredor e descobri você.

– Descobriu ou já sabia que eu estaria aqui?

A garota soltou o sorriso malicioso e eu adorei.

– O que está tomando?

– Café. Aceita?

– Só se fosse um chimarrão. Café é para paulista.

– Pode ser.

– Mas que tal me convidar para um vinho?

– Antes pudesse...

– Então nem tenho convite?

Larissa entrou na sala e encostou a porta.

– O que está fazendo?

– Nada. Só criando um pouco de privacidade.

– Não acho que devamos...

– O quê?

Aproximou-se de mim e com sua mão tocou meu braço.

– Criar privacidade. Não é certo.

– Estou desapontada, mas como quiser. Então, até amanhã.

Ela se abaixou e beijou-me no rosto bem devagar e suavemente. Segurei-a pelo braço.

– O que foi? Suas palavras estão em desacordo com a sua ação?

– Um pouco.

– Não vai me deixar ir?

A garota estava de saia e minha mão a invadiu subindo pela sua perna até alcançar quase a sua intimidade. Pela falta de controle, Larissa soltou um gemido. A volúpia decretou o inconcebível e ao ato animalesco, que se consumou ali mesmo, desenfreado e destituído da razão. A aventura se deu pelo prazer e pela ameaça do perigo. Foi rápido e intenso, selvagem. Daí, Larissa se recompôs e saiu sem dizer nada e sem ao menos se despedir e enquanto eu ainda estava delirando no prazer. Fiquei sem noção e rindo a toa na saleta. Minha motivação ao trabalho havia se dissipado. Havia sem querer conseguido um canalizador. Findado o momento, retornei a realidade. Assim, liguei para Sara como num ato mecânico e corriqueiro ou de uma obrigação para avisá-la de meu retorno ao lar.

– Oi amor!

– Olá! Ainda vai demorar?

– Não. Estou saindo agora. Estou exausto.

– Imagino! Coitado. Trabalhando até tarde. Venha pra casa. Tem uma comidinha gostosa te esperando. E eu estou aqui, claro e te esperando.

Desliguei o telefone e nem tive remorso, mas não foi por falta de moralidade. É que ainda estava envolto por Larissa e nem havia espaço em mim para outro sentimento. Talvez amanhã ou dali a pouco quando encontrasse minha esposa tivesse outro sentimento. Nessa inconsistência do ser, deparei-me mais uma vez na noite com o improvável e quando estava quase a fechar a porta da minha sala. Dei de cara com Casemiro.

– P*! Quer me matar de susto? Você também por aqui?

- Eu é que lhe pergunto.
- Ora, estava trabalhando.
- E eu também e com o doutor Olívio Mendes. Aliás, você viu a Larissa?
- Larissa?

– Sim. Estávamos juntos e eu fiquei de lhe dar uma carona. Só pedi uns quinze minutos e daí eu não a encontrei mais. Estava procurando ela pela redação. Será que ela foi embora?

- Como vou saber?
- Mas aquela não é a bolsa dela?

Acompanhei o seu olhar e vi uma pequena bolsa de mão, quase uma carteira pousada em minha mesa. Falei convicto:

- Não.
- Então de quem é?

A rapidez no raciocínio é uma coisa que nunca me faltou, mas desta vez não foi tão boa:

- Da Geni.
- Aquela horrível do financeiro?
- Ela mesma. Ela me trouxe o relatório de despesa pra assinar e esqueceu.
- Que coincidência, pois poderia jurar...
- Poderia, mas não é.
- Não, claro que não. Então não a viu?
- Não.
- Estranho.
- Por que?

– Por que disse agorinha: “ *você também por aqui?*”

- Ora, é que sou e você. Somos dois.
- Entendi. Bom! Deixa pra lá. Sei lá o que deu nessa menina.
- É, vai saber.
- Mas amanhã descubro. Vou descansar. Estou acabado.
- Eu também.

- Sigamos então juntos ao estacionamento.
- Claro. Estou louco pra matar a saudades de minha esposa.
- Pois é... Pelo visto você a ama?
- Com toda certeza.

- E não seria por uma aventura de colocar a prova?
- Nem sei ao que insinua.
- Deixe estar.

- Deixo, mas se você não ficar a duvidar e tanto.
- Longe disso. Somos amigos, não?

- Evidente.
- Que bom! Sabia que está bem cotado na alta cúpula?

- Fico feliz saber.
- Espero que tenha boas notícias em breve e que não se esqueça de mim.

– Evidente e principalmente se esquecer que viu essa bolsa horrenda da Geni em minha mesa. Vai que falte alguma coisa e a mulher ainda venha e me culpar.

- Entendo. Não vale a pena.
- Detesto acusações sem provas.
- Eu nem a vi ou, aliás, nem sei do que está falando.
- Que bom para nós.

– Nossa! Até me surpreendi desse encontro.

– Imagino. Mas vou ser direto.

– Pois diga.

– Você me deve uma.

– Eu sabia.

– Calma e não precisa se exaltar.

– Diga lá.

– Vai ter a estréia de uma peça. Quero uma critica no destaque.

– É só isso?

– Sim.

– Positiva ou negativa?

– Pouco importa. O que me interessa é a coadjuvante. Eis aqui o nome dela.

Dei-lhe o papel que havia anotado.

– E quem é?

– Não lhe interessa. Apenas detone a sua atuação e independente de tudo. Não se preocupe, pois não haverá conseqüências. Trata-se de uma novata e numa estréia.

– Vai acabar com a carreira da moça?

– Não, eu não vou. É você que vai.

– Que crueldade!

– Pouco me importa, contanto que faça. Lembre-se: você me deve.

– E daí, nós estamos quites?

– Sim.

– Que bom. Sabe que eu sei que será promovido.

– Não me diga.

– Muito estranho. Eles preservam muito aos de dentro. Não entendi como conseguiu.

– Competência e trabalho. Espero ver o resultado do que lhe peço em destaque. Adiós!

– Você sabe?

– O que?

– Nunca fomos amigos.

– Ufa! Ainda bem. Que alívio, pois por um momento pensei que você achasse isso.

– Sabe querido!

– Sim.

– Estou tão nervosa.

– Tente relaxar.

– Como? Faz parecer tão simples.

– Mas é. Tudo vai dar certo.

– Espero que tenha razão. Você vai estar?

– Com toda a certeza.

– Promete?

– Mas é claro. Não perderia por nada no mundo.

– Chegará cedo?

– Sim. Sairei até mais cedo do jornal.

– Pena que não vou conseguir te ver. Sabe, no assento?

- Sara, eu estarei lá e desde o começo.
- É que com sua presença terei confiança.
- Pois pode contar com ela.
- Que bom! E obrigado por ter mudado de opinião.
- Quanto ao quê?
- Você sabe, sobre a minha necessidade de tentar ter sucesso nessa profissão.
- Eu pensei bastante e não sou o seu dono. Meu dever é apoiar naquilo que lhe faz feliz.
- Você é incrível.
- Obrigado, mas você é mais. Tudo vai dar certo.
- Assim espero. Agora, por favor, beije-me.

A surpresa e nem tão surpresa se deu e no momento mais inesperado naquele quase fim de tarde. Um coquetel foi armado e com o departamento inteiro, a redação em peso. O motivo principal: a associação internacional e exclusiva com um renomado jornal de Nova Iorque e outro da cidade de São Paulo. Realmente era um fato notável. Espumantes e vinhos da serra gaúcha para conosco e os convidados, uma pequena delegação de americanos e um representante paulistano. Vários discursos e brindes e no meio, o anúncio da minha promoção. Fiquei anestesiado, pois das palavras que disseram sobre a minha pessoa, quase nem me reconheci nelas. Havia sido descrito como o melhor dos profissionais e quase com sendo uma figura oriunda do Olimpo. Maior vaidade ao ego jamais haveria de ter novamente. Deram-me o microfone.

"Confesso que fui pego desprevenido. Ufa! Só peço um respiro."

Alguém do fundo soltou uma gracinha e que riram, mas que nem entendi.

"Agradeço as cordiais palavras que foram ditas ao meu respeito, mas metade são falsas."

Deu o silêncio e a pequena pausa. E só depois daí prossegui:

"Sou muito melhor que isso."

Outra pausa.

"Brincadeira! Estou lisonjeado. Agradeço e muito a oportunidade. Hei de fazer ao mérito e ainda mais agora com os renomados vínculos que estamos tendo. Justamente, esse será o nosso desafio e saberei honrá-lo. Manteremos a dignidade e o respeito de nossa cultura e histórico de imprensa isenta e liberta e sem estar atrelado a ideologias. Somos o que somos e isso nos fez ser grande. Devemos continuar a trilhar por esse caminho. A verdade deve ser a nossa bandeira. Nossa obrigação é de sermos corajosos e mostrar a sociedade aos fatos como eles são. Mais que um jornal, um agente catalisador do povo, capaz de elevar a nossa conduta e ao nosso país aonde ele devidamente merece estar. Um país grande deve ter um jornal à altura."

O sucesso e a bajulação transformam ao homem. Recebi inúmeros tapinhas nas costas. Eu me tornei o "cara". Formei a roda e recebi a atenção dos americanos, que desejam saber sobre minhas idéias. E eu, tinha várias. Depois dispersei um pouco e dali, num quarto copo de vinho, eu fiquei de canto. Estava embriagado, mas não pelo vinho, mas sim pelo sucesso. Gente que nem me olhava no corredor veio falar comigo. Foi incrível!

– Não te disse.

Era o Julio.

– Eu sei.

– E não acreditou. Meus parabéns, malandro. Você conseguiu.

Deu-me o forte abraço.

– E agora?

– É você que dá as cartas.

Olhei o relógio e já havia passado a hora de eu sair. Porém calculei e julguei ainda dar tempo de chegar antes do início da peça, estréia de minha esposa. É que ocorreu do normal. O poder vicia e eu desejava usufruir cada gota. Larissa surgiu.

- Parabéns Pedro.
- Obrigado.
- Você merece e muito mais.
- Agradeço suas palavras.
- Finalmente estou tomando vinho contigo.

Vi uma taça em sua mão como também ao decote de seu vestido.

- Pena que tem muita gente nos olhando.
- Impressão.
- Você que pensa. Todos nos observam. Só que fingem.

Olhei novamente aos mortais e constatei certa displicência enganadora.

- Pode ser, mas não me importo.
- Então que tal se você tirasse a minha roupa aqui mesmo e agora?
- Acho que não, pois eu perderia o que acabei de ganhar.

Ganhei um sorriso.

– Está bem. Vou deixá-lo, mas se desejar em dez minutos te encontro em frente à churrascaria do Chico.

Era um restaurante ali próximo da redação.

- Lamento decepcionar, mas não vai rolar. Estou atrasado para ir ao encontro de minha esposa.
- Você é tão difícil.
- É a vida.
- Vou avisar a Bruna.

Não devia ter perguntado, mas foi um impulso pela curiosidade.

- Que Bruna?
- Minha amiga. Falei de você pra ela e o que fizemos. Ela adorou e gostaria de participar. Seria uma festinha a três. Ela é linda. Que pena!

Nem esperei:

- Hei!
- O quê?
- Como assim?
- Você sabe. Tem dez minutos pra se decidir e te espero mais cinco.

Já deveria ter ido embora e me atrasei ainda mais. Virei à taça de vinho e alguns outros vieram ainda me cumprimentar. Conversa vazia. Agradei e depois, outro entrave. O presidente do jornal.

- Esperamos muito de você.
- E eu decepcionarei.

Duplamente atrasado. Finalmente me vi livre e nem esperei o elevador. Desci as escadas correndo e a chegar ao estacionando entrei no meu carro e sai feito louco. Cheguei à churrascaria e nem vi carro nenhum parado.

– Que idiota!

Mas não era. Quando já me lamentava, alguém bateu no vidro do carro.

– Oi! Demorou.

Estava suado e ofegante.

- Um pouco.
 - Decidi esperar um pouco mais. Essa é a Bruna.
- Melhor impossível. Ela era realmente linda.

– E agora?

– Minha amiga mora perto e ela nos convidou para tomar vinho no seu apartamento. Ela mora sozinha. Você aceita?

Conferi o relógio e de que haveria consequências.

– Claro.

– Então nos siga.

No apartamento, enquanto bebia o vinho derramado no corpo de Bruna, imaginava minha esposa a entrar no palco. Obviamente estaria a me procurar, mas sem da possibilidade de me ver, aceitaria daquilo que lhe disse e de sobre minha afirmação e de minha presença na platéia ser certa. O pensamento em Sara se desfez, pois as duas, seres maléficos do sexo me cercaram e dali o prazer se consumou, mas só ao tempo do momento limiar, limite extremo para eu ainda ter da oportunidade de evitar o pior.

– Como assim?

– Não posso nem tentar explicar. Preciso ir.

– Você sempre faz isso.

Deixe-as lamentando e feito um transtornado. Estava desarrumado e com uma mancha de vinho tinto em minha camisa branca segui desesperado rumo ao teatro. Na entrada, o obstáculo.

– Mas meu senhor, a peça já está pra acabar. Não pode entrar.

Meti a mão no bolso e ao valor que tinha.

– Tome! Todo esse dinheiro é seu se me ajudar. Necessito estar sentado nessa cadeira quando as luzes acenderem.

O homem me ajudou. Tentei ser cauteloso e não trazer a atenção para mim. Minha sorte é que o teatro era grande e que a cadeira não era centralizada. Pedi licença e finalmente sentei. Dali a cinco minutos o espetáculo terminou e as luzes se acenderam. O público ficou em pé para aplaudir aos atores, que voltaram ao palco para receber aos cumprimentos. Sara me procurou ao local aonde mais ou menos seria o número de minha cadeira e eu acenei pra ela quando ela me viu.

A noite estava salva. Ao menos acreditei.

– O que houve?

– Ela está trancada no quarto e não quer sair.

Era Etelvina, nossa empregada a me passar o relatório.

– Mas por quê?

– Pelo que eu sei, ela leu o jornal. Do nada começou a chorar.

Busquei o vespertino e a parte cultural, local obvio de onde estaria o motivo da tragédia. Foi pior do que pensei. Minha esposa havia sido qualificada de cancro deteriorante que comprometeu uma obra sublime. De seu único mérito, a sua beleza, mas que nem a isso tudo poderia justificar a sua presença na peça. De conclusão, uma frase curta, de que Sara havia somente errado de palco, pois por ali, nos holofotes da interpretação nenhum futuro haveria de ter e talvez melhor sorte se desse nas passarelas dos desfiles de moda.

– O que foi seu Pedro, que a deixou assim tão triste a coitada da menina?

– Nada. Vá cuidar de seus afazeres, que de minha esposa cuido eu.

– Só quis ajudar.

– Claro. Agora vá.

Estava contente, mas ao mesmo tempo chateado por sua tristeza. Mas pensei comigo, que quanto a isso logo haveria de passar. Bati na porta e a chamei. E depois e ainda mais. Finalmente a porta foi aberta.

– Eu sei, eu já li.

- Mas é um absurdo.
- Evidente, apesar de vir de um renomado crítico.
- Mas um único homem não pode definir o futuro de uma pessoa.
- Claro que não, mas ele influencia as pessoas.
- Mas fui tão elogiada pelo diretor.
- Acredito, mas ele está vendo de dentro e não de fora.
- Nossa! Mas você está contra mim?
- Jamais. Só estou ponderando.
- E você, o que achou?
- Uma atuação fantástica, mas francamente comigo não conta, pois vejo com olhos de quem te amo.
- Já sei! Vou processá-lo.
- Indevido. Somente irá destacar negativamente o dito e estará queimada de vez.
- Mas deve haver outro crítico?
- Sim, ao certo, mas na estréia foi ele quem foi.
- Você o conhece?
- Não. E se o visse eu quebraria a cara dele por falar tão mal de meu amor. Venha cá. Eu lhe dou um abraço.

– Estou precisando.

Ela continuava com os olhos vermelhos de choro.

– Amor, eu lamento, mas tenho que ir. Lembra-se? Subi de cargo.

– É verdade! E tudo ao mesmo tempo.

– Sim.

– E nem comemoramos.

– Não tem importância. Sabe?

– O quê?

– Essa minha posição deixa-nos à vontade para muita coisa.

– Como o que, por exemplo?

– Mudança de lar. Vi uma casa maravilhosa e de cinema. Tem piscina.

– Sério?

– Podemos ter cachorros.

– Incrível! E o que mais?

– Filhos. Acho que chegou o momento.

– Mas meu querido e o teatro?

Respirei fundo pra não por nada a perder e falei tranquilamente:

– Não quero e nem a forçar nada. Foi só uma idéia. Vou continuar apoiando-a, mas quem sabe não seria bom dar um tempo para não se queimar e depois de nosso filho, quem sabe tentar novamente. Realmente, não deve ser uma pessoa a lhe tirar as suas convicções.

– Seu cargo foi bem maior do que o esperado.

– Talvez.

– Nem eu sabia.

– É mesmo?

– Se soubesse, haveria de tê-lo matado.

Soltou o sorriso com aqueles dentes amarelados. Bernardo era um fumante inveterado.

– Estou brincando.

– Provavelmente. E agora, como ficamos?

– Vamos trabalhar juntos, mas é você quem manda.

– Certamente e isso não vai mudar.

– Serei sua sombra.

Fiz cara de sério.

– É outra brincadeira.

– Vai ver você está em lugar errado.

– Como assim?

– Aqui é para trabalhar e não ficar brincando.

– Entendi. Vou parar disso.

– Que bom! Agora agradeço de providenciar ao que lhe pedi.

– Sim senhor! Voltamos aos tempos do quartel. Outra brincadeira.

E saiu dando risada de mim. Não me preocupei, pois não tardaria de agir. Acho que conseguiria queimá-lo facilmente. Era um boçal e sem inteligência. Haveria apenas de não me precipitar. Dos meus afazeres detive-me num assunto um pouco supérfluo, mas necessário. Seria da contratação de uma secretária. Determinei como imprescindível alguém de fora do jornal e sem vícios culturais. De verdade eu já sabia quem seria, mas não foi à toa. Analisei antecipadamente o currículo, mas muito mais as suas outras qualidades e bem antes de tudo ao que me aconteceu.

– Senhor Pedro, a sua nova secretária chegou.

Era a estagiária.

– Peça para entrar, por favor.

Nem demorou.

– Com licença.

– Pode entrar. Sente-se.

Ficamos a sós.

– Espero não me decepcionar contigo no profissional. Acreditei no que me disse e te dei a oportunidade que você me pediu. Jamais me trate diferente daquilo do que sou e do que represento nesse ambiente. Execute com qualidade e rapidez ao que lhe pedirei. Não será difícil. Também não gosto que fique dispersa e nem avoadada. Ou ainda de bate papo besta. Não que nem ouvir que está sendo paquerada pelos corredores. Em troca será bem recompensada. Alguma pergunta?

– Não senhor.

– Excelente! Acho que já viu a sua mesa ali fora e ao lado da sala.

– Perfeitamente.

– Seja bem vinda, Bruna.

Apesar de todo o cuidado e discrição, eu sabia dos ventos que levam o dito das inverdades da língua maldita. A questão era não ser pego, pois muitos poderiam afirmar, mas poucos terem como provar. Minhas prioridades subitamente mudaram. Sara não estava mais em foco e nem ao que lhe disse e sobre termos um filho. Seu espetáculo ficou em segundo plano e até esqueci. As noites, todas elas dos meus dias de semana de trabalho passaram a se alongar. Nem na universidade mais ia. Era o delírio de ter Larissa num encontro e Bruna noutra, ou ainda, quem sabe, as duas em vários. Bruna soube manter a postura e talvez pelo do muito que comecei a dar as duas. O dinheiro e o poder compram a felicidade e eu pagava muito bem para manter a casa em ordem.

Cheguei em meu lar incredivelmente num dia mais cedo. Realmente foi uma exceção. Afinal, todo homem há de ter uma trégua e voltar para o seu reduto de paz. Meu desejo era somente o descanso, pois do novo cargo e do meu empenho e tudo mais também havia me levado a exaustão. Mas nada do que pretendia e havia planejado deu certo. Fui surpreendido. Sara estava com visita, ou melhor, havia um

festim em meu apartamento e que eu nem havia sido avisado.

– Nossa querido! Veio cedo.

– Agora tenho que avisar quando venho cedo?

– Não.

– Foi apenas uma surpresa. Pelo visto nem o jornal e as aulas na faculdade lhe impediram de vir pra casa hoje antes da meia noite.

– Sem ironias. O que se passa?

– São os meus amigos e pessoas queridas.

– Uma festa?

– Sim. Não se lembra? Eu lhe avisei e você disse as pressas que tudo bem.

– Não me lembro.

– Com toda a certeza. E nem de mim.

– Vai ficar me dando patadas?

– Desculpe. Sabe quem veio?

– Não. Diga-me você?

– Jack René.

– E quem é esse?

– Ora, o renomado executivo do maior jornal do nosso estado do Rio Grande do Sul não sabe?

– Você andou bebendo?

Não tive tempo para escutar uma resposta de minha esposa, pois um casal dos visitantes logo se ateve comigo.

– Que bom! Vejo que o dono da casa resolveu aparecer. Sara havia dito que você não estaria pelo motivo ao trabalho.

Fui cortês, mas não deveria. Sara me levou e apresentou-me aos demais e desde o diretor de teatro ilustre até ao famoso Vélez, que tanto escutei. Sem escolha e a tentar não ser mal educado, sentei-me entre eles.

– Você é francês ou americano?

Entretanto não tive como não ser provocativo, pois continuava com raiva.

– Sou francês de nascença, mas cosmopolita por opção. Então se desejar, não há problema algum em ser americano ou assim como brasileiro. Que bom que está aqui afinal, para entre amigos conversarmos. Você sempre foi muito bem falado pela sua esposa.

– Fico contente em saber.

– Sua esposa é fantástica!

– Obrigado.

Na mesa, frios, queijos e vinhos. Ainda azeitonas e palmitos.

– E o que está achando da vivência de sua esposa ao ingresso da nova profissão como atriz?

– Não sei se ela está certa ainda desse caminho. Temos também outros planos.

– Como o quê?

– Filhos.

Sara não se conteve.

– Talvez filhos possam esperar um pouco, não é querido? Visto que anda tão ocupado ultimamente.

E continuou:

– Não me interpretem errada. Eu explico melhor. É que meu marido foi promovido no grande jornal de Porto Alegre e ainda dá aulas e faz mestrado. Eu como atuo nos fins de semana, obviamente, mas momentaneamente não estamos tendo muito tempo para nos encontramos e providenciamos a vinda da cegonha. Acho que meu marido foi impulsivo quando falou em filhos.

– Que é isso, Querida?

Malú, uma das amigas de Sara tentou remediar:

– Mas é assim mesmo. Tudo ao seu tempo.

Fiquei calado e a me segurar, mas Jack René continuou ao delicado assunto:

– E o que achou da atuação de Sara? Soube que esteve na estréia.

– Soberba.

– Bem resumido, mas não foi o que aquele crítico mencionou. Como é mesmo o nome dele Vélez?

– Não me lembro Jack.

– Exatamente. Ninguém se lembra. Então qual a importância da opinião de um homem que ninguém

lembra o nome? Ao acaso você o conhece Pedro?

Respondi firme:

– Não.

– Acho que ninguém então e nem Sara, a pessoa diretamente afetada e injustiçada.

– Vamos esquecê-lo. Ele nem merece ser citado.

A mão de minha esposa pousou no braço da do desgraçado francês.

– E o que achou da crítica desse cavalheiro, Pedro?

– Ridícula.

– Exatamente o mesmo que eu e por isso pedi para chamar um crítico de verdade: Vincent Galdino. Eis aqui o título de sua crítica.

Mostrou-me o impresso de uma matéria: "*NASCE UMA ESTRELA*". Era uma referência direta a Sara e que tratava com louvor a sua atuação. Mostrou-me a revista de tiragem nacional que tinha consigo. E continuou:

– Entre aos vários elogios, o alerta e para que fiquemos de olho nessa promissora e jovem atriz, pois logo deverá conquistar palcos bem maiores e mais iluminados. Sublime! Sublime minha cara.

E o canalha francês beijou a mão de minha esposa. Passei a estar ainda mais incomodado, bem dizer ao limite.

– Nem soube dessa outra crítica.

– Eu sei. Saiu essa semana. Obviamente pelas suas várias ocupações não teve tempo de ver esse pormenor.

Não era uma reunião de um grupo, mas um debate entre mim e aquele diretor fajuto e que me confrontava abertamente. Só não sabia onde ele desejava chegar.

– Bom, não?

– Muito mais que isso.

– E quase perdemos um grande talento por preciosismo de uma única pessoa, pois Sara quase abandonou a tudo indevidamente. Jamais poderia perdô-la se assim fizesse. Ainda bem me você me escutou.

Um olhar de cumplicidade entre eles se deu e bem na minha frente e na dos outros.

– Concordo, mas já passou e as coisas entraram no eixo.

– Claro, mas só não entendi uma coisa.

– Ao quê?

– Não é o senhor que dirige um jornal?

– Sim. Recentemente ganhei o cargo maior.

– E não poderia ter contribuído de alguma maneira para clarificar as coisas?

Criou-se um suspense indevido. Seria como se eu estivesse contra o muro e a ser contrário ao sucesso de minha esposa.

– Não interfiro na pauta cultural, que deve ter a isenção devida e como todo o jornalismo.

– Sim, evidente, mas nem houve cobertura de seu jornal na peça. Nem ao menos uma única linha. Nem boa e nem ruim.

– É natural e compreensível. Não são todos os eventos que temos a obrigação de opinar. E já disse que não direciono a ninguém ao que deve ou não cobrir de eventos menores. Agora se me derem licença, eu preciso de um banho. Acho que Sara continuará como anfitriã. Estou realmente muito cansado e nem sabia que hoje teríamos a receber pessoas em nossa casa. Não é meu amor?

Recebi o olhar de desaprovação de minha esposa, mas mesmo assim segui para o meu quarto. Era um sujeito impertinente e que me deixou nervoso. Fiquei pensando e coisas bestas. Será? Poderiam ter um caso? Relaxei o corpo na água quente, mas não a mente. Depois, parei na escrivaninha e a ler o material de minha tese do mestrado, mas aquela balbúrdia continuava. Risadas altas e um bando de desqualificados a se divertirem em minha casa. Isso irritava. Afinal quem esse diretor pensa que é e pra me defrontar em meu lar? Intelectuais que pensam que estão acima do bem e do mal. Canalhas! Todos eles.

A madrugada já surgia quando só assim o ultimo deles se foi. Sara entrou no quarto e eu fingi estar dormindo. Ela se despiu e ainda se ajeitou a fazer algum barulho. Talvez esperasse para eu confrontá-la. Não dei a oportunidade. Sara apagou a luz e logo dormiu. Acho.

Plantei uma idéia e que seria boa para todos e logo ela germinou e deu frutos. Havia me livrado de Bernardo e ele ainda me agradeceu. Matei o inimigo e sem ele ao menos suspeitar de onde tinha vindo o disparo. A questão foi simples: troca de favor. Tanto lá, no país de primeiro mundo, como cá, os terceirizados, cedemos quando se envolve interesses e benefícios mútuos. E nem foi muito difícil. Aproveitei a oportunidade da vinda dos gringos e fiz um pedido direto. Demorou um pouco, mas estava em contato e a noticia veio. Bernardo Boaventura havia sido aprovado no intercâmbio com um mínimo de um ano. Ele iria trabalhar na cidade da grande maça, e eu aceitaria um americano qualquer em seu lugar. Perfeito! Todos ficariam contentes. Só teria que ter cuidado na notícia e que não poderia ser através de mim. Contei com Julio para a conclusão.

– Seu malandro. Conseguiu!

– E como foi? Ele topou?

– Claro. Ele nem sabia dessa possibilidade. Era tudo que ele queria, mas nem imaginava algo bacana assim e em tão pouco tempo. Foi uma jogada de mestre.

– Houve suspeita?

– Não. Nenhuma, mas e se ele perguntar ao Paul Dickson?

– Não se preocupe, pois o gringo não abrirá a boca.

– O que prometeu pra ele?

– Nada.

– Fale a verdade. Sou eu, o Julio. Nem imagino o que poderia ser de interesse desse homem a ponto de aceitar esse favor.

– Não me atrevo a revelar, mas não foi nada demais.

– Está bem, mas parece que está fazendo muitos conchavos. Tome cuidado. Não dá para segurar tantas pontas de linha ao mesmo tempo.

– Pode ser, mas um amigo me disse que pra atingir ao topo do poder, bom político há de ser.

– Esse amigo seria eu?

– Off course.

– Mas não lhe disse para realizar tratos ilícitos.

– Questão subjetiva. E também nem sei como ser político sem ao uso do escambo.

– Está bem. Somente cuidado com o que promete, pois a fatura pode ser maior do que a conta.

– Não se preocupe, pois eu sei me cuidar.

De fato, propus ao americano a possibilidade deste pequeno favor e em troca me coloquei a

disposição a atendê-lo no que quisesse. E ele me perguntou:

"*Mas realmente qualquer coisa?*"

"*Sim, mas dentro das minhas possibilidades.*"

O gringo riu e me deixou. Sozinho e pelo que lhe perguntei:

"*E então?*"

"*Vamos ver, mas vai ficar me devendo um favor.*"

Não pude evitar da comparação do filme: "*O Poderoso Chefão*". Onde Don Corleone colecionava afilhados prestando favores e para depois cobrá-los. Bem propício o meu ingresso ao mundo do poder. E nem tinha começado. Não lembro ao certo de onde veio, mas alguém influente sugeriu meu ingresso ao mundo político. Eu respondi que haveria de pensar.

Consultei o relógio pela terceira vez. Vinte minutos de atraso e nada de Sara. Era um jantar num restaurante que nos tempos áureos costumávamos frequentar. Nunca mais fomos os mesmos desde então. A distância aumentava a cada dia entre duas pessoas que dividiam a mesma cama. Fiquei intrigado pelo convite. Minha esposa havia me perguntado da possibilidade de jantamos juntos fora em algum dia durante a semana. Estranhei, mas concordei e apesar da agenda lotada. Demorei uma semana para conciliar o encontro e para lhe dar a resposta. No caso, abortei meu encontro com Larissa, a insaciável. E lá estava eu, na espera da mulher com quem casei. Havia saído do serviço e ido pra lá direto e a aguardava. Não haveria motivos para sua demora e comecei a ficar preocupado. Pedi outra garrafa de vinho, um hábito adquirido recente e quase que diário.

Deu-se o inesperado. Seu Orlando, meu sogro apareceu. Viu-me e sentou à minha frente e sem ao mínimo de estender a mão. Achei estranho e fiz a pergunta óbvia:

– O senhor por aqui?

– Está melhorando na observação.

– Desde quando está em Porto Alegre que nem fui avisado?

– Quatro dias.

– Por que Sara nem me falou?

– Exatamente.

– Desculpe e não que repudie ao vê-lo, mas eu pensei que o jantar seria com ela, a sua filha? O que se passa?

– Não haverá jantar com ela e nem comigo. Talvez com você e sozinho.

– Não estou entendendo nada. Qual é a desse mistério todo? O senhor não estava em Brasília?

– Sim, mas vim para tratar e ajudar das coisas de minha filha.

– Que coisas?

– Ela está te deixando.

O pior golpe é aquele que se dá de forma furtiva. Continuei olhando ao militar, o oficial do exército, que assim como disciplinado por anos pela instituição que lhe serviu de casa mantinha-se ereto, calmo e no aguardo da reação de seu inimigo, no caso eu e para numa eventualidade rebater a altura a qualquer atitude de minha parte. Um belo gole da bebida, do vinho, foi a minha reação.

– E ela não vai vir?

– Não. Na verdade ela não quer mais se encontrar contigo e se puder evitar que isso aconteça será benéfico a todos nós.

– Entendo.

Estava difícil assimilar.

– E o senhor é o interlocutante?

– Dê o nome quiser.

– Poderia eu saber onde ela está agora?

– Num vôo para o Rio. O apartamento foi evacuado e as suas coisas e pertences retirados. Um advogado entrará em contato contigo e para os demais tramites. Espero a sua colaboração e que tudo seja de maneira cordial.

– Evidente. Tudo tão rápido, não?

– O tempo é o que menos importa.

– Posso saber ao menos ao mínimo e do motivo?

– Você não tem vergonha mesmo.

– Ou seria ao contrário? Ela se engraçou com o diretor do teatro. Foi isso? Sabia que ela está na peça? Justamente aquilo que o senhor era contrário.

O coronel Da Mata bateu na mesa e fortemente.

– Não ouse insinuar. Saiba que estou armando e pelos motivos a minha vontade seria de lhe dar um tiro na cabeça. Não me custa fazê-lo e mesmo que desgrace a minha vida. Entretanto, vejo que não valha a pena. Ela o deixou por conta de suas cadelas que andam no cio. Por conta do dia que estava bêbado e foi vê-la em sua estréia e chegou ao final. Não se julgue presunçoso ao ponto que sejamos ignorantes ao ato de tampar ao sol com a peneira. Minha filha está destruída e aos prantos. Você foi o responsável. Ela sempre lhe foi fiel e tanto que boba que é ainda deve amá-lo. Pois mesmo em controvérsia, ela tentou adquirir esse sentimento por você, um canalha. Mas para o amor há de se ter à reciprocidade, pois se não acaba na sem-vergonhice.

Ficou difícil contradizer.

– E agora?

– Não há mais nada a ser dito. Bom jantar e peço que nem a procure. Minha vontade em te dar um tiro na cabeça ainda vai se manter por alguns anos. Mas espero algum dia erradicar esse pensamento nefasto. Portanto, não abuse.

O coronel se levantou e seguiu adiante, quase marchando. Quanto a mim, eu pedi mais uma garrafa de vinho e para me acompanhar no jantar, um prato comum e nada gourmet. Mas eu confesso que foi difícil engoli-lo e que metade sobrou. Pela vidraça uma garoa inesperada se deu. Um belo e triste final melancólico para um fim de dia atípico. Acho que conseguirei sobreviver. Eu acho.

Bruna nem se despediu. A moça sempre de intenções lascivas me trocou e pelo que eu soube por um francês e assim foi viver em Paris. Que país invasivo e que tira minhas mulheres? Cobrei de Larissa explicações, mas essa já nem mais me via com respeito ou com mais atrativos:

– O que quer que eu diga? Ela se foi. Era bonita e muito assediada. Também pra mim foi uma surpresa.

– Mas vocês eram amigas.

– Nós todos éramos amigos. Aliás, está confundindo nossa relação e no trabalho.

– Não tem o direito de levantar a voz para comigo.

– E você não tem a razão de me tratar como se eu fosse a sua esposa. Eu nunca lhe prometi nada. Nem namorados somos. Apenas nos divertíamos, mas acho que esse tempo já passou. Aliás, bem propício o momento e para te falar, pois estou gostando de alguém.

– O que é isso! Traição agora?

Os dias seguintes foram insuportáveis e o inevitável aconteceu. Dispensei Larissa. Todavia ela poderia, mas não o fez. Larissa se comportou como uma dama e nem houve escândalo. A substituta de Bruna foi uma senhora e de óculos e gorda. A minha rotina havia mudado. Agora era triste chegar a casa sem ninguém para me acolher. Tinha me acostumado com Sara e era difícil tentar ou pensar substituí-la. Havia um vazio terrível e que passou a me assombrar. Daí, da ausência ao desespero pela procura de

Sara. Normalmente se dava quando eu estava bêbado de noite em meu apartamento. Num desses telefonemas, o coronel Da Mata atendeu:

– Seu inconseqüente. Pare de atormentarmos.

Busquei pelos jornais e ao que se dizia da peça e principalmente da atriz figurante. Houve a estréia no Rio de Janeiro e lá os elogios para Sara se multiplicaram. De seu grande sucesso, o convite para outra peça e onde ela seria a protagonista. Justamente quando eu estava propenso a ir buscá-la e a pedir o seu perdão. Haveria de dizer sobre o meu amor e de sua importância em minha vida, mas essa nova circunstância e sobre a incerteza ao seu paradeiro me deteve. Haveria de esperar e como esperei. Uma nova peça estreou e eu, em posse do ingresso viajei de avião ao Rio e para assistir a estréia de Sara. Mas desta vez seria o primeiro a chegar. Assim foi. Eu estava na primeira fila e bem diante do palco quando o espetáculo iniciou. Uma peça magnífica e uma atuação brilhante de Sara e que se não fosse pela compenetração ao respeito e de estragar a noite, haveria eu mesmo de estar aplaudindo a minha esposa em cada término de sua fala. Foi entusiasmante, digno ao prêmio máximo e que me fez rir e chorar, muito mais a me emocionar em face da mulher que estava ao meu lado e que não soube manter comigo. Ao final, aplaudi de pé e com toda a platéia, mas Sara não me viu e mesmo estando eu diante dela e na primeira fileira. Recorri ao camarote e para encontrá-la, mas a bajulação e aos interessados eram tantos que nem tive chance. Tentei e de tudo, mas desisti quando a vi sair abraçada com um homem e que seria o seu diretor. Era ele, Jack René e a dizer em voz baixa e contemplativa para Sara aos máximos elogios sobre a sua performance. Poderia intervir, mas acho que não teria chance e assim perderia a minha única oportunidade pela truculência e brutalidade. Justamente ao que seria julgado e por isso, desisti de me mostrar. Da noite avançada, meu fim foi um bar e para depois já bêbado, aos braços de uma mulher qualquer que tive que pagar pelos seus agradados.

Assisti a seguidos mais três espetáculos e em todos tentei me aproximar de Sara, mas foi no último que a minha coragem se deu verdadeiramente presente. Porém para a minha infelicidade o senhor Orlando, o próprio coronel Da Mata me interceptou.

– Pensei que havia sido bem claro em nossa última conversa.

– E foi. Mas preciso falar com ela. Para me impedir só se o senhor me matar.

Fui tão convincente e insistente, que ele pediu para aguardar. E esperei considerável tempo.

– Venha. Ela irá lhe receber. Mas te alerto que continuo armado e estarei perto.

O coronel fez questão de mostrar o revólver na cintura. Entrei no camarim, pequena sala. A porta ficou entre aberta. Sara me olhou firme.

– O que quer?

Uma pergunta direta com várias possibilidades de resposta. Fui sincero:

– Você de volta. Eu lhe imploro.

– Isso não é mais possível. Mas não tenho raiva de você e nem desejo o seu mal.

– Ainda somos casados e podemos recomeçar. Ainda não assinei aos papéis.

– Eu sei, mas quanto a isso será logo.

– Ao que vivemos nada significou, que me trata assim com tanto desprezo?

– Não é isso, pois de tudo que vivemos há de ter o seu sabor. Porém hoje consegui estar mais feliz e sozinha do que antes contigo e em toda nossa vida. Não sei se eu estava enfeitiçada, mas descobri um caminho novo e promissor. E dele não abdicarei jamais.

– Mas e nós?

– Não existe mais. Busque você a sua felicidade, que eu buscarei a minha, mas nós não mais devemos cruzar os nossos destinos. O que foi e será guardado com carinho, pois não quero nutrir ao ódio por alguém com quem dormi. E peço o mesmo a você.

– Teríamos nosso filho. Ainda podemos ter.

– Eu sei, mas você o desprezou e mesmo antes de sua concepção. Pedro! Eu chorei e muito, mas nem quero mais chorar, pois virei à página. Faça o mesmo para o seu bem. De coração, não sinto mais magoa alguma de você, mas é que nós não daremos mais certo. Ou quem sabe nunca demos.

Voltei para o sul e com o coração despedaçado. Nunca mais haveria de ver Sara. Porém continuaria a acompanhá-la e a cada vez mais pelas mídias de comunicação. Sara ao final, se tornou vitoriosa e conhecida em âmbito nacional, alcançando o sucesso como a grande atriz do teatro.

No trabalho, o poder e o ditador a se criar. Meus gritos e minhas ordens passaram a ser substanciais. Passei a causar temor nas pessoas e todos passaram a me temer. Qualquer erro era motivo de uma crítica feroz e na frente de qualquer um, não importando o momento ou a hora. Porém da inquietude causada e do terror, eu era um excelente profissional e apesar dos métodos os resultados passaram a justificar os meios e dali, me sentia mais seguro a ponto de tanto que o incomum se pois a ser o cotidiano. Minha imagem havia sido calcificada para sempre nas dependências e aos corredores da redação.

– O que há?

– Como assim Julio?

– Você parece outra pessoa.

– Impressão.

– Nem mais me procura para relaxarmos tomando umas num bar.

– Desculpe, mas sou ocupado. Não tenho mais tempo para percorrer bares e acho que nem combina mais comigo.

Julio passou a mão no queixo me analisando.

– Terminou o mestrado?

– Sim e com louvor. Partirei para o doutorado.

– Que bom! Que consiga o sucesso, mas não se esqueça.

– Do quê?

– Não pode transferir a ausência da vida pessoal. O profissional não substitui nossa carência social e amorosa.

– Diabos!

Coloquei aos berros Julio para fora de minha sala. Não foi intencional e depois também me arrependi, mas mesmo assim não lhe pedi desculpas. Acho que passei a estar tão acostumado a esbravejar que me esqueci que o fazia com um amigo. Julio nunca mais me procurou para palavrear de forma íntima, mas tão somente de maneira profissional. Eu também não me importei e não fiz por merecer para mudar o entrave. Julio era meu amigo. Talvez o mais fiel e um dos últimos. Não era mais.

De minha sala e mesa, devidamente apalpado nas costas pela minha cadeira confortável executiva, eu observava quando a persiana estava suspensa, a redação. Um olhar tênue e morto, mas nocivo o suficiente para fulminar algum desgraçado que se submetesse ao erro. Chegava a ficar por horas nessa posição e principalmente quando imerso em meus pensamentos flagelantes. De repente uma ordem e para que me trouxessem aos relatórios do dia. Assim saberiam do após e que haveria cortes e a própria inquisição, que por consequência ao pior dos castigos, a fogueira. Havia me tornado tão poderoso, que um simples aceno meu poderia provocar a morte. Mande demitir o homem da limpeza e por simples descuido, por conta que ao ir ao banheiro quase escorreguei pelo chão molhado. Esbravejei e disse da impossibilidade irresponsável de alguém deixar o piso naquele estado e sem nenhuma advertência ou algum aviso. Não vi mais aquele senhor pelos corredores e nem presenciei mais nenhum chão

molhado.

O farol - parte III

Estava em meu quarto e sozinho quando meu pai apareceu.

– Como está?

– Bem.

– Posso entrar?

– Claro.

Da posição deitada, eu me sentei.

– Sei que é difícil pra você.

– O que?

– Esse isolamento.

Não consenti e nem discordei. Meu pai continuou:

– Eu e sua mãe estamos pensando em deixar o farol e ir para a cidade.

– Mas por quê?

– Para lhe dar uma oportunidade na vida.

Levantei-me.

– Mas comigo não há ao que se preocupar.

– Será? Fala disso agora, mas e do futuro? Pretenderia ao acaso se tornar igual ao seu pai?

Era uma pergunta sincera que tinha uma resposta óbvia, mas tentei não admitir.

– Não me importo e nem amanhã de ocupar o senhor em seu ofício.

Meu pai fez a pausa costumeira e de quando pensava antes de falar e para algo de um bom senso.

– Mas também não tenho sido justo com a sua mãe. Nenhum homem há de viver feliz isolado. Na verdade era para ser provisório, mas acabou sendo um pouco além. Não tive culpa. Fui designado e aceitei.

– Eu sei. E que teve um filho e que cresceu e já está um homem.

Não teve como e ele riu. Achou graça e eu o acompanhei. Depois de alguns minutos voltamos a estarmos sérios e a olhar um para outro.

– E se fosse ao que faria?

– Como?

– Do que viveríamos?

– Claro. Um homem há de ter uma ocupação. Conversei com o seu Paiva. Ele me prometeu ajudar.

Começaria num novo emprego.

– Mas como se o que o senhor fez a vida toda foi na marinha e em anos a cuidar do farol? Seria ruim ter que ficar longe do mar e do seu barco de pesca.

– Eu sei, mas tudo tem um começo e um fim. Nada é para sempre.

– E quem cuidará do farol?

– Enviarão outro alguém. Mas talvez nem seja mais preciso e eles aposentem o farol.

– Mas como? Não se pode estar a abandonar simplesmente a uma coisa tão importante.

Era uma indignação juvenil.

– Eu sei, mas talvez eles não pensem dessa maneira. De qualquer forma, eu já encaminhei o meu pedido de dispensa.

– Verdade?

– Sim.

– Então ao que veio falar comigo?

– Somos uma família.

– Mas se já decidiu, está decidido.

Ficou cabisbaixo. Não queria ser duro com ele, pois estava só pensando em mim. Num outro contexto nem imaginei sobre ele, de suas necessidades e de seu esforço, pois daquilo que estava deixando, ao seu mundo e que tanto amava. O farol e o mar era a sua vida.

– Desculpe, mas imaginei que ficaria contente. Afinal voltaria para escola e nem haveria de caminhar tanto para chegar. Teria amigos fixos, pessoas e até garotas para paquerar. E sua mãe não haveria de se sentir tão só. Acho que seria uma coisa boa.

– Até para o senhor? Vai deixar de pescar.

– Eu me adapto fácil.

Era a mais profunda mentira.

– Como queira pai, mas há volta?

– Para várias coisas na vida sim, mas para outras não. Acho que essa se enquadraria na segunda opção. Filho, desejo ao meu para a sua vida. Você precisar seguir aos seus estudos e em lugares bons. Não posso me responsabilizar e lhe ceifar sobre isso. Quero que tenha um futuro e melhor que o meu e de que seja alguém na vida. Não posso ser egoísta e de estar pensando somente em mim.

– Está bem, pai. Ao que fez está feito. Mas não aprovo.

Ficamos quietos, os dois. Dali a pouco veio o convite:

– Também vim aqui pra te chamar e ver se gostaria de ir a cidade comigo. Pode ir dirigindo. Quer dizer, até a entrada. O que acha?

O mundo é maior do que pensamos. Percebia isso intuitivamente e nem pelos lugares, as grandes metrópoles ou a outros continentes em que eu nunca estive. Minha referência era o céu e as estrelas numa noite límpida quando eu mergulhava minha alma e na observância do brilho oriundo do passado. Justamente, do que havia lido e que nosso olhar da terra, ao universo remetia há um tempo que já tinha sido. A luz da estrela a ter aos meus olhos de uma época que não existia mais. Um mistério e uma melancolia, que remetia ao triste de se ter algo que é ilusório. A própria estrela poderia nem mais existir... E eu, ainda a vê-la. Deitava na areia contemplativo e a permanecer ali por horas admirando o céu. E nem era só isso, mas numa visão de algo mais próximo, do farol e do que via o horizonte e o mar. Esse era o quintal de minha casa, enorme e de infindáveis possibilidades. Acho que era natural então, pela exclusiva oportunidade, que eu celebrasse a minha existência com poesias. Como não ser um ser poético tendo o mar e um céu de estrelas desses numa vida solitária? Assim, enchia aos meus cadernos com várias desses poemas. A poesia, que é o trato com carinho das palavras que ao efeito da leitura, ao som, soam como condutor para elevar o ser ao divino e onde tudo é belo e maravilhoso.

Naquela tarde andei e sem direção, pois tanto daria no mesmo ir adiante ou parar ali mesmo. Sentei e comecei a escrever coisas do âmago da alma, coisas minhas e que achava interessante. Algumas pausas e idéias outras que me vinham à mente. Acho que eu gostaria de enviar um poema de amor para alguma garota e que eu estivesse perdidamente apaixonado, mas pelo triste é que não havia ninguém. Nesse ínterim da distração do meu ser, avistei distante um ponto. De minha mochila saquei o binóculo e avistei ao homem. Aquele mesmo, que eu vigiava e escondido lia seus escritos. Eu o havia abandonado e há dias nem mais me importava com ele e ao que fizesse. Não que eu quisesse, mas estava cansado de artimanhas para tentar decifrá-lo e a tantos outros mistérios. Também, o que me importaria saber ou ao que acrescentaria para comigo descobrir sobre Sara? Fiquei observando e ele vindo ao meu encontro. Temi, pois da possibilidade de uma conversa franca face a face. Talvez ele já soubesse de mim e estaria a tirar satisfações. Nem me mexi, pois se a isso fosse teria a certeza dele ter me visto. Esperei e Pedro parou.

Daí concluí que era somente mais uma de suas andanças sem sentido e que nem me havia notado. Ele parou e ficou de frente ao mar em pé e observando. E eu, o observando. Sua aparência não era das melhores. Ele colocou a mão no rosto e que me pareceu chorar, mas eu não tinha certeza. Daí o inesperado. Do frio do inverno e que apesar daquele dia não ser tanto, mas mesmo assim era o frio, o homem começou a se despir. E quando já nu, ele entrou na água e sem hesitar e seguiu além e mais fundo e ainda mais. Levantei aflito e de pé mesmo de longe, continuei a buscá-lo e acompanhá-lo. Estava cada vez mais difícil e então, Pedro se perdeu no mar. Surpreso, fiquei desesperado e larguei tudo e sai correndo atrás do homem. Tive uma sensação esquisita e temi pelo pior. Jamais corri tanto e tão rápido e em tão pouco tempo. Afinal cheguei ao local e de onde as suas roupas haviam sido deixadas. Procurei através e adiante das ondas algum sinal dele. Talvez devesse me aventurar ao mar e procurá-lo, mas tive a dúvida e não pela falta de coragem, mas sim, pela perda da visão que tinha da areia. Seria muito mais prudente tentar avistá-lo dali, da terra firme do que sair nadando a esmo. Senti o alívio quando avistei um braço e dali um corpo. Era ele próprio que retornava do mar. Aguardei e quando o vi bem e quando ele também me viu, decidi deixá-lo. Adiante, retornei com o binóculo e eu o vi se vestindo. Ele também me observou e daquele momento em diante, ambos passamos saber da existência um do outro.

Aparentemente Pedro estava bem.

Num outro dia, quando cheguei para o almoço e após, vindo do farol, fiquei pasmo. Pedro estava em nossa sala.

– Veja filho! Temos afinal e depois de muito tempo, um convidado em nossa casa.

Acho que estava branco. Ele se levantou e cortês estendeu a mão.

– Prazer.

Retribuí.

– Senhor Pedro...

– Por favor, apenas Pedro.

– Como queira. Pedro aceitou meu convite. Confesso que foi inesperado, mas estou feliz que tenha vindo.

– Eu é que agradeço a recepção e pela generosidade. Afinal, nem avisei.

– Não se desculpe. Nesse lugar não há de termos formalidades e nem avisos prévios. Venha filho, junte-se a nós.

Sentei ao lado deles. Minha mãe estava a preparar a refeição e agora com requintes maiores.

– Mas se puder repetir e sobre a sua vinda a esses recantos. Acho que meu filho terá um prazer todo especial em escutá-lo.

Pedro olhou-me fixo. Podia se notar seu semblante forte e hipnotizante e já a partir de sua voz. Pareceu-me ser um homem singular e de forte personalidade.

– Justamente, necessitava de um isolamento para finalmente escrever meu primeiro livro. Julguei e acho que acertei, ter achado o lugar ideal. Queria ter o silêncio por completo e a tal ponto de conseguir escutar minha voz interior. Eu acho que consegui.

Falei pela primeira vez:

– E ao que seria naquilo que escreve?

– Minhas experiências de vida.

– Autobiografia?

– Tudo o que eu julgar relevante.

– E é real ou ficção? Aconteceu mesmo?

– Não tenho mais tempo para mentiras.

Meu pai me interrompeu:

- Desculpe aos modos de meu filho. Acho que ele está sendo um tanto quanto impulsivo.
- Não se preocupe. Até gosto e faz parte da juventude às descobertas e a de ser curioso.
- Certamente, mas não precisa ser chato.
- Longe disso. Estou na casa de vocês.

Notei o seu incômodo e as suas aflições por algo que tinha debaixo do braço, nas axilas. Ficava a coçá-las, mas que evitava demonstrar. Tive o atrevimento:

- Desculpe lhe perguntar, mas poderia dar detalhes do livro?
- Lamento, mas como em todo artista a obra só estará disponível para contemplação quando findada. Imagine alguém a dar palpite ao Leonardo quando estivesse a pintar a Mona Lisa?

A mesa estava posta e fomos chamados.

- Por favor, queira nos perdoar pela simplicidade.
- Mas se sou o convidado, o que tenho a reclamar se já recebo de graça e de bom agrado uma excelente refeição?

Gostei dele e de muito de suas histórias. Não se esquivou de dizer quem era e de sua influência. Papai ficou impressionado. Jamais teve alguém de tão alta estirpe em sua casa. Acho que foi uma honra. Daquilo que eu havia temido, de minha bisbilhotice, invasão ou até do incompreendido evento de seu mergulho pelado ao mar, ele nada comentou. Pelo contrário, fez-me sentir muito bem em sua presença e uma vez quebrado o gelo, foram horas muito prazerosas. Até a minha mãe se deu a rir de seus causos.

Pedro agradeceu a hospitalidade, bem como a almoço, dizendo que estava tudo maravilhoso. Disse ainda mais e de que invejava no bom sentido, a harmonia de nossa família. Despediu-se já tarde, quando o sol já havia se ido. Papai insistiu e pela insistência, o homem se deixou ser levado e então lhe demos carona. Eu acompanhei. Dissemos até logo e em frente à casa velha, eu e meu pai e assim, Pedro sumiu ao interior do local que lhe era morada. Voltamos ao lar e um breve comentário, uma única frase de meu pai referente ao homem e para comigo:

- Bom sujeito esse Pedro, não acha? Um carisma extraordinário.

Concordei.

Do inevitável, a consumação. Ao erro, o incrível. Tive na madrugada o surto e que me levou para algo desesperador. Um pesadelo horrendo e depois que eu acordei, veio à inquietude. Aguardei desperto e até o dia clarear e para me aventurar na constatação do improvável. Justamente aquilo que ficou na minha cabeça. Porém após o café, a dissolução e da possibilidade de ser apenas fruto de minha imaginação. Todavia não retroagi e fiquei com aquilo ao longo do dia. Cumpri com as minhas tarefas e ansioso pela folga e assim buscar uma comprovação. Quando obtive a liberdade, segui com a bicicleta ao longo da praia em direção à casa velha. Ao chegar, me detive, pois talvez estivesse exagerando, mas mesmo assim precisava comprovar. Aguardei o inesperado e talvez algum movimento, mas como nada disso tive decide pelo razoável. Faria o simples: bateria na porta da casa e ao vê-lo perguntaria se estaria tudo bem. Simpático, agradeceria pela sua visita e me coloria a sua disposição. Acho que haveria de ser uma atitude normal.

Realizei o ato. Bati da porta e depois incessantemente. Nada tive. Chamei por ele e até pensei que poderia estar dormindo e em virtude de alguma bebedeira, mas daí eu lembrei, que pelo que vasculhei não poderia haver mais bebidas.

- Pedro!

Insisti e nada tive de resposta. Meu sonho aflorou e aquilo me congelou aos atos, pois atribui como de uma possibilidade real. Então, gritei e desesperadamente, mas o silêncio continuou. Arrombei a porta gasta e maltrapilha, que com um simples golpe seria facilmente ultrapassada. Detive-me mais uma vez e esperei algum movimento, mas continuei a nada ter. Talvez Pedro não estivesse em casa e novamente eu

estaria a invadir ao alheio. Estaria a passear. Foi uma possibilidade reconfortante, mas que durou pouco tempo. Não me contive e invadi de vez a morada do homem solitário. Nem precisei andar perdido, pois logo avistei o corpo caído. Pedro estava morto.

Não sei como tive a coragem de tocá-lo e até chegar perto do meu rosto em sua boca e para constatar a certeza do fim de uma vida. Não havia respiração e nem batimento cardíaco. Aliás, a sua cor era verdadeiramente moribunda. Era um corpo esquelético e desnudo no dorso e que apresentava as feridas nas axilas em sangramentos e resíduos repugnantes. Após averiguar o corpo, por incrível que pareça, detive-me ao seu quarto de escrita e nos manuscritos. Apanhei-os ou realizei o furto. A tudo que havia redigido, eu guardei e levei comigo. Inúmeras páginas e presas ao meu corpo e atrelada a mim, aos meus braços como se um tesouro tivesse encontrado. Fui buscar a ajuda de meu pai, mas a palavra “ajuda” não creio ser bem o termo correto ao emprego desta frase. Afinal, Pedro já estava morto.

A polícia finalmente surgiu.

– O que aconteceu?

Contei do ocorrido e das circunstâncias. Meu pai ao meu lado e a me acompanhar. Fizemos diversas perguntas e sobre Pedro e o que mais podiam extrair para conosco. Porém e ao que tudo indicava era tão somente uma morte natural. Perguntei ao policial e sobre algo que não seria de sua alçada:

– Mas ao que seria?

– Era um homem visivelmente doente. Só pelo corpo se nota, mas não serei eu a dar o veredicto. Um médico legista dará o atestado devido.

Ocorreram as circunstâncias e os cuidados para o traslado do corpo e os seus pertences. Acompanhei a tudo. Logo a casa velha voltou a ser o que ela era, ou seja, algo perdido e usufruto para qualquer pobre alma e que dali desejasse refúgio. Não tardou e por aqueles dias nos mudamos para a cidade. Depois, da casa velha eu soube que tinha sido derrubada e que de seus escombros nem foram retirados por ninguém. Quem assumiu essa tarefa foi o tempo, o vento e a areia, que foi enterrando e sepultando o passado aos poucos e que logo mais tudo haveria de ser esquecido. O tempo é nosso amigo, mas por vezes nos trai e apaga nossas pegadas. Talvez seja para o nosso próprio benefício e a sabermos para não trilharmos o mesmo e errado caminho de volta.

– O que pensa filho?

– Se vocês vão ficar bem.

– Mas é claro que sim. Não receie por nós. Sabemos nos cuidar. Agora pelo contrário, é contigo que me preocupo.

– Não gostaria que eu fosse não é verdade?

– Pelo contrário. Você é um motivo de orgulho para conosco. Não podemos te impedir que voe, pois que pais nós seríamos? Você tem que fazer o seu caminho e é um felizado de ter conseguido essa bolsa de estudo na faculdade. Deve aproveitar o momento.

– Ligarei sempre que possível e mandarei notícias.

– Eu sei.

– Tome cuidado e se atenha com as companhias. Lá eles são diferentes. Não seja ingênuo, pois do contrário a cidade grande te devora.

– Pode deixar.

– Boa sorte!

– Obrigado. E cadê a mamãe?

– Ela está vindo. Não fale muito. Apenas lhe dê um abraço e um beijo. Ela chorou a noite inteira e se

você se alongar, acho que ela haverá de te agarrar e nem te soltar. Não vou agüentar vê-la novamente nesse estado.

– Claro pai.

– Filho!

– Sim.

Fez uma pausa. Parecia querer dizer algo importante, mas travou.

– Que é isso pai?

– Por favor. Eu preciso lhe dizer.

– Está certo.

Respirou fundo e falou:

– A pior forma de amor é a que necessita da presença física. Nesse nosso mundo é compreensível, pois vivemos num mundo material, mas o amor é maior do que isso. Para mim basta saber que eu te amo e você a mim e que você já está em mim. Por isso sentirei saudades, mas estarei contente e sempre se você estiver bem. Faça sempre o melhor. Vá com Deus!

E meu pai deu as costas, pois acho que iria chorar. Minha mãe chegou. Nunca eu vi meu pai ser tão aberto e emotivo quanto naquele momento. Era um homem bom e que fez ao máximo para a sua família. Foi à última vez que eu o vi, pois depois ele faleceu em questão de menos de um ano. Seria bem quando nas minhas férias e que eu estaria a voltar a vê-lo. Minha mãe ficou inconsolável e eu por quase tratei de abdicar de meus estudos. Mas mamãe não deixou. Disse que se eu fizesse isso, meu pai voltaria do túmulo para brigar com ela e comigo. Acho que ela tinha razão.

Mamãe foi morar em Porto Alegre e com a sua irmã, minha tia. Eu voltei aos estudos na capital, no grande centro urbano, mas ficava todo tempo a pensar e preocupado com a minha mãe. Por telefone tentava remediar. A conta vinha alta e então, tive que diminuir as ligações. Depois consegui um emprego e pude dar uma condição melhor para a minha velhinha. Fiquei mais tranquilo, mas continuei em São Paulo, local onde conheci minha esposa. E foi lá que me casei e já formado e com uma digna profissão. Outras mudanças ocorreram e foi numa dessas, quando na realização de um sonho na compra de uma bela casa, que ao abrir uma caixa, que me deparei novamente com os manuscritos que havia esquecido. Pedro voltou a estar vivo em mim e eu relembrei dele.

O livro: o homem só

Sobre a felicidade, o que eu tenho para falar? Cruzei por muitas portas e passei adiante. Ignorei várias delas. Desprezo pelo julgamento da autossuficiência. Mas segui em frente. Porém agora não existem mais portas, pois todas ficaram para trás. Elas simplesmente acabaram. E isso me faz falta. Tenho que voltar e percorrer o mesmo caminho outra vez e para ter da possibilidade... Exatamente, para ter novamente as portas ao meu alcance, pois para daí melhorar minhas escolhas. Só que não posso e não nessa vida. Então, me consumo pelos vários arrependimentos. A bebida é sempre uma boa companheira nesse quesito e um excelente catalisador. Há outros também, como aos falsos amigos que me rodeiam e ao resto daquilo que o dinheiro possa comprar. Mas tudo é ilusório e passageiro.

Lembrei-me de Adriana e não por acaso. O fato é que eu me encontrei com ela. Foi algo atípico e de uma probabilidade mínima. Diria algum teórico matemático: "*...uma vez existindo a possibilidade, o evento pode e é bem propenso de acontecer.*" A circunstância se deu devido ao meu retorno e contato acadêmico com a minha faculdade. Depois, provavelmente pela minha posição profissional no jornal e pelo mestrado que havia terminado, convidaram-me para uma palestra. Eu aceitei. Aproveitei uma viagem a São Paulo e inseri a palestra no roteiro. O destino parecia estar premeditado. Fui reconhecido e Adriana me abordou.

Eu simplesmente não a reconheci.

– Sou eu, a Adriana

Finalmente percebi de quem se tratava.

– Vim especialmente para a sua oratória.

– E como soube?

– Sou professora na instituição. Sei dos eventos que por aqui temos.

– Claro, mais que coisa!

Fiquei sem palavras. Adriana surpreendentemente estava linda. Perguntei sobre seus óculos e ela me explicou da operação de miopia. Sobre as espinhas não perguntei, mas constatei uma pele lisa de face a face. Pude sentir a suavidade ao beijá-la no rosto. Adriana me contou sobre ela e a sua família.

– Então tem filhos?

– Sim, dois.

– Que bacana.

– Engraçado Pedro, depois desse tempo todo da gente se encontrar.

– Por que?

– Outro dia estava pensando em você.

– Coincidência.

– Não acho.

Estava desconcertado.

– E você?

– Continuo casado.

Menti.

– Com a Sara?

– Sim.

– Soube que ela está tendo sucesso como atriz e inclusive na Europa. Sara sempre foi muito talentosa.

– É verdade.

– Você deve sentir orgulho e acompanhá-la sempre. Tomara que tenha mais sucesso.

– Obrigado.

– Tem filhos?

– Não. Mas acredito que logo teremos. Estamos amadurecendo a idéia e em virtude da carreira dela e um pouco das minhas ocupações. Tudo tem o seu tempo.

Era uma seqüência de mentiras. Estávamos sem jeito e um com o outro ou eu que estava nesse estado desconfortável.

– Que bom que esteja feliz.

– Você também.

Adriana chegou perto de mim e falou baixo. Parecia receosa de que mais alguém escutasse.

– Não reclamo e agradeço o que tenho, mas feliz eu seria contigo.

Olhou-me com tristeza e decretou unilateralmente o fim do nosso breve encontro:

– Adeus Pedro.

Não tive palavras e sequer disse adeus. Da saliva da boca, eu quis engolir, mas não consegui. Fiquei parado e outras pessoas se aproximaram e a me dar aos parabéns pela palestra ou a desejar somente uma troca de palavras. Mas de tudo, fiquei distante e a pensar em Adriana, mas não naquela que tinha acabado de me deixar, mas sim na Adriana da minha época e de quando eu era apenas um estudante.

A tosse incessante se repetiu. Estava mais aguda. Forcei-a para tentar livrar-me da rouquidão. Consegui por breve período, mas o incômodo voltou. Quando pequeno eram constantes as complicações na garganta. Fui operado das amídalas com uns oito anos e desde então deixou de ser crônico esse meu problema. Todavia, eventualmente vinham às inflamações. Nada comparado como antes e normalmente me curava sozinho. Tinha que somente ficar ao resguardo. Porém, aprendi a receita caseira e tão popular: gargarejo de água e sal. Ao acordar de um novo dia estava sarado. Funcionava muito bem comigo.

Assim, na cozinha misturei um copo cheio daquela solução. Enchi a boca com o líquido e por um minuto fiquei bochechando. Ao fim despejei a água na pia. Repeti a operação até o fim do copo. Quis-me achar melhor, mas não estava. Voltei ao sofá me enrolando ao cobertor. Estava frio, muito frio. As mãos ficaram para fora e assim resgatei o livro que estava lendo. Parei na página marcada. Era um obstáculo. Ao invés de continuar a leitura, detinha-me em pensamentos. Sobre a felicidade, o que acha Pedro? Procurei relembrar de quando tinha sido feliz. Na infância, num aniversário, talvez... Mas aí não vale, pois toda criança é feliz. Mas acho que mesmo assim não foi tanto comigo. Porém acredito que tenha mais lembranças boas do que ruins. Quem sabe poderíamos tentar e a ficar eternamente na infância? Pulei alguns anos. Puberdade. Expectativa de viagem. Colônia de férias para jovens. Era uma turma legal. Fiquei com alguém. Primeiro beijo, primeira paixão. A chuva de verão caindo na gente. Chuva e sol casamento de espanhol. Dei risada e sozinho pelo dito popular. Nós, molhados e a continuarmos abraçados. O arco-íris surgiu por entre as montanhas verdes. Ia esquecendo a cachoeira. Alegria, alegria! A viagem acabou e também o meu breve inocente namoro. Outro pulo no tempo. Meu casamento. Não propriamente ele, mas a lua-de-mel. Foi no Caribe, presente de meu pai, uma ilha fantástica e de água cristalina. Eu a amava, entretanto recordo de minha garbosa presunção. Sentia-me vaidoso em mostrá-la para todo mundo: “*Senhores essa é minha recente e linda esposa!*” Isso, de mostrar o troféu me enchia de satisfação. Sara tão bela naqueles dias. Seria um gesto de amor atitudes gabais como essa? Não tinha uma companheira para uma vida ao meu lado e sim um prêmio para ser exposto. Demorei a perceber a diferença. Todavia não tenho como não pensar em Sara no pôr do sol nas brancas areias daquela linda baía. Foi simplesmente outro momento feliz. Difícil reconhecer que eu não passava de um colecionador de momentos felizes. Não cultivava as oportunidades, ou melhor, as pessoas, mas apenas momentos, que

findados eram guardados na gaveta e esquecidos. Esquecia-me das pessoas e que continuavam vivas ao meu lado. Seria como dizer pra elas: *"Bacana e valeu! Agora pode ir. Voltamos a nos ver no próximo momento feliz. Aguarde que eu te chamo."* Era difícil para comigo estar a conviver com alguém e mesmo com Sara que eu amava. Acho que sempre tive dificuldade em dividir as coisas, os espaços e até a minha atenção. Havia dias que eu desejava me isolar do mundo e minha esposa não entendia. E ainda havia aquelas idéias libertarias de seus amigos esquisitos e que vinham a frequentar nossa casa. Como poderia ter dado certo? Claro que não, mas que agora eu sentia a sua falta.

Como se acha a felicidade? Seria uma junção dos momentos felizes? Quantos mais momentos, mais próximo eu estaria do pleno. Uma premissa para uma tese, apenas isso e nada mais. Deixar Sara ir foi mais uma porta que eu deixei passar.

Sobre a felicidade o que tens a dizer Pedro?

Soltei o livro ao sofá e minhas mãos procuraram o calor do corpo por debaixo do cobertor. Pus-me em posição fetal. Outra seqüência de tossis. Uma provável febre e mergulhei no sono reconfortante e profundo. Alívio momentâneo pra se ter alguma paz.

Logo pela manhã presenciei aquele alvoroço. Minha presença surtiu o efeito da dispersão daquele agrupamento. Perguntei ao estafeta:

– O que está acontecendo?

– Como senhor?

– Desse búrburio?

– Foi o seu Breno. Ele se matou ontem de noite.

Já estava a arrumar as coisas de minha mesa.

– E quem era esse que eu nem nunca ouvi falar? Trabalhava conosco?

– Era o senhor da limpeza.

A queentura percorreu meu corpo e fiquei inerte.

– Senhor?

– Sim.

– Está tudo bem?

– Claro. Mas como foi?

– Parece que se enforcou em casa. Uma tragédia!

Lembrei sua demissão e pelo chão molhado na qual havia escorregado. Achei que a omissão e nem um aviso sobre o piso haveria de ser uma questão imperdoável. Mas naquele dia, também me lembro de não ter sido bom para mim. Por certo sua demissão foi um exagero, mas não podia retroagir diante ao que havia proclamado.

– Ele tinha família e dois filhos. Estamos pensando em fazer uma vaquinha para ajudá-los.

Pausei o assunto e ainda pensativo dei a ordem:

– Ok. Agora me deixe, por favor. E encoste a porta.

Depois daquela sua dispensa, o faxineiro me procurou e no estacionamento quando num dia estava para deixar o escritório. Acho que ninguém além de mim soube.

– Com licença doutor Pedro. Desculpe incomodá-lo, mas será que o senhor tem um tempinho pra mim?

– Quem é você?

Pensei até de ser um assalto e por isso segurei com força minha maleta.

– Meu nome é Breno. Trabalhei no jornal por anos.

– Não me recordo de você.

– Fui da limpeza. Dava um trato na redação e nos banheiros.

– Claro! E o que deseja comigo?

– Fui demitido e nem me falaram do motivo. Achei estranho, mas evidente que o senhor nem sabe disso. Por isso vim lhe falar. Peço perdão do meu atrevimento, mas eu preciso do trabalho. Tenho uma família para sustentar.

– E o que quer?

– Se o senhor me ajudar e para ter de volta o emprego. Faço de tudo e com amor. Nem vou levar em consideração o que aconteceu. Deve ter sido apenas um erro bobo e de alguém que nem me conhecia. Acredito que devo ser muito querido pelas pessoas.

– Claro que sim, mas por que voltar se foi injustiçado? Não haveria de conseguir emprego fácil em qualquer outro lugar?

– Não, jamais e ainda mais com essa minha perna manca. E também já não sou tão novo. Também já estava acostumado e gostava do ambiente. Pode parecer besteira, mas esse emprego era tudo pra mim. Por isso eu tratava com tudo com muito amor.

– Está bem, já entendi. Fique tranquilo. Vou ver o que posso fazer.

– Obrigado! Muito obrigado. O senhor não sabe o bem que está fazendo.

Beijou a minha mão. Senti asco e a retirei de imediato.

– Sempre disse pra as pessoas que o senhor era um homem bom. Não me engano nessas coisas. E é por isso que o senhor foi promovido.

– Claro!

Só que a minha providência foi outra, a de isolar e reforçar a segurança da área do estacionamento e para que ninguém de fora da empresa tivesse acesso. Do resto esqueci e propositalmente. Era só o que me faltava, da imensidão dos meus problemas de ter que me preocupar com um faxineiro. Foi esse o meu pensamento na época. Mais ou menos quatro meses depois desse episódio se deu a fatalidade. Até havia esquecido o seu Breno, o homem desesperado. Colaborei com a vaquinha e até paguei ao envio de uma coroa de flores ao velório. Demorei uma semana para tirar aquele sujeito da minha cabeça, mas mesmo assim, em algum momento eventual e principalmente sozinho, eu o via na minha frente e sempre a me pedir algo com a sua mão estendida.

Julio estava deixando o jornal. Eu o interrompi enquanto arrumava as suas coisas.

– Será que posso ter um tempo, uma saideira num bar?

– Não sei Pedro.

– Que é isso! Vamos lá. Pelos velhos tempos.

– Está bem, mas se não for demorado.

Ele devia estar muito magoado comigo e com razão. Desde que eu assumi o cargo executivo, eu o destratei. Não foi intencional, mas é que havia visto em algum lugar e que o poder isola as pessoas. Quando se está no topo, você deixa de ter amigos. Eles não compreendem. Altos cargos, grandes responsabilidades. Eu tinha que fazer a máquina girar e mais, que ela evoluísse. Gritei algumas vezes com ele e acho que ele cansou disso.

– O que quer?

E bebeu o copo de cerveja.

– Como assim? Somos amigos.

– Deixa de papo furado.

– Vai ficar assim, armado?

Julio deu outro longo gole e bateu o copo na mesa.

– Evidente que não.

– Então!

– Você malandro é o maior boçal que já conheci. E olha que está para obter o doutorado. Imagine aos demais.

– Não exagere. Vamos nos tratar como antigamente.

– Ok, perfeito. Que tal então falar das mulheres? Amigos falam disso. Diga lá! Como está se virando. Julio estava forçando, mas com ele não tive receio e falei abertamente:

– Pego uma ali e outra lá. Outro dia num evento conheci uma miss. Durou uma noite, pois ao dia seguinte, eu a dispensei. São todas iguais e elas só vêm comigo por conta de minha posição.

– Exatamente. É a sua fama de pegador na redação.

– Que se dane. Não ligo ao que dizem, mas numa coisa aprendi. Nunca mais me envolver com alguém do serviço. São umas cretinas.

– Descobriu tarde. E quanto a Sara?

Calei-me.

– Entendi. Você ainda a ama.

– Idiota! Acha que sou tão sentimental.

– Claro que sim, pois do contrário, qual o motivo de me chamar até a esse bar?

Soltei a risada e ele me acompanhou. Julio me conhecia muito bem de mim. Claro que ele estava com a razão.

– O que tem Sara?

– Ela é fantástica.

– Isso eu já sabia.

– Ela está arrebetando. Fazem fila para vê-la.

– E você a viu?

– Sim. E faz jus ao que lhe dizem a respeito.

– Sério?

– Vai dizer que não sabia?

– Mais ou menos.

– Chamaram-na para a televisão, mas ela recusou. Alegou que não estava preparada para vôos mais altos, pois ainda tinha muito a aprender naquilo que lhe era o principal de um artista: o contato direto com o público. Estão cogitando-a para um papel na Broadway.

– Sério?

– Eu não brinco com coisas sérias. Se o seu inglês for fluente, não tenho dúvidas que conseguirá o papel. E olhe que foi apenas uma indicação. Não era pra ela sequer estar no páreo, mas pra lhe ser apenas um mero teste. Fazer o quê? É que acabaram gostando muito dela.

– Droga!

– Ficou irritado? Lembre-se, não estamos no escritório, mas num boteco. Não vá começar a gritar.

– Não vou. Desculpe. Por favor, não falemos dela. Ainda sinto com isso.

– O seu problema é o egocentrismo. O mundo não gira em sua função e por mais que se ache importante.

– O que quer dizer?

– Se a ama, que vá e a busque. Diga pra ela o quanto ela é importante pra você. Lute por ela.

– Ela soube.

– Do quê?

– De minhas aventuras com as ninfas. Você sabe. Como me redimir?

– Não vou entrar no mérito, pois só desejava te ajudar. Aliás, já deu o tempo. Vou-me.

– Como assim?

– Há vida além ao seu redor, Pedro.

– Claro que sim, mas por quê?

– Não entendi.

– Por que está saindo do jornal? Fique por favor. Você sempre foi um excelente profissional. Podemos recomeçar. Darei-lhe outras oportunidades. Pode chefiar uma seção inteira.

– Pedro! Pare, por favor. Estou saindo porque desejo e de ter recebido uma oferta do Albuquerque. Ele me convidou para estar no Rio.

– Desgraçado! Puro assédio e por um dos meus funcionários e nas minhas costas.

– Chega! Fui eu que o procurei.

Fiquei desconcertado.

– O que farei sem você?

– O mesmo que fará sem a Sara. Não sei o que aconteceu, mas parece que você não consegue cultivar pessoas e que apenas as usa. Vou me lembrar que um dia fomos amigos. É disso que vou guardar. De hoje, nem sei o que somos nós, e de eu e você aqui. De qualquer forma, boa sorte e adeus!

Julio deu o ultimo gole e se foi.

Fui a São Paulo e exclusivamente para um fim. Porém na porta me detive. Mas não por conta de qualquer obstáculo físico. Era o impedimento do ser. Após grande esforço consegui transpor. Era o último espetáculo teatral de Sara Scherer e de um final de temporada, que por mim muito mais conhecida como Sara Wolfgang Maia. No escuro e entre aos desconhecidos, me fiz de um mero comum espectador. As cortinas subiram e a arte e o espetáculo se fizeram presente. Era algo lúdico, um espetáculo sem igual. A luz que irradiava ao ser de extrema beleza e aos movimentos, da fala à forma. Sara estava em seu ambiente e por isso, feliz estava. Eu, a mais do que todos, imergi na atriz. Somente fiquei preocupado do tanto que a focalizei, pois acho que seria a como um pára-raios a estar a lhe consumir a sua energia e do tanto que a desejei naquele momento para de volta tê-la aos meus braços. Porém, a tudo em vão. Ainda no obscuro e longo tempo ao fim da peça, aguardei, mas Sara saiu de braços dados com outro alguém. Não tive o ímpeto de abordar ao desconhecido. Acho que por medo e receio daquilo que julguei que poderia ser uma humilhação tremenda e por completa. Muitos anos depois eu me arrependi e em todos aos demais dias de minha vida. Quando se ama não existe humilhação, mas apenas o amor. Demorei em perceber isso.

Para esquecer um grande amor falam sobre uma simples receita: conseguir outro. Não que eu estivesse buscando, mas sem querer, para a minha felicidade ou infelicidade, acho que obtive um. Seu nome era Sofhia F. Ela era uma socialite emergente, mas muito mais, uma jovem viúva. Ao que soube e antecipadamente, da fatalidade da morte do seu marido – um médico cirurgião e a da fortuna herdada e ao seu ingresso nas revistas sociais. Eu a conheci numa festa, mas não fui que a fisguei, mas sim ao contrário. Também não me importei, talvez devesse. Mas qual o homem que reclama de uma cantada de mulher? O fato é que eu a aceitei e depois, já era tarde. Sophia era bonita, inteligente e bem articulada. Era uma mulher marcante. Decidida e sabia o que queria. Impressionante qualidade para o destino de uma vida. A dela, evidente. Acho que eu me encaixei naquilo que ela procurava.

– Um autêntico jornalista. Muito interessante você, senhor Pedro.

– É um elogio?

– Ao que desejar.

Falou de mim com ironia como a saborear aos pratos finos numa mesa de jantar. Justamente o que sempre do começo de nossa relação passei a rezear. Pois Sophia parecia sempre estar em algum jogo estratégico e a só calcular ao próximo movimento. Claro que era temível, mas da sedução de uma mulher eu acho que eu seria o último a fugir, mesmo se fosse ela a uma aranha e a devorar ao macho após o

acasalamento, no caso eu.

– E o que você procura Sophia?

– Alguém exatamente como você. Digamos que você se encaixa muito bem comigo.

Levei-a ao jardim da casa e lá nos atracamos. Exato! Pois nem posso dizer que foi somente um beijo, mas muito mais uma coisa animalésca. Passei a noite pensando nos detalhes de seu corpo. Ao menos aos que até aquele momento tive acesso. No dia seguinte mandei-lhe flores e um convite pra jantarmos. Fui completamente ignorado. Então, telefonei e inúmeras vezes para ela, mas também Sophia não me atendeu. Impossível! Depois de todas as coisas que ela me disse ao ouvido, poderia eu estar tão errado? Já estava a desistir e por achar que a mulher não passava de uma aventureira, quando Sophia atravessou ao longo corredor da redação e até a minha sala em pleno pico do horário de trabalho. Nem preciso dizer sobre o quanto de olhares a mulher fatal causou.

– Você desistiu muito fácil, Pedro.

– Não tenho tempo para joguinhos.

– Nem eu.

Ela fechou a persiana do vidro da minha sala e me tacou um beijo arrematador e virou a costas para ir embora.

– Vejo você de noite, às vinte horas em frente ao meu prédio para que me leve e me surpreenda ao jantar. Não me decepcione.

O tempo era escasso, mas consegui. Reservei, ou melhor, fechei o restaurante e só para conosco e tendo um chefe gastronômico em particular para nos atender e um músico, no caso um rapaz e o seu violino.

Sophia F. nem me elogio pelo esforço, mas sorriu satisfeita perante meu esforço.

– O que pretende?

– Acabar na cama contigo.

– Você é sempre tão direta?

– Não tenho tempo para joguinhos, Pedro.

E caiu na gargalhada. Sophia era revigorante, mas muito mais voraz do que eu jamais haveria de pensar. Acho que nunca a amei, mas confesso que sempre a desejei. Acabamos a noite no quarto do meu apartamento.

– Casemiro! Vamos, entre.

Acho que pelo meu bom humor até o velho conhecido se surpreendeu.

– Aceita um café?

Era uma cordialidade fora de contexto, mas fazer o que se eu estava contente? Afinal iria casar.

– Não, obrigado.

– Sente-se.

Ele assim o fez.

– Quanto tempo.

– É verdade. Mas o bom filho a casa retorna.

– Claro.

Casemiro havia ido para a mídia televisiva, mas a afiliada da famosa emissora da televisão aberta faliu. Muitos rumores se deram pelo fato, mas eu acolhi de volta o antigo colaborador e profissional. Pensava que ele estaria ali para me agradecer por isso.

– Soube que vai se casar.

– Sim. Neste fim de semana.

– Fico contente.

– Obrigado.
– Ops! Fique tranquilo, que não estou aqui pra cobrar convite.
– Eu sei e se nem somos tão próximos.
Fui sincero sem querer. Aguardei ele prosseguir, mas nada veio.

– O que há?
– Tenho que lhe dizer.
– Pois diga.
– Não é fácil. Não quero que me interprete errado.
– Está me deixando preocupado.

– Eu sei, mas...
– Desembuche logo homem!
– Temos um repórter policial *free*, o Denis. Eu me encontrei com ele outro dia. Fomos beber, pois disso ele entende.

– E o que têm?
– Sobre a sua noiva. Ele me contou certas coisas que ele jura que é verdade.

Mudei meu semblante e Casemiro percebeu e travou.

– Continue.
– É que não achei justo você não saber antes do casamento.

– O que é?
– Não fui eu que disse, mas ele... Que ela deu o golpe e matou o antigo marido. Só que ele não tem como provar.

Dei um grito e bati com o punho fechado na mesa. Aos berros coloquei Casemiro pra correr. Fiz jus a minha fama. E só não o mandei embora, pois me lembrei do faxineiro. Acho que ele tinha muita mais coisa para contar, mas eu não lhe dei a mínima oportunidade.

O casamento foi estrondoso. Sophia era dada aos holofotes e de minha proposta para uma cerimônia simples e reservada logicamente não foi aceita e nem haveria de ser.

– Está feliz, meu amor?
– Claro.
– Que bom!

E recebi mais flashes e luzes. Era o glamour das aparências e com o devido registro das várias revistas sociais presentes ao evento e que estampariam reportagens várias em suas páginas no dia seguinte. Na festa, vários ilustres, pessoas famosas, políticos importantes e que eu nem conhecia. Articulação e esforço de Sophia que, aliás, estava irradiante. Não era eu que estava casando com ela, mas sim todos nós e mais os convidados que a paparicavam a todo instante.

– E então Pedro, desta vez será eterno?
– Sim, será eterno enquanto durar.

Falei por falar, mas talvez já fosse uma premonição e do que estaria por vir.

– Não seja tão severo. Curta o momento. Ela é uma linda mulher. Veja!

Realmente eram palavras verdadeiras, mas não sei, meu estado de espírito estava diferente de quando no dia em que me casei com Sara. Talvez seja o amadurecimento e daquilo, que das coisas da juventude e que se dão apenas uma única vez.

Nossa lua-de-mel foi em Paris, pois para alguém tão necessitado da luz, nada melhor do que a cidade que representa tão bem essa essência e a ponto de ser possuidora de abrigar e ser conhecida como a cidade luz. Fomos ao Louvre e passeamos por seus cafés. A cada dia Sophia voltava para o hotel com sacolas e mais sacolas de compras. Ela era uma consumidora impulsiva e até pensei que num dia

daqueles jamais iria deixar a Champs Élysées. Ao fim de uma semana nosso oásis havia terminado. Foi o esgotamento do prazer e a melhor das recordações que guardo da minha segunda esposa.

Ao voltar ao Brasil inauguramos bem dizer, nosso lar. Não era uma mansão, mas estava no caminho, pois dela, a tudo da casa do sonho tinha, desde uma piscina com cascata, lareira na sala maior, quarto com hidromassagem e um jardim bem cuidado e florido. E foi então que percebi: eu havia me tornado um homem rico, mas não feliz.

– Quem?

– O deputado Paulo Landim.

– E o que ele quer comigo?

– Sua ajuda. Querem instalar a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do frango.

– Mas nem frango eu como.

– Não brinque com coisa séria.

– Não estou brincando.

– É bom mesmo. Nem preciso lembrá-lo de como chegou onde está hoje.

– Que é isso?

– Um efeito motivacional. O que devo dizer ao deputado? Vai ajudá-lo ou não?

Coloquei à mão no queixo e observei ao desqualificado a minha frente, que até sapato furado tinha.

– Vou ver o que posso fazer.

– É pouco. Primeira página. Tome. Aqui tem um dossiê completo contra o Vargas, o opositor do deputado. Faça a defesa dele e ataque o Vargas. Vai ser fogo contra fogo.

– Não posso ser assim tão explícito.

– Então você vê o que é melhor. Agora, eu te aviso que com o deputado não se brinca. E você deve.

Devia saber disso.

No começo da semana seguinte e constante na primeira página, a chamada para a matéria política tendenciosa, bem como a denúncia ao opositor. Fui chamado na alta cúpula para dar explicações:

– Pedro! O que diabo é isso?

Dei explicações e mais explicações. Para satisfazer a ira de meus superiores, cortei a cabeça de dois fiéis colaboradores. A denúncia que havíamos feito era falsa. Prometi a mim mesmo, largar qualquer conchavo e não ceder a nenhum tipo mais de favor. O problema é que eu gostei, pois o deputado deu-me um belo de um presente em minha casa pelo arquivamento da CPI do frango. Não sei o que se deu, mas parece que entre eles houve um acordo para que ninguém atacasse um ao outro. A denúncia apesar de falsa foi um engodo, pois havia uma verdadeira, mas que nem chegou até a mim. Resumindo foi um teste. Paulo Landim queria mostrar ao Vargas que conseguia ter o domínio sobre um respeitável e importante jornal. E conseguiu. Fiquei sabendo disso pelo sujeitinho que me agradeceu em nome do deputado. Não duvidei.

Em casa, minha relação com Sophia havia amornado. A paixão que arde como fogo não podia durar pra sempre, pensei. Acho que seria normal com qualquer casal. Mesmo assim estávamos bem. Mas as coisas nunca são estáticas. Por vezes existem pequenas mudanças e invisíveis ao dia-a-dia, mas que ao longo do tempo se mostram para o pior ou ao comodismo. Exatamente o que eu estava notando. Eu diria que as preocupações de minha esposa haviam mudado. Por exemplo, a importância do cartão de crédito ganhava cada vez maior relevância. Também, sobre a nossa rotina sexual estar se esvaziando, como até aos nossos encontros e conversas. Logo além, nem mais fazíamos as refeições juntos. Tentei falar-lhe francamente:

- Querida, percebo que está mais ocupada.
- Ah! Sim. É essa vida louca cheia de compromissos.
- Sei, mas por que tantos?

– Tenho que me manter bonita para o maridinho.

E se aproximou de mim e fez um breve carinho.

– E também, você que só vive a estudar ou na faculdade.

– Tenho o doutorado. É importante pra mim.

– Eu seu, querido, mas não estou a lhe cobrar, mas sim você a mim.

– Mas o que faz tanto de ioga, academia e agora está buscando até a televisão? Será uma sina, que só caso com mulheres destinadas ao estrelado?

– Quanto à outra, não sei, meu amor. Sei de mim. E não estou gostando do tom dessa conversa. Não nasci para ficar enfiada e presa dentro de casa.

– Claro que não. Não é isso que estou dizendo, mas é que nem conseguimos mais jantar juntos e sem falar do sexo.

– Então escancarou?

– Só estou tentando entender. Se desejamos ter filhos como teremos se nem praticamos?

– Filhos! Quem disse que eu quero ter filhos?

– Mas não? Pensei que seria natural e uma vez que casamos a de estarmos a constituir uma família.

– Pedro! Vamos viver bem e pronto. Por favor, não criemos dificuldades em nossas vidas.

– Não estou. Só não podemos ser dois estranhos a morar numa mesma casa.

– Claro que quanto a isso não seremos. É somente uma fase. Prometo que amanhã teremos uma noite especial e daquelas...

– Amanhã?

– Sim, pois hoje já combinei com a Clarisse de sairmos juntas para colocar a conversa em dia.

– E aonde irão?

– Que é isso querido? É uma amiga de anos. Vamos aonde as pessoas chiques vão, ou seja, ao Café-Jornal Pontes. Lá me faz lembrar Paris. Que cidade maravilhosa!

Era um lugar chique da cidade. E sem mais, Sophia me deixou com o prato que a empregada havia feito para mim. Só tive o trabalho de esquentá-lo no micro-ondas.

Nada havia melhorado. Pelo contrário, nossa relação estava cada vez pior e para a extinção. Pensei e várias vezes contratar um detetive, mas desistia em seguida, pois seria o fim e também tinha medo do que poderia descobrir. Com Sara e mesmo tendo ciúme mortal, eu jamais cheguei a presumir ou acreditar sequer num misero e infinito segundo, que Sara pudesse estar a me trair. E ainda mais com todos aqueles cafajestes do teatro. Porém com Sophia, nem precisava imaginar muito. Era quase certeza dela me ser infiel. Acho que eu evitava ir atrás das coisas por conta do receio de minha atitude e de ser violento. Não fui atrás de nenhum detetive. Ainda não, mas fui procurar Denis, o repórter policial.

– Doutor Pedro! Nem acredito que é o senhor.

– Pois é. Se quiser me belisque.

Era somente um bar meio sujo e de um dono descuidado.

– No que eu posso ajudar ao tão ilustre cavalheiro?

– Deixe desse palavreado rebuscado. De bajuladores já estou cheio.

– Desculpe, não fiz por mal. É que não é todo dia que sou procurado por gente importante. E estou numa pindaíba só. Se o senhor puder inclusive me ajudar.

– Tome esse dinheiro. É uma grana boa.

– Vai servir claro, mas estava falando de trabalho.

– Vou ver se te arrumo uns bicos. Agora me diga sobre ao que sabe de Sophia F.

– Sério?

– Sim.

– E quem lhe contou?

– O Casemiro.

– Droga!

– O que foi?

– Vai mesmo querer saber?

– Claro. Se não pra que teria vindo?

– Tudinho?

– Vai! Desembucha.

– Está bem. O doutor sabe de onde ela é?

– Sim. Duma cidadezinha da fronteira do estado, do país com os castelhanos.

– Exatamente e descendente de índio, das missões.

– Disso não sabia, mas também nem me importo.

– E que o pai era um matador.

– Não estou entendendo.

– Pois é isso mesmo.

– Não dessa parte, mas sim do motivo de você ter fuçado à vida dela. Por que fez isso?

– Foi sem querer. Na época ela era a suspeita de um crime de alguém importante, um doutor assim como o senhor e daí só me antecipei e fiz a matéria, mas que nunca foi publicada. Desistiram de culpá-la devido aos exames do defunto e darem da morte dele ter sido por motivo natural. Ela escapou por pouco. Eu sei disso.

– Mas se você tinha a certeza do contrário, por que não procurou a policia?

– Simples. Ela me deu dinheiro.

– E como ela soube de você?

– Sei que é vergonha, mas tenho dois moleques pra cuidar e estava passando por dificuldades. Entre denunciá-la e não ganhar nada, eu resolvi pelo contrário e lhe pedir algum dinheiro em troca do que eu tinha e que poderia incriminá-la.

– Você a subornou?

– Xiii! Que palavra feia, doutor. Pô! Eu precisava. Daí eu a ajudei e ela me ajudou.

– E por que abriu o bico agora então?

– Eu estava bêbado e o Casemiro falou do senhor pra com ela e eu dei na língua. Que besteira! Mas nem podia imaginar que o camarada ia contar pro senhor. Foi conversa de bar e que não se dá crédito. E eu nem lembrava ao que havia dito.

– Mas é verdade ou não é?

– Doutor, é tudo verdade sim. Mas por favor, não vá me envolver ainda mais. Não quero ferrar com ninguém.

– Pois bem. Isso é comigo. Vai lá! Conte a história.

– Dá pra antes tomar uma branquinha?

– Você é abusado mesmo. Vai lá!

Virou ao copo e nem fez careta.

– Vamos!

– Está bem. É uma história sórdida e que nem mais queria contar, mas como queira. Sophia era uma pobre interiorana e que numa visita de consulta ao então distinto médico tratou de despertar-lhe o interesse. A moça estava desesperada e qualquer um que a acolhesse estaria de bom tamanho, mas se fosse um médico, um tanto melhor. Ela voltou e voltou novamente ao seu consultório e mesmo não tendo

mais qualquer doença. Tem mulher que é tão perversa que se faz de inocente e pela beleza conquista o homem. Não há como perceber e até ser tarde demais.

– Poupe dos rodeios e fale somente ao que sabe.

– Eles começaram a sair e logo estavam namorando. Mas ela o evitava, dizendo que somente seria possível depois de casados. O médico até imagino, ficava doido e de estar do lado daquela formosura, mas sem poder... Triste e hilário.

– Por que?

– Ora, a moça não é de toda recatada. Sophia foi moça da zona, apesar de ter sido por pouco tempo, mas foi.

– Não acredito!

– Isso é contigo. De mim, pediu pra contar e é o que estou fazendo.

– Não vou ficar a escutar absurdos e a estar a insultar minha esposa.

E levantei-me pra ir.

– Mas se estou a falar que a sua mulher matou um homem, qual absurdo maior que este? Daí vai me bater de vez.

Breve reflexão e voltei a sentar.

– Está bem. Continue.

– Eles casaram e logo veio o preço. Sophia ficou grávida, mas o filho não era do doutor, mas sim do seu amante, o meio índio Ramon Raruama.

– É brincadeira?

– Antes fosse. Ramon é o seu irmão de criação. Pergunte para sua mulher, que ela vai confirmar. Ele veio atrás dela e a achou na capital. Ela não o queria e ainda mais por ter se arrumado e se dado bem com o médico, mas ele a procurava e o fogo do corpo lhes acendia. Não tinha jeito. Sophia mentiu ao marido e sustentou a gravidez dizendo-lhe que teriam um filho deles. O doutor é claro que acreditou. E então, do suplicio, da postergação da verdade e do que seria inevitável aferir com o nascimento do filho, deu-se a trágica noite. Ramon foi atrás de Sophia. Ele estava disposto a tudo e invadiu a casa alheia e foi tudo escancarado. O médico descobriu a farsa da pior forma e eles brigaram. O índio bateu-lhe na cabeça com um bastão e o doutor caiu desmaiado. Quando acordou Sophia estava ao seu lado socorrendo-o, mas chorando desesperada. Ramon havia partido. Sophia diante do olhar condenatório do marido pegou a faca e a colocou contra si peito e na direção do coração. Pediu para que ele a fincasse contra o seu peito ou que ele a perdoasse. O doutor a perdoou. Incrível, não?

– E o filho?

– Nem passou uma semana e Sophia teve aborto espontâneo e algumas outras complicações. Teve que fazer uma cirurgia e que a impediria de engravidar novamente.

– E Ramon?

– Depois disso, o cara sumiu. Acho que ficou com medo, pois o doutor, que era bem influente e poderoso pediu para alguns amigos da policia lhe prestarem um favor. Não sei se Ramon morreu ou se foi morto ou se voltou para a sua cidade.

– E a morte do médico?

– Calma! Daí as coisas mudaram. Sophia virou a melhor esposa do mundo, caseira e dedicada as coisas do lar e do marido. O cara deveria amá-la e muito para perdoá-la ao que fez e para que se depois...

– Continue.

– Um tempo depois e num belo dia, o médico morreu do nada em seu consultório e sozinho. Pelo dinheiro e da fortuna dele e que foi tudo pra ela, cogitou-se algo além de uma morte normal. Foi á partir daí que eu entrei. Pediram-me e como sempre noticia e nem que fosse inventada. Algo mais impactante e que saísse do comum. Um investigador amigo meu me deu a dica e da morte incomum de um médico da

alta sociedade. Ele tinha a certeza de assassinato, mas não havia provas e o caso seria arquivado. Também a família dele não deseja escândalo algum, principalmente o pai, um empresário bem sucedido e mesmo existindo a enorme bolada que a moça haveria de ganhar. Acho que pra eles seria só migalha. Tudo é referencial na vida. O dinheiro grande pode ser pequeno se vier de um milionário. Bom, mas de todos, eu fui o único a procurar a verdade e a achei e justamente pelo que me pediram: um escândalo e que rendesse venda ao jornal. Exatamente ao que eu investiguei.

– E ao que foi?

– Aprendi por experiência, que todo crime tem a sua motivação e daí, nada melhor do que obter o histórico do suspeito. Foi o que eu fiz e por isso tive todas essas informações de Sophia. A partir daí, estava no direito da plena convicção, pois ela tinha todos os motivos do mundo para matar o marido. Caberia somente de encontrar as provas. O marido dela morreu do coração, mas ela o envenenou e aos poucos em sua comida. Existem algumas substâncias que são difíceis de detectar, mas ela teve a paciência.

– Ele foi envenenado, portanto?

– Sim, mas eu não sei exatamente qual foi a substância. Também num exame ao cadáver seria difícil para constatar e até ao mais experiente legista.

– E como sabe, então?

– Ora, Sophia buscou a informação e alguém lhe forneceu a droga que precisava. Todo assassino há de deixar algum rastro. Sei do especialista que lhe ajudou, mas que negou e negará e sempre. Sei daquilo que comentou a uma amiga sem querer e que a deixou assustada. Essa amiga, também nunca haverá de aparecer e jamais haverá de prestar qualquer depoimento. Gravei alguns desses depoimentos e sem a pessoa saber.

– Mas é tudo circunstancial. Não há nenhuma prova concreta.

– É o que pensa? Tenho uma confissão dela. Eu gravei nossa conversa.

– Mas por que ela admitiria ao erro gratuitamente para contigo?

– Eu me encontrei com ela e disse-lhe que sabia de tudo e tinha provas. Joguei com Sophia e ela caiu. Ela confessou. Foi aí que se iniciou nossa negociação e que eu ganhei um bom dinheiro.

– É mais canalha do que pensei. Se a tudo que me contou for verdade, você é cúmplice.

– Não me preocupo. Se ela não foi condenada daquela vez não será em mais nenhuma. Ao contrário, é o senhor que tem a bomba na mão. Eu não desejaria estar em sua pele e casado com uma mulher dessas.

– Não lhe interessa.

– Eu sei, mas um conselho: durma de olhos abertos.

Joguei o dinheiro sobre a mesa e deixei o pilantra. Em seguida procurei um detetive particular e o contratei.

– O que há contigo?

– Como assim?

– Ao que tens?

– Nada.

– Está diferente para comigo.

– É impressão.

– Não sei.

– Está bem!

– Então têm?

– Estava pensando que nunca me falou de suas origens e nem de sua família.

– Então é isso? E o que quer saber?

– Seus pais, por exemplo.

– Meu pai era filho de índio e com uma espanhola. Éramos pobres. Ela não valia um centavo. Era um beberrão e que só batia na minha mãe, que, aliás, morreu no desgosto e no infortúnio. Eu superei a tudo e dei a volta por cima.

– E não teve irmãos?

– Sim, vários. E de qual mulher? Meu pai nunca foi fiel.

Estávamos num momento tenso.

– Não é só isso.

– Não, não é.

– E o que mais?

– Não somos mais um casal.

– Nunca lhe prometi além do que sou. Se isso não lhe satisfaz, então temos que tomar uma providência. Também não vou ficar vivendo com quem não me quer.

Sophia mesmo daquele jeito era linda e atraente. Desejava rasgar a roupa e a de tê-la ali mesmo naquela saleta de nossa casa. E pensar que ela poderia ter matado um homem, seu anterior marido.

– O que fazer?

– Como?

Quase perguntei de Ramon.

– Sophia, eu acho que talvez com essa união tenhamos feito um erro em nossas vidas.

– Erros se desfazem e a vida continua. Agora eu preciso sair. Marquei de ir ao shopping com a Vera.

Tchau!

Nem tive coragem, ou melhor, ao ímpeto de tomar uma decisão definitiva naquele momento. Precisava antes de algo concreto. E foi quanto a isso que aguardei.

– Tem certeza?

– Toda. Nosso trabalho foi minucioso. Cobrimos a tudo e de sua rotina. Está aqui o dossiê e o relatório.

– Impossível!

– Calma doutor. Há fotos e os horários e as pessoas com quem ela teve contato.

– Alguém suspeito?

– Suspeito! Ao quê?

– Em qualquer coisa fora do normal.

– Nada. São suas amigas, salão de beleza, eventos, academia e por aí.

– Nenhum amante?

– Se ela tivesse algum, não acho que no espaço de um mês se manteriam sem nenhum contato.

– Telefonemas?

– Tudo normal.

– Seria o improvável? Será que estou ficando louco?

– Doutor, nós estamos realizando nosso trabalho com a máxima eficiência e discrição.

– E por isso lhes pago muito bem.

– Ora doutor, tudo é muito custoso.

– Está bem. Mantenha a vigília. Também, preciso de outro trabalho de vocês.

– Estamos à disposição.

– E a receber dinheiro. Eu sei.

– Doutor...

– Sem justificativas, por favor. Investigue sobre ao passado dela, sobre a existência de um possível

irmão adotivo chamado Ramon e ao que se deu na morte de seu anterior marido.

- Mas aí já parte para o policial.
- Não importa. Diga o seu preço.
- Não será barato.
- Não lhe perguntei isso.
- Está bem. Vou aceitar o trabalho adicional.
- Fatos! Preciso de fatos e provas. Entendeu?
- Perfeitamente.

Foi um convite estranho, mas dadas às referências eu aceitei assim mesmo.

- Prazer! Meu nome é Damião Paiva.
- Pedro de Paula Maia. Sentemos, por favor.

Era um restaurante rústico e afastado da badalação. Local apropriado para ambos e ao que julguei ao teor de nossa conversa.

- Paul Dickson indicou o senhor.
- E só por isso eu vim.
- Ele me disse que eu poderia confirmar.
- Se ele disse. Ao que seria?
- Política.

Era obvio o motivo daquele encontro. Antevi novamente o jogo da troca.

- Antes, podemos pedir os pratos?
- Evidente.

Nada como um bom vinho tinto para revigorar o espírito e para deixar o encontro mais fácil a conversa.

- Deve saber que Paul deixou o jornal e está a serviço do partido republicano.
- Tenho mais preocupações com o meu país e muito mais com a minha vida pessoal.

O sujeito deu o sorriso descortês.

- Peço-lhe que sobre ao que falarmos não sai dessa mesa.
- Eu acho que eu sou o mais interessado desse pedido.
- Excelente! A questão é que há certo interesse nosso na próxima eleição e em alguns candidatos específicos.

- Não vejo ao que eu tenha a ver com isso.

O homem passou a mão espalmada na face.

- Seria muito bom se nossos candidatos vencessem.
- Não sou eu que determino, mas sim os eleitores.
- Doutor Pedro, toda ajuda será valiosa. Contamos com o senhor na utilização aos meios possíveis na obtenção do resultado. Tome o papel. Estão aí os nomes daqueles que são de nosso interesse.

Passou para mim o envelope.

- Terá nosso apreço e recompensa se colaborar.

Apanhei o envelope e o abri.

- Por certo. Somente me reporte sobre a sua nacionalidade, por favor.
- Sou brasileiro.
- Evidente e com esse sotaque regional.
- Está sendo deselegante.
- Qual o seu interesse?
- Se quer mesmo saber, não escondo. Como a todos, busco um lugar ao sol. Serei premiado. Vão me

dar o *green card* e para alguns de minha família.

– Nos acostumamos, ao homem se vender por tão pouco.

– Na vida, todos nós somos comprados. A questão é que não percebemos. Poucos e muitos poucos se mantêm convictos aos seus ideais, mas quando bate a fome e a necessidade somos iguais ao gado e que busca ao melhor pasto. Doutor, não me venha dar lição de moral e nem ensinamentos de vida. Paul me disse de você e que o seu posto no jornal não está assim tão confortável.

– É uma ameaça?

– Não. Apenas um fato. Obrigado pela refeição. Presumo que o senhor assuma a conta, pois eu não tenho como pagá-la.

– Quero o divórcio.

– Como?

– É simples.

– Mas Sophia...

– Prolonguei o improlongável. Para mim já deu.

– Você acha que a vida é simples assim?

– Não quero melodramas. É uma decisão e que estou lhe comunicando. Poderia nem fazê-la, mas acho que nem seria justa. Meu advogado entrará em contato contigo ou quem eu indicar.

– Por que?

– Não sou boba.

– Quem é Ramon?

– Como?

– Você escutou muito bem.

– Andou me investigando?

– Não interessa. Responda!

– Seu canalha!

Ela veio para cima de mim e me tacou o vaso. Pela fúria do momento, eu dei-lhe o tapa em seu rosto. Arrependi-me quase que imediatamente. Ela levantou o olhar raivoso para comigo e falou num misto de ódio e choro:

– Nunca mais se atreva. Arrepender-se-á amargamente desse momento.

– Pode ser.

– Seu cretino!

Foi à última vez que a vi. Aceitei o divórcio e das coisas atreladas aos bens, a divisão. Mas ela também tinha posses, mas de alguma forma ela subtraiu de mim mais daquilo do que pensei. Pela perda de Sophia nem me importei tanto. Acho que seria por já estarmos separados pela alma, se é que alguma vez estivemos juntos. Todavia mantive uma raiva por certo tempo e bem quando tive outra recaída, a do corpo. Uma vermelhidão por certas partes embaixo da axila e a crise de tosse e por uma vez que foi tanta, que pela inflamação da garganta expeli sangue. Acho que jamais estive preparado para aceitar a perda e o abandono de qualquer mulher.

Era iminente e não havia ao que fazer. Procurei um caminho natural, o jornal concorrente.

– É estranho ao que oferece.

– Ok! Se não está interessado, posso ir.

– Não foi o que disse.

– E então?

– Explique melhor.

Era um dos mandatários da empresa e eu, tentando explicar algo implausível e que aceitaria um cargo menor em seu jornal. Resumindo: estava me humilhando.

– A liberdade é tudo e estou sendo podado. Eu não aceito ser censurado em meu trabalho. Nessa nossa profissão a autonomia é tudo.

– Justamente, política é uma coisa muito sensível. Vi aos artigos e curiosamente, o editorial deixou de ser isento. Agora me diga, você está apoiando diretamente algum partido ou candidato na eleição?

Foi natural. Mais cedo ou mais tarde haveria de acontecer. Eu estava sendo fritado e ainda mais pela volta dos Estados Unidos do indesejável Bernardo Boaventura, a minha pedra no sapato e que havia se transformado num pedregulho. Foi um prato cheio e Manfredo o estava a lhe dar carta branca. Estavam descontentes comigo.

– Acredito na democracia e que um jornal importante deva ter uma opinião, mas não a ponto de ser leviano. Os fatos e os acontecimentos dos candidatos, bem como a sua conduta devem ser públicos. Nosso dever é prestar esse serviço à sociedade e não nos colocarmos como tendenciosos.

– Entendo.

Couto Gonçalves Mariano era o seu nome. Atrevi-me ao inconcebível, pois sabia de suas predileções conservadores e ao candidato que apoiava.

– Acho que temos uma vaga pra você, mas não com o mesmo posto e nem sequer perto do que imagino ser o seu salário atual. Aceita?

Poderia não aceitar e me aventurar em outras terras, mas por incrível, não achei a proposta de toda ruim. Seria isso ou partir para São Paulo. Decidi o mais cômodo.

Quando eu até havia esquecido, o detetive particular Delgado me procurou e com enormes surpresas. Ao que parece fui completamente enganado.

– Quer dizer que Ramon não existe?

– Não disse isso, mas que não achamos nenhuma evidência de sua existência.

– Como pode?

– Não sei. Também tenho a mais absoluta certeza de que o antigo marido de sua ex-esposa Sophia, realmente morreu de morte natural. Ele se excedeu numa corrida matinal. Autoconfiança e o coração não agüentou. Diria que era um médico que cuidava melhor e mais de seus pacientes do que de si mesmo. Faz sentido, pois se a família dele não requereu nenhum exame mais minucioso.

– Mas e a sua prisão, o inquérito de Sophia?

– Justamente o que a família dele tentou armar, mas que não conseguiu, pois a premissa era infundada.

– Não acredito.

– Ele já tinha quarenta anos. Uma idade perigosa para o coração. E na família dele já havia antecedentes.

– Que dizer que Sophia não teve nada com o fato?

– Duvido que tenha. Conversei longamente com o médico legista e não há dúvida. Também, colhi vários relatos e de que eles eram um casal bem unido. Eles tinham a intenção de terem filhos, mas a fatalidade não permitiu.

– Ela era fértil, então?

– Quanto a isso não sei dizer, mas uma amiga íntima dela me relatou algo comovente. Sophia a procurou para chorar a perda do marido e lhe disse que havia perdido o amor da sua vida e que se um filho dele não teve, de que com mais ninguém haveria de ter. Ela o amava sem sombra de dúvida. Disso eu estou certo.

O que há para se dizer da perda se não algo como comparado a um vazio.

– Mas ela era pobre?

– Sim. Está aqui outro dossiê. Completo e detalhado. Fotos, relatos e gravações. Como disse nosso serviço é completo. Não há margens para dúvida. Por isso, peço-lhe da desculpa pela demora, mas precisávamos ter certeza. Sophia era apenas uma interiorana pobre, filha de um índio bêbado e de uma mãe judiada pela vida e com vários irmãos. Ela buscou a mudança e teve a sorte de encontrar alguém que a amasse na capital e que também lhe retribuiu. Quando estava no momento mais feliz da vida, teve a perda. Eu sei dela e das colunas sociais, mas aquela Sophia não é ela. Diria que sua ex-esposa é uma excelente atriz. Cada um coloca a máscara que quer na vida para disfarçar a infelicidade.

Franzi a testa do tanto que escutei.

– Diga-me sobre Denis, você foi atrás dele?

– Não e nem irei. Isso é com o senhor. Mas se quer algum comentário, eu lhe digo. É um caçador de trocados. Nada confiável. Ninguém da polícia gosta dele. Não sei o que ele lhe disse, mas não foi à verdade.

Depois disso, procurei Denis e o encontrei bêbado e quase numa sarjeta. Nem me reconheceu, mas pediu algum dinheiro. Era um farrapo humano. Levantei-o pelo colarinho e em meio à chuva que começava.

– Por que?

Recebi um arrote nojento de volta. Larguei-o e ele se espatifou na água do esgoto. Talvez tenha se afogado. Não sei, pois nunca mais procurei saber. Conversei com Casemiro outro dia e ele me disse que Denis era partidário do Vargas. Podia ser ou não outra mentira, mas Casemiro não tinha esse hábito. Tentei juntar algumas peças e talvez fosse verdade daquilo e que fui usado e tentaram de me desestabilizar. Mas o que importa se já todos os danos foram causados e nem mais existe reparação? Talvez até devesse agradecer, pois abreviou um relacionamento infundado, mas que apesar de tudo sentia a sua falta e muito mais de Sara, que outro dia a vi na televisão e num canal de grande audiência. Sara estava a dar entrevista e a falar de sua carreira até então muito bem sucedida. A todos para com ela eram somente elogios. Cheguei a ficar bêbado em frente ao aparelho de televisão e a lamentar chorando a sua ausência. No tapete da sala e largado, uma dor embaixo do braço. Constatei algumas feridas cutâneas e um furúnculo, que estava a me incomodar. Não estava nada bem, tanto do corpo como do espírito e ainda muito mais triste. Voltei a ser o que sempre fui, um homem sozinho. Uma breve conclusão de um maldito fim de noite.

Um dia eu acordei e já não era tão jovem. Foi uma estranha sensação de algo, de que as coisas estavam diferentes, mas que eu não sabia explicar. Demorou a passar e por isso fiquei vagando no meu apartamento. Sim! Eu voltei a morar num apartamento. Uma casa seria grande demais para mim e para mantê-la. Finalmente fui me lavar ou a tomar um banho. Também aproveitei para fazer a barba de dias, como pintar o cabelo. Não me envergonho disso, mas tenho pavor de cabelos brancos. Feito o trato ao corpo, me senti revigorado. Mas continuava a pensar naquilo. Como por exemplo, do falecimento do meu pai que nem notei. Digo, é claro que fui ao seu enterro e amparei minha mãe, mas não chorei e quando regresssei a terras gaúchas foi como se nada tivesse sido alterado no mundo e mesmo eu sabendo, tendo a certeza, pois eu o vi no caixão, que meu pai havia morrido e eu jamais o veria outra vez. Eu sei que é um triste pensamento, mas estou sendo honesto comigo mesmo. Sentei em frente ao aparelho de televisão e o domingo passou lentamente e muito mais devagar ao que eu gostaria. Esperava a segunda-feira, dia de trabalho, pois somente esse dia poderia me devolver ao ânimo da vida. Não estava a fim de beber, pois o dia anterior já havia sido assim. Exatamente, um encontro com Jezebel, sim, a vadia viciada que me queria levar para o mau caminho. A mulher do tanto que cheirou, capotou. Nem fizemos sexo e nem nada.

Putá é tudo igual.

– Pedro, Pedro!

Parei no corredor. Era Mario Dudamel, um de meus funcionários da minha pequena equipe que eu liderava. Era um perfeito *caxias*, mas eu gostava dele.

– O que é?

Ele estava ainda ofegante.

– Aquela reportagem do caso Veloso. Eu consegui.

Era um idealista, mas um excelente profissional. Nele estava o vigor, que eu talvez um dia houvesse tido.

– Que bom! Mantenha-me informado. E depois me mostre a matéria.

– Pode deixar.

Mas ele não foi embora.

– Algo mais?

– Sim. A patroa me perguntou do senhor e do almoço, se desta vez irá.

Mario havia me convidado uma meia dúzia de vezes para ir a sua casa e eu recusei. Eu sei, vai ver ele não era somente um bajulador. Talvez apenas quisesse ser meu amigo.

– Está bem.

– Sério?

– Sim.

– Posso confirmar?

– Claro, se estou dizendo.

– Excelente.

– Agora vá tratar do texto senão não vai dar tempo.

– Sim, sim...

E saiu correndo. Não poderia dizer nada das minhas atuais condições profissionais, mas não eram nem sombra das do meu último emprego. Agora eu era apenas um chefe simples de seção, por vezes e quando tinha sorte, um consultor. O salário não era ruim, mas literalmente perdi o status e o meu temperamento raivoso. Era uma nova fase que configuraria como de paz e amor. Habituei-me por sinal. Porém, se eu realmente quisesse, eu poderia, mas não sei... Acho que fiquei de um momento em diante fadigado ou cansado de lutar para alcançar aos objetivos. A vida perdia o seu sentido e o seu sabor. Nem eu mesmo estava a me reconhecer.

– Judite, por favor, as contas.

Era a minha assistente temporária, pois uma assistente fixa seria um luxo.

A porta foi aberta e um casal cordial me recebeu. Não fazia noção, mas Maria Tereza era bem mais bonita do que eu havia imaginado.

– Seja bem vindo senhor Pedro.

– Não sejamos tão formais. Chame-me por você.

Sentei na sala enquanto ficamos a prostrar. Mario me serviu um licor, que aceitei com prazer, enquanto a esposa dele realizava aos detalhes finais dos preparativos da refeição, presumi. Finalmente estávamos todos à mesa e somente no aguardo da possibilidade de me servir, pois a comida pareceu-me ser muito boa. Hum! Quanta saudade de uma comida caseira.

– Se não se importar sempre agradecemos nossas refeições.

– Sim, evidente.

Deu-se a reza em agradecimento ao alimento que haveríamos de comer. Abaixei a cabeça em respeito, mas com um olhar furtivo em Maria Tereza.

– Obrigado. Amém! Podemos nos servir agora.

– Excelente.

– O Mario fala muito do senhor.

– Senhor!?

– Desculpe, de você.

– Agora está melhor.

– Que é isso Maria?

– Deixe-a falar Mario. Estamos entre amigos.

Não sei, mas aquela palavra "amigos" me fez bem.

– Ele o admira.

– Maria...

– Mas é verdade, querido.

– Obrigado. E eu agradeço o convite de vocês. Só lamento ter demorado tanto a aceitá-lo, pois a comida está esplêndida.

– Sua ex-esposa é mesmo a Sara Scherer?

– Querida! Nós não conversamos pra não tocar nesse assunto?

– Que é isso Mario! Pode deixar. Somos todos adultos. Não receio por nenhuma pergunta de sua esposa. Sim Tereza, nós fomos casados.

– Nossa! Sou fã incondicional dela.

– É mesmo?

– Sim. Eu vi o seu filme e agora, depois da minissérie, parece que irá estrear na novela. Ela é fantástica.

– Nem sabia tanto disso dela. É que não a acompanho e apesar de trabalhar num jornal.

– Doutor Pedro, desculpe minha esposa. Ela se empolga por vezes.

– Não há problema.

– É que minha prima foi aluna do senhor.

– Sêrio?

– Sim. Ela fala muito bem a seu respeito. É um dos melhores professores...

– Querida!

– Deixe estar. E qual seria o nome dela?

– Vanessa Tralicelli.

– Desculpe, mas não me recordo.

– Evidente. Eu sei, são vários os alunos.

– Mais ou menos.

Na verdade havia declinado e diminuído bastante das minhas aulas. Também fui advertido por conta de estar bêbado numa delas. Agradei pelo coordenador do curso não ter propagado a questão como também ter me dado uma segunda chance.

– E você, não se formou na faculdade?

– Não. Infelizmente não é possível. Tenho que cuidar do lar.

Olhei para Mario e vi outra desaprovação aos comentários de sua esposa.

– Mas deveria procurar. É ainda jovem e com um futuro pela frente.

– Doutor!

Fomos interrompidos.

– Aceita mais um pouco.

– Não obrigado.

Foi uma tarde de domingo prazerosa e bem diferente dos meus domingos habituais. Tereza era contagiante e ficamos depois conversando na sala e muito mais eu com ela. Num involuntário toque de mão e braço, eu me arrepiei e garanto que ela muito mais. Ficamos desconcertados, mas Mario nem notou. Por fim, nos despedimos com a promessa de termos outro evento. Prometi que seria no meu apartamento.

– O que há doutor?

– Novamente o mesmo Pedro. Baixa imunológica. Daí os furúnculos e esse cobreiro no dorso das costas, herpes-zóster para ser mais exato. Pode se tornar grave. Você tem que se tratar e seguir a risca as instruções. Você anda estressado?

– Sempre.

– Isso é ruim.

– Pedro, falo também como amigo. Você tem que criar novos hábitos e saudáveis. Não pode a ficar esculhambando o seu corpo. É quase que possível sempre remediar, mas numa conduta errada uma hora a casa caiu.

– Obrigado doutor mais uma vez pelas dicas. Vou seguindo.

– Estou tentando te ajudar. Tem que levar a sério. Não é mais um jovem e a idade cobra o preço de quem do corpo nunca cuidou.

– Eu sei.

– Então?

– Então o quê?

– Comece pelo cigarro. Não pode também ficar todo dia virando meia garrafa ou sabe lá quanto mais bebida. Você me falou que fumou três maços num único dia. Que exagero!

– Mas foi.

– Onde vai parar?

– É um tormento dar aula assim. Tenho que entrar chapado.

– Meu Deus! Está dando aula drogado? Maconha ou outra...?

– Ainda não, doutor. Não exagere. É que às vezes, eu confesso, vou trabalhar bêbado.

– Qual é o desatino?

– Estamos saindo da área clínica para a psiquiátrica?

– Como queira. Se quiser falar comigo, sabe que pode sempre contar. Um médico não deveria só cuidar da consequência, mas muito mais da causa. Lamento por você, mas tomara que eu não o veja da próxima vez em piores condições.

– Pode deixar. Vou tentar correr no parque e fazer exercícios.

– Seria um excelente recomeço.

Lógico que a tudo que ele falou eu ignorei.

Teve-se o evento qualquer, apenas um motivo vazio para alguns se reunirem num bar. Eventualmente acontecia algo do tipo e por vezes eu participava. Foi uma dessas ocasiões. Porém o curioso é que desta vez Mario, meu fã e candidato a amigo compareceu. Até estranhei, visto que não era dado a beber e qualquer evento fora de seu casamento e sem a presença de sua esposa seria impossível. Naquela noite, eu estava falastrão e querendo me consumir em mim mesmo do tanto de mentiras e coisas que contava a meu respeito para me gabar. Pelo horário, a mesa se esvaziou sem eu perceber. Logo estava de frente com meu admirador Mario Dudamel.

– Não vai mais beber.

– Não. Um copo é o suficiente. Não posso chegar bêbado em casa.

– Lamento por você.

– Não lamente não. Gostaria de lhe fazer um convite.

– Outro evento? Mas sou eu que lhe devo e a chamar em minha casa.

– Pode ser doutor Pedro, mas não é isso e nem lhe estou a cobrar. É que eu acho que poderia ser uma coisa boa ao senhor.

– Do que falas?

– Desculpe a franqueza, mas percebo seu modo de vida. Ofereço uma opção e de um lugar bom e para rezar, a nossa igreja. Ficaria muito contente se o senhor aceitasse. Tenho a certeza que lhe fará bem.

Foi uma surpresa e pelo impacto ou pela bebida, não sei, eu disse que sim.

Por incrível que pareça, no dia marcado por Mario, eu compareci no evento religioso. Nem me recordo se algum dia já havia ido a algum. Eu parecia um peixe fora da água. Todavia percebi o contentamento dele para comigo, mediante a minha presença. Parecia que ele havia tido uma imensa vitória. Comportei-me respeitoso e escutei as palavras do religioso, mas confesso que entre uma pausa e outra dei minhas olhadas em Maria Tereza e que numa delas, ela também olhou para mim. Nós nos despedimos e com a certeza que no outro final de semana eu os receberia em meu apartamento.

– Sempre tive a certeza que seríamos grandes amigos.

Olhei incrédulo, mas acenei positivamente com a cabeça concordando.

– Espero que tenha gostado da oratória.

– Sim, foram palavras profundas.

– Voltará?

– Sinceramente, não sei.

– Pedro, pense a respeito. Não desejo impor, mas reflita. Irá lhe fazer bem. Todos nós precisamos de um caminho a Deus.

Mario foi sempre tão voluntarioso. Suas afirmações ou convites nunca eram impostos, mas colocados de maneira sincera. Literalmente, ele era um homem honesto e que se colocou para ter a minha amizade. Mudei o assunto:

– Mas que linda está Maria!

Foi involuntário, mas falei a verdade. Por isso talvez Mario nem levasse na maldade. Aliás, poucas coisas ele considerava como motivadas a censura ou ao repúdio. Ele era uma excelente pessoa e todos gostavam dele. Era um cara para frente, positivo e só via o lado bom das pessoas. Eu o invejava.

– Não sabia, que você Pedro cozinhava tão bem.

– Está exagerando. Fiz somente uma receita trivial.

Maria, por debaixo da mesa tocou sem querer sua perna na minha. E depois outra vez, mas desta vez propositalmente. Dali e sem a minha rejeição, o conluio estava se dando.

– Permita-me, mas acredita em Deus?

Um pergunta séria de Mario num momento impróprio.

– Mario, duas coisas que não se impõem: política e religião.

– Não estou impondo, só estou perguntando. Acredita?

Maria afastou a perna da minha.

– Sinceramente, nunca refleti a fundo. Pode ser que sim, pode ser que não. Precisaria absorver melhor os conceitos.

– Não se trata de conceitos, mas de fé.

– De fé podemos ter em várias coisas.

– Mas o Criador é um só. Pedro, eu o considero como um irmão. Mas não pense que há caminhos fáceis para o céu. Não quero ser chato, mas ficaria muito contente se buscasse um caminho. Não falarei mais disso.

– Perfeitamente, então. Apreciou minha singela refeição?

– Claro. Você nos recebeu em sua casa. Até gostaria de antecipar sem nem ter falado com a minha esposa, que quando filho tiver você será o padrinho. Aceitaria, não?

Dado a pergunta à queima-roupa, também disse o obvio:

– Sim. Claro.

Num momento único em que estive sozinho com Maria Tereza, ela pegou em minha mão como a se despedir, mas não a largou. Aproximamo-nos um do outro e dali o breve beijo involuntário aos lábios. Mario chegou em seguida e quase teve o fraga da cena que seria a tragédia.

– Aqui está! É um amuleto de boa sorte e de quando estivemos em Aparecida. Haverá de lhe trazer o bem. Tome! É seu.

– Obrigado.

Finalmente se deram às despedidas.

No trabalho tive o informe da necessidade do corte pela alegação de contenção de despesas. Vinte por cento dos funcionários seriam demitidos. Da conta isso representaria apenas uma pessoa da minha equipe. Coube eu então escolher entre um senhor, um velho experiente do jornal em fase de aposentadoria ou uma menina universitária chata, mas motivada ou o simpático e limitado bom moço Valdir, que também era casado ou o meu recente amigo Mario Dudamel. Havia a assistente temporária, mas essa não contava. Do Mario pensei automaticamente em sua esposa Maria e do futuro ao que se daria de um novo encontro entre nós. Pensei no inconcebível e do que eu seria capaz. Diante disso tomei minha decisão.

– Pois não Doutor?

– Sente-se.

– Obrigado. A Maria Tereza enviou-lhe aquela torta especial. Está aqui comigo.

– Agradeça-a em meu nome.

– Claro. O que é? Seria a reportagem? Estava pensando e se poderíamos fazer uma seqüência. Seria semanal. O que acha?

– Uma boa idéia.

– Sim! Temos vários pontos a explorar. Vai arrebentar.

– Com toda certeza. Sei de sua competência.

– Obrigado. Por que me chamou Pedro?

Raramente ele me chamava pelo primeiro nome. Estranhei e fiquei o olhando por alguns segundos. Depois sem cerimônia disse de uma vez:

– Vou ter que dispensá-lo.

– Como? Não entendi.

– Está despedido. É isso.

– Mas por que?

– O jornal está cortando despesas e a mim coube escolher alguém. Esse um foi você.

– Eu? Mas o Moacir está se aposentando.

– Eu ainda vou precisar dele. E enquanto puder tê-lo, vou mantê-lo. Ele nesse momento e pela experiência é imprescindível.

– Mas e o Valdir?

– Acabou de ter um filho. Não seria justo. Sinto, mas minha decisão já está tomada e é irrevogável.

Só estou te comunicando.

– Mas éramos amigos...

– Não desejo ofendê-lo, mas eu nunca fui seu amigo. No máximo um colega de trabalho e mais do que isso, seu chefe. Por favor, trate imediatamente de procurar a Shirley no RH (Recursos Humanos) e esvazie a sua mesa.

Nunca recebi um olhar tão imbróglia. Mario não falou mais nada e até estendeu a mão em despedida e eu retribui, mas ele demorou a soltar e continuou a olhar fixo em meus olhos. Não consegui definir o seu sentimento além da surpresa estampada em seu rosto e se estava com raiva, ódio, decepção ou quem sabe amargura. Talvez fosse algo pior, o desprezo. Pois se a isso fosse seria o justo e a medida certa e mais terrível para comigo.

O frio do inverno havia chegada e as temperaturas caíram. Tomei o banho e a vermelhidão do peito ao dorso que me consumia e num ataque violento de coceira. Não resisti e deixei a pele quase a sangrar. Depois, passei uma pomada para atenuar, mas o mal já estava feito. Uma febre repentina se deu e a dificuldade de dormir. Da inquietude, busquei dois copos de uísque para anestesiá-lo o corpo ou quem sabe a mente e para me tirar brevemente do mundo e esquecê-lo. Era o início de uma noite inglória. Finalmente adormeci ou cochilei, não sei e sonhei.

“O que fazes meu filho?”

Era o meu pai que retornava do mundo dos mortos. Nem lhe respondi, apenas mantive aquele meu olhar de garoto perdido quando ele costumava me repreender na infância. Mas ele não me deixou em paz.

“O que procura tanto?”

Permaneci calado e na aparente postura subserviente.

“Sejais corajoso e olhai para dentro de si.”

Estava encurralado e já próximo do precipício. Talvez preferisse pular ao abismo do que encarar ao meu pai. Ele percebeu:

“Não faça isso.”

Mas já era tarde. Eu pulei do penhasco. Acordei ao grito de desespero e a me coçar mais ainda. Levantei-me e pelas unhas que estavam vermelhas e dos arranhados do corpo. Vesti uma camiseta e uma calça jeans qualquer. Agonizante eu segui para a janela e recebi o vento gelado ao abri-la, mas a isso ainda era pouco. Percebi também as feridas cutâneas que surgiram inesperadamente embaixo do braço, nas axilas e que uma delas sem quase apalpar estava a soltar pus. Era o declínio do corpo. Freneticamente pela perda da noção continuei e mesmo descalço ou descuidado deixei o meu apartamento com a porta aberta. Entrei no elevador e já estava na recepção. O porteiro me viu.

– Doutor! Está tudo bem?

– Sim Messias.

– Aonde o senhor vai nessa hora da madrugada?

Tinha-se uma chuva rala e ventava.

– Preciso dar uma volta.

– Não seria melhor uma blusa?

– Estou acostumado.

O porteiro estranhou e acho que notou meus pés descalços.

– Vai voltar logo?

– Acho que não. Na verdade acho que nem voltarei.

E sai, pois Messias mesmo preocupado pela possível loucura de um homem não poderia me impedir. Sai na rua e tomei um destino qualquer em meio ao frio que se fazia naquela madrugada. Do meu destino, pelo falecimento do meu pai, de minha mãe distante e abandonada, quase uma estranha, do meu doutorado

não terminado, de minha carreira de jornalista não resolvida, de minhas aulas que viraram uma comédia, dos meus casamentos errantes e as inúmeras mulheres outras consumadas... De Sara a única mulher que amei, do meu plano de vida falido, dos meus amigos que nem chegaram a serem amigos. Tudo isso se dissipou. Eu já não era mais somente o que eu tentei ser ou fui, mas tão somente eu mesmo e despido e a andar livre pelo mundo e quisera que assim fosse e para sempre.

Mensagem para Sara

– Não entendi a sua escolha.

– É apenas uma peça.

– Sim, mas de Sara Scherer.

– É que eu a admiro.

– Nunca soube dessa sua preferência.

– É que ela é incrível e uma grande atriz.

– Concordo, pois também acho dela ser uma excelente atriz, mas a outra peça era uma comédia e mais ao nosso gosto. Seria bem mais divertido.

– Claro, mas podemos ir depois, quem sabe no outro final de semana. A comédia não sairá de cartaz tão cedo. A peça de Sara é curta temporada e falaram super bem dela. Não fique triste.

– Não estou. Ok, tudo bem. Desta vez concordarei contigo, mas da próxima será a minha vez.

– Evidente.

Não era dado às artes e dificilmente haveria de fazer um programa daqueles com a minha esposa, mas era providencial e necessário pela oportunidade. Depois de muito tempo a grande diva estava a atuar em nossos palcos novamente. Sentamos na terceira fileira e bem de frente ao palco. Logo o espetáculo deu início e foi um deslumbre apaixonante admirar a interpretação de uma grande e consagrada atriz sexagenária. Realmente não era uma comédia, mas um drama familiar que relatava à perda de um filho e que voltava do além para guiar os pais desencontrados. Não sei, mas nem sou tanto de me emocionar, mas chorei à surdina e quando minha esposa olhou para mim, disfarcei.

– O que está acontecendo que você está estranho hoje?

– Nada. Nada não. Gostou da peça?

– Sim. Foi bem emocionante.

– Então valeu a pena?

– Se quer saber, valeu sim. Não pensei que seria, mas foi. Ela é tudo aquilo que dizem e muito mais.

Só me pareceu não tão nova.

– Mas ela já tem certa idade.

– Eu sei. É que no cinema ela parecia tão mais bonita e jovem.

– É que você está falando daquele filme que tem dez anos.

Minha esposa deu risada.

– É verdade. Que idiota eu sou.

– Não diga isso.

– Se eu fosse ela nem voltaria. Acho Paris tão glamoroso.

– Você e todas as demais mulheres.

– Seu bobo!

– Que tal fazermos uma boquinha?

– Mas e as crianças? Não podemos chegar tarde.

– Já devem estar dormindo, mas levamos alguns doces assim mesmo. A tia Clara, eu aposto que vai gostar. Isso, eu quero dizer, se não dormiu antes deles.

– Nossa! Mas ela está fazendo um favor e é dever dela cuidar deles.

– Eu sei. Estou brincando.

Passei uma semana pensando naquilo e em Sara, que era uma mulher sem nenhuma dúvida carismática e hipnotizante. Busquei outras coisas e a tudo procurei, como até das fotos dela quando jovem. A internet entrega tudo. Sara Wolfgang Maia, seu nome quando do primeiro casamento com Pedro de Paula Maia, alguém bem conhecido quando de minha juventude.

Sara depois mudou de nome ao se casar com um francês, um diretor de cinema e por lá, onde nos ares europeus participou de alguns filmes franceses. Nem todos bons, mas teve um sublime e que eu adorei. Também teve uma filha e depois seu casamento naufragou. Regressou ao Brasil e reergueu a sua carreira e com o mérito de ter sido aclamada internacionalmente. Para a televisão fez apenas uma única novela, mas não gostava do gênero, pois ao que sempre declamou sobre o seu amor incondicional ao teatro, local maior onde os grandes atores se apresentam. Essa era a frase recorrente de sua própria autoria. Realmente uma mulher admirável e fascinante. Esse era o mito. Porém quanto mais próximos chegamos do humano, da pessoa de carne e osso, mais o mito desaparece. Continuei incomodado e ainda mais quando reli aos manuscritos já amarelados de além de décadas e revi uma meia foto queimada. Novamente estava eu a me importar com aqueles escritos, um livro perdido de um homem que há muito se foi. Aquilo continuava a ser algo que precisava de um fim.

Fiz o imponderável e estranho pedido. Não sei do motivo, mas para mim era importante.

– O que se passa, querido?

– Estava a lembrar do farol.

– E o que têm?

– Algo não terminado.

– Não estou te entendendo.

– Preciso voltar e visitá-lo.

– Vai viajar agora?

– Poderia vir comigo. Um fim de semana com no máximo uma sexta. Estaria a conhecer onde eu vivi com meus pais.

– Que coisa estranha! É saudosismo?

– Não. Talvez um pouco.

– Então o que é? Por que disse agora? Fica difícil tentar te compreender se não me fala.

Bia concordou assim mesmo e sem eu dar mais explicações. Levamos as crianças.

– Foi aqui papai?

– Sim querida. Foi aqui que papai cresceu.

– Mas sem ninguém?

Exatamente. Parecia que o tempo não havia passado.

– Vamos dar uma volta.

Alcançamos o farol, agora uma ruína. Fomos onde era a nossa casa e chegando lá só vimos escombros e a areia que invadiu a tudo. Foi uma decepção. O tempo e o vento a tudo levam. Haveria de dizer disso e do aprendizado sobre da grande obra de Érico Veríssimo. Sim, eu ainda gostava muito de ler.

– Meu marido, vejo que não encontrou ao que veio buscar. Não deseja se abrir comigo?

Minha esposa era muito perspicaz.

– Agradeço por ter me apoiado.

Foi tudo ao que lhe disse. E nem sei dos motivos, daquilo que escondi de minha esposa, pois seria

pueril, mas é que me sentiria traidor se eu revelasse a alguém. Era como se fosse um segredo involuntário sem nem ao menos ter existido um pacto formal. Não gostaria de decepcionar a Pedro. Por isso mantive aquele tipo ou espécie de código de conduta como em respeito para com a sua memória, aquele quase desconhecido, que numa época distante fomos próximos ou ao menos num breve espaço de tempo.

Voltamos a São Paulo e eu formei um pensamento e que o coloquei em prática. Acho que eu devia isso a ele.

Dia de semana e sozinho e novamente estava eu na mesma peça de teatro, a derradeira e última apresentação. Para minha esposa dei-lhe uma desculpa que estaria com o Tavares, um amigo nosso da família e a prestar-lhe uma ajuda num comércio que ele estava a montar. Em parte era verdade, mas não naquele dia. Pedi do favor dele me acobertar.

– Mas é mulher?

– Como?

– Está saindo com outra?

– Claro que não. Não sou maluco se amo minha esposa.

– Então o que é?

Tive, acho, mais trabalho em convencê-lo sobre as minhas brandas intenções do que se fosse com a minha própria mulher. Por fim, disse-lhe meia verdade e que eu precisava ver aquela peça novamente pela mensagem espiritual. Ele não entendeu e também nem me esforcei para que ele entendesse. Era desnecessário. Acompanhei todo o espetáculo e novamente me emocionei. Ao fim e como da outra vez, o público aplaudiu Sara em pé. Quando a sala esvaziou, eu ainda permaneci e foi o momento que eu a procurei. Pedi a autorização e após insistir me deixaram passar. Na porta de seu camarim algumas pessoas a transitar e a lhe parabenizar pela grande atuação. Levavam-lhe flores e presentes. Mas eu tinha outra coisa para lhe entregar debaixo do braço.

– E quem é você? É um fã?

Era alguém, apenas um possível assessor da atriz.

– Eu só quero entregar esse envelope.

– Pode deixar comigo.

– Desculpe, mas tenho que entregar pessoalmente.

Ele olhou para mim e me mediu dos pés a cabeça.

– E o que é?

– Algo pessoal. Ela saberá.

– Posso ver?

– Sim. Desde que não abra o envelope. Não se preocupe, pois é apenas papel. Trata-se de um livro com uma foto.

Ele me olhou demoradamente.

– Está bem. Espere um momento.

O rapaz entrou na sala e eu aguardei. Dali a pouco algumas pessoas deixaram o camarim e o sujeito voltou.

– Pode entrar, mas a porta ficará aberta.

– Não tem problema.

Entrei e Sara estava de frente ao espelho e fumando.

– Sim.

Mas nem olhou para mim.

– Tenho algo guardado comigo por muito tempo, que acho que te pertence. Julgo que a senhora deva ser a pessoa certa.

Ela se virou em minha direção.

– E o que é isso?

– Lembranças, apenas isso. Mas é subjetivo e para a senhora pode ser algo mais. Sou seu fã.

– Não deseja um autografo?

– Não, mas agradeço a cordialidade. Boa sorte para a senhora!

Dei-lhe o envelope em mãos, mas sai antes dela abrir. Tomei o caminho de casa, mas antes passei na doceria e para comprar quitutes para toda a minha família que eu amava.

Apenas um grão de areia
um grão a cada hora
que levado pelo vento
na mão não retorna

F I M

O autor

escritorlvendramel@hotmail.com

Todos livros na www.amazon

- A Confissão do Diabo (Trilogia da Alma Errante - I)
- A Morte Presumida (Trilogia da Alma Errante - II)
- O Vale da Águia (Trilogia da Alma Errante - III)
- Contos Reais de um Mundo Imaginário - I, II e III
- Um Homem Chamado Gibson
- Introspecção e Vida Passageira
- Kidati 1: O Assassino Oculto
- Fobia
- O Caminho de Lázaro (Ensaio e Reflexões sobre o Espaço e o Tempo - I)
- O Degrado (Ensaio e Reflexões sobre o Espaço e o Tempo - II)
- De Volta ao Lar (Ensaio e Reflexões sobre o Espaço e o Tempo - III)
- Não Amarás
- Sobre o Amor...
- O Homem Só
- A Essência do Bem
- A Tormenta e a Fé
- O Retorno de Gibson
- Kidati 2: O Vale das Sombras
- Anjo, Demônios e Lagartixas
- Um Homem Bom
- Além das Flores do Meu Jardim

- A Alma Suspensa.
- Pensamentos Esparsos e Antagônicos
- A Cidade dos Bárbaros
- Civilizações Perdidas, Amores Incompletos
- A Experiência Anacrônica
- Cores, Flores e Canções
- Relatos Insipientes
- Nunca mais outra vez
- O Escritor: O tesouro perdido de Natan Ramos
- Transição planetária